



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**  
**CURSO DE MESTRADO**

**Jôse Peixoto da Rocha Souza**

**Os homens do Século XXI no cuidado dos filhos: um papel social em aberto**

Rio de Janeiro

2010

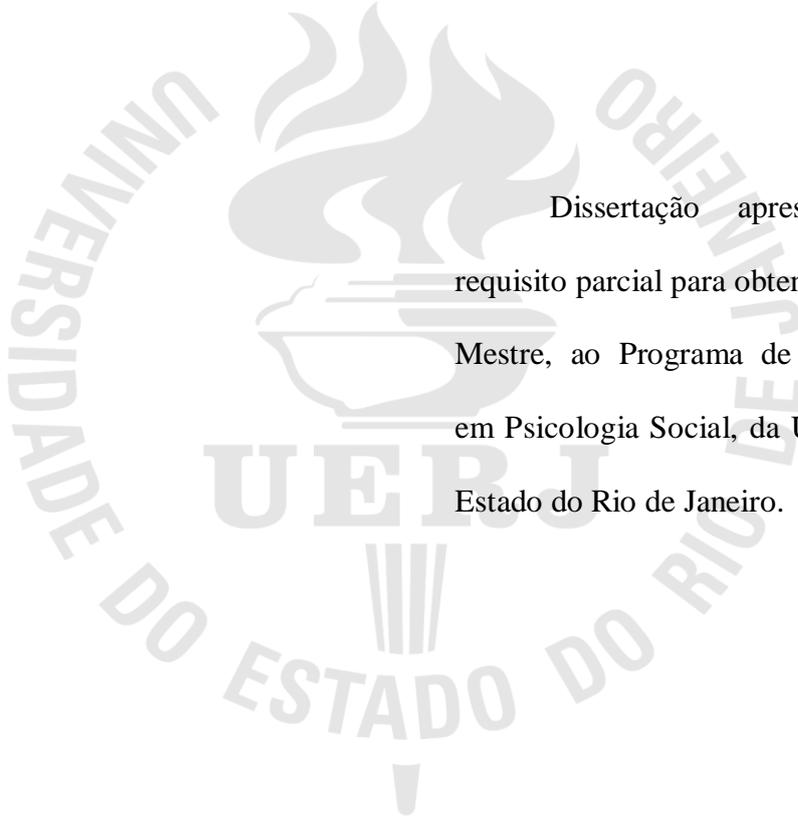
# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Jôse Peixoto da Rocha Souza

**Os homens do século XXI no cuidado dos filhos: um papel social em aberto**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Donato Oliva

Rio de Janeiro

2010

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ /REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S729 Souza, Jôse Peixoto da Rocha.  
Os homens do século XXI no cuidado dos filhos : um papel social em aberto / Jôse Peixoto da Rocha Souza. - 2010. 127 f.

Orientadora: Angela Donato Oliva.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.

1. Responsabilidade paterna – Séc. XXI - Teses. 2. Psicologia genética – Teses. 3. Pais e filhos – Teses. I. Oliva, Angela Donato . II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

dc CDU 159.922.7

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Jôse Peixoto da Rocha Souza

**Os homens do século XXI no cuidado dos filhos: um papel social em aberto**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

Aprovado em \_\_\_\_\_

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Donato Oliva  
(PPGPS/UERJ – orientadora)

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Maria Ramos de Vasconcellos  
(UERJ – examinadora)

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Deise Maria Leal Fernandes Mendes  
(UERJ – examinadora)

Rio de Janeiro

2010

## DEDICATÓRIA

Ao Joseph, meu amado, palavras não podem exprimir o quanto sou grata pelo seu carinho, companheirismo e compreensão nesta jornada.

Aos meus pais, que não são “suficientemente bons”, são os melhores que alguém poderia ter.

## **AGRADECIMENTOS**

A professora Angela Donato Oliva pela amizade, oportunidade, confiança, e paciência ao me orientar.

A professora Vera Vasconcellos, que desde o início da graduação, foi como uma mãe, sempre apoiando e incentivando. E com seu exemplo, despertou em mim, a vontade de querer ser mestre.

A professora Maria Lúcia Seidl de Moura pela forma carinhosa com que partilha seu conhecimento.

A professora Deise Mendes por me honrar com a aceitação do meu pedido para fazer parte da Banca examinadora.

A professora Luciana Fontes Pessoa, por sua generosidade em ajudar, a quem eu sou grata em ter conseguido ingressar no mestrado.

Aos colegas de Mestrado, em especial a Priscila Tenenbaum por sua amizade e Aline Melo por toda ajuda e ombro amigo.

A Cristina por seu incentivo e boa vontade em ajudar com o SPSS. E ao Josemberg pelo suporte com a parte Estatística.

A todos os amigos que me ajudaram nas indicações para a coleta de dados, em especial a amiga Lethícia Mallet que não mede esforços em me ajudar e apoiar, sendo mais que uma amiga, uma verdadeira irmã.

A todos que gentilmente participaram da pesquisa.

A Alice e Octacílio, por dividirem comigo sua jóia mais preciosa. Pelo carinho, apoio e por procurarem sempre facilitar a minha rotina nesta jornada.

Não me cabe conceber nenhuma necessidade tão importante durante a infância de uma pessoa que a necessidade de sentir-se protegido por um pai.

*Sigmund Freud*

## RESUMO

SOUZA, Jôse Peixoto da Rocha . *Os homens do século XXI no cuidado dos filhos: um papel social em aberto*. Dissertação ( Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

No século XXI podemos caracterizar as relações por sua complexidade, o que se expressa em diferentes aspectos, como nas relações familiares, sociais, valores, crenças. Sendo assim, fatores como gênero, transgeracionalidade e a coexistência de antigos padrões e novas demandas relacionais, compõem a construção dos papéis contemporâneos. E dentre um dos mais importantes papéis desempenhados pelo homem, podemos citar o de pai, com isto. Dessa forma, com base nas necessidades e na carência de literatura sobre o papel atribuído a este “novo” pai, o presente trabalho pretendeu investigar os aspectos semelhantes e diferentes nas crenças de homens e mulheres de gerações distintas. Participaram desta pesquisa 100 pessoas residentes na cidade de Magé (estado do Rio de Janeiro), divididas em quatro grupos (25 por contexto: gênero e idade, grupos de 25 a 35 anos e 55 a 65 anos). O estudo incluiu questionário sociodemográfico, questionário sobre Função Paterna, aplicação da Escala sobre Crenças e Práticas Paterna (ECPP) e Escala sobre Crenças e Práticas Paterna – Pretéritas (ECPP-P). Os resultados mostraram concordâncias e divergências, tanto entre os gêneros quanto entre as gerações, mas acreditamos que discussões como estas propiciam novos entendimentos acerca das práticas parentais paterna.

Palavras chave: comportamento paterno – modelos culturais – psicologia evolucionista

## **ABSTRACT**

In the twenty-first century we can characterize the relations of its complexity, which is expressed in different ways, such as family and social relations, the values and beliefs. Thus, factors such as gender, transgenerationality and coexistence of old patterns and new relational demands, compound the construction of contemporary roles. And among the most important roles played by man, the father's one deserves. Therefore, based on the needs and the shortage of literature about the role attributed to this "new" father, this paper was intended to investigate the similarities and differences in men and women beliefs of distinct generations. This study counted with the participation of 100 people living in the city of Magé (state of Rio de Janeiro), divided into four groups (25 per context: sex and age group, 25-35 years and 55-65 years). The study included sociodemographic questionnaire, Paternal Function questionnaire and the application of Paternal Beliefs and Practices Scale and Past-Paternal Beliefs and Practices Scale. The results show agreement and disagreement, both between genders and generations, but we believe that discussions such as these provide new understandings of paternal parenting practices.

Keywords: paternal behavior - cultural models - Evolutionary Psychology

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Nicho de Desenvolvimento .....	27
Figura 2:	Modelo Teórico das Etnoteorias Parentais, Práticas e Conseqüências Desenvolvimentais .....	29
Figura 3:	Modelo de Transmissão de Informação Inter e Intrageracional (Keller, 2002).....	38
Figura 4:	Mapa do Estado do Rio de Janeiro, em vermelho o município de Magé.....	50
Figura 5:	Pirâmide Etária .....	50

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Lembrança (grupo 1) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 e 10 anos.....	72
Gráfico 2:	Lembrança (grupo 2) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 - 10 anos.....	72
Gráfico 3:	Lembrança (grupo 3) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 - 10 anos.....	72
Gráfico 4:	Lembrança (grupo 4) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 - 10 anos.....	73
Gráfico 5:	Como eram os pais dos participantes (grupo 1).....	73
Gráfico 6:	Como eram os pais dos participantes (grupo 2).....	74
Gráfico 7:	Como eram os pais dos participantes (grupo 2).....	74
Gráfico 8:	Como eram os pais dos participantes (grupo 4).....	75
Gráfico 9:	Como acreditam que um pai deve ser (grupo 1).....	75
Gráfico 10:	Como acreditam que um pai deve ser (grupo 2).....	76
Gráfico 11:	Como acreditam que um pai deve ser (grupo 3).....	76
Gráfico 12:	Como acreditam que um pai deve ser (grupo 4).....	76

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Delineamento da Pesquisa (N=100).....	57
Tabela 2:	Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas (N = 100).....	65
Tabela 3:	Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 1.....	67
Tabela 4:	Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 2.....	68
Tabela 5:	Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 3.....	70
Tabela 6:	Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 4.....	71
Tabela 7:	Comparação de médias de respondentes por sexo nas subescalas da ECPP..	82
Tabela 8:	Comparação de médias dos respondentes por sexo nas subescalas da ECPP-P.....	82
Tabela 9:	Comparação de médias dos respondentes por geração nas subescalas da ECPP.....	83
Tabela 10:	Comparação de médias dos respondentes por geração nas subescalas da ECPP-P.....	83
Tabela 11:	Comparação de médias dos respondentes por grupo (geração e sexo) nas subescalas da ECPP.....	84
Tabela 12:	Comparação de médias dos respondentes por grupo (geração e sexo) nas subescalas da ECPP-P.....	85
Tabela 13:	Correlação entre escolaridade dos pais e as subescalas de ECPP e ECPP-P..	85
Tabela 14:	Correlação entre renda familiar e as subescalas de ECPP e ECPP-P.....	86

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	15
1	<b>A PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA E CRENÇAS PARENTAIS PTERNAS.....</b>	18
1.1	<b>A perspectiva evolucionista.....</b>	18
1.2	<b>Cuidados parentais.....</b>	23
1.3	<b>Etnoteorias parentais.....</b>	25
1.4	<b>Modelo de Harkness e Super.....</b>	27
1.5	<b>A contribuição de Heidi Keller.....</b>	30
1.6	<b>Uma nova paternidade?.....</b>	33
2	<b>A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL E A PTERNIDADE.....</b>	35
3	<b>DIFERENÇAS DE GÊNERO E CUIDADOS PARENTAIS.....</b>	41
4	<b>CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA.....</b>	50
4.1	<b>História.....</b>	51
4.2	<b>Geografia.....</b>	52
4.3	<b>Economia.....</b>	52
4.4	<b>Personalidades.....</b>	53
4.5	<b>O cotidiano da cidade.....</b>	54
5	<b>OBJETIVOS.....</b>	56
6	<b>MÉTODO.....</b>	57
6.1	<b>Participantes.....</b>	57
6.2	<b>Instrumentos.....</b>	58
6.2.1	<u>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</u>	58
6.2.2	<u>Ficha de identificação.....</u>	58
6.2.3	<u>Dados sociodemográficos.....</u>	58
6.2.4	<u>Questionário função paterna.....</u>	58
6.2.5	<u>Escala sobre crenças e práticas paterna (E CPP).....</u>	59
6.2.6	<u>Escala sobre crenças e práticas paterna - pretéritas (E CPP-P).....</u>	60
7	<b>PROCEDIMENTOS.....</b>	61
7.1	<b>Coleta de dados.....</b>	61
7.2	<b>Análise de dados.....</b>	62

8	<b>RESULTADOS</b> .....	64
8.1	<b>Dados sociodemográficos</b> .....	64
8.2	<b>Questionário função paterna</b> .....	71
8.2.1	<u>A lembrança a respeito da figura paterna</u> .....	71
8.2.2	<u>Como era o pai (dos sujeitos da amostra)</u> .....	73
8.2.3	<u>Como um pai deve ser</u> .....	75
8.2.4	<u>Questionário função paterna (questões abertas)</u> .....	77
8.3	<b>Escalas (ECPP e ECPP-P)</b> .....	81
9	<b>DISCUSSÃO</b> .....	87
10	<b>CONCLUSÃO</b> .....	91
11	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	93
12	<b>ANEXOS</b> .....	102

## APRESENTAÇÃO

O interesse pelo tema proposto surgiu a partir da confluência de três experiências profissionais. A primeira teve início na graduação, com a participação em pesquisas sobre Relação Mãe e Bebê e “Tempo para Família” na creche da Universidade Federal Fluminense, e em todos os estudos e pesquisas a participação paterna era colocada em segundo plano ou não era considerada relevante, cabe ressaltar, que a observação deste fato se deu posteriormente às pesquisas, quando já não estava mais na graduação.

A segunda experiência, a qual me fez, a partir daí, refletir sobre o tema, foi o trabalho como psicóloga clínica, trabalhando com crianças. Neste trabalho, 80% da demanda envolviam questões desencadeadas a partir da ausência paterna. Paralelamente a isso, as conversas com meu noivo (hoje marido), que é advogado, sobre guarda de filhos entre casais separados, guarda compartilhada, e demais assuntos em torno desta temática, onde discutíamos quem seria mais apto a cuidar dos filhos, contribuíram para aumentar meu interesse pelo tema. Comecei a analisar as modificações sofridas pelas famílias e a perceber as mudanças nos papéis materno e paterno, com a entrada da mulher no mercado de trabalho e um crescente interesse dos pais no contato mais próximo com os filhos.

Por fim, cursando uma Pós Graduação *lato sensu* em Desenvolvimento Infantil, desenvolvi meus estudos de monografia em torno da guarda de filhos e da função paterna. Este estudo suscitou a abertura para mais questionamentos, que somados ao meu interesse em ingressar no mestrado, me fizeram partir deste ponto para tentar identificar e investigar se há uma mudança, entre gerações diferentes, na forma de pensar o papel do pai. As seguintes questões foram formuladas: Quais seriam as atribuições do pai no cuidado com os filhos? Se as mulheres possuem um posicionamento diferente dos homens a cerca das atribuições do pai. Que crenças envolvem os cuidados parentais paternos e quais seriam estas? Aliei estes questionamentos aos aspectos estudados na linha de pesquisa “Processos Sociocognitivos e Psicossociais”. Identificando-me com a professora Angela Donato Oliva e sua área de interesse, já que pretendo desenvolver esta pesquisa com base na teoria evolucionista, considerando o papel do pai através de uma ótica social, histórica e biológica.

Revisando a literatura existente sobre o tema, percebi a relevância do papel paterno e da participação do pai nos cuidados com os filhos, compreendendo o desenvolvimento infantil nos aspectos cognitivo, social, afetivo e moral. Porém, verifiquei que grande parte dos trabalhos e estudos relacionava-se aos cuidados parentais, dando ênfase ao papel materno. Os

estudos que contemplam especificamente o papel do pai são relativamente recentes, no Brasil este enfoque foi dado há aproximados quatro anos, porém não foi encontrado nenhum estudo que descreva especificamente as atribuições e crenças sobre os cuidados paternos relacionando estes com diferenças geracionais no Estado do Rio de Janeiro. Ter constatado uma lacuna na literatura, no que se refere às mudanças geracionais e atribuições paternas, as crescentes mudanças nos papéis sociais, reforçaram ainda mais a minha vontade de estudar e pesquisar o tema proposto. Investigando se aspectos como gênero e geração distinta influenciam as crenças sobre cuidados e práticas paternas, poderemos identificar questões que norteiam o desenvolvimento humano, contribuindo para um melhor entendimento dos papéis sociais na família e como estes podem influenciar positivamente o desenvolvimento infantil, além de abriremos portas para posteriores estudos.

## INTRODUÇÃO

O estudo do comportamento parental tem sido de interesse de pesquisadores por muitas décadas. Parte deste interesse é motivado pela existência de diferentes teorias que procuram investigar a natureza das situações vividas durante a infância e os possíveis efeitos que possam ter sobre as esferas cognitiva, emocional e social da criança, desde sua concepção até a vida adulta, que visam o seu desenvolvimento.

No desenvolvimento humano um dos aspectos mais relevantes é o período prolongado de imaturidade e dependência (Bjorklund, 1997), o qual possui implicações no modo como as pessoas vivem. Durante o desenvolvimento físico e psicológico para atingir a idade adulta, o ser humano, por ser dependente e imaturo em seu estágio inicial, necessita de cuidados e da presença de adultos que forneçam as condições de sobrevivência. Isto é geralmente propiciado por seus genitores e sua família, sendo que cada membro desta apresenta peculiaridades no modo de interagir.

Na sociedade do final do século XX e início do século XXI ocorreram grandes modificações na organização familiar. A família nuclear, constituída de pai-mãe-filhos sofreu alterações. Os membros desta passaram a assumir diferentes atribuições e responsabilidades que antes eram compreendidas como normativas do comportamento de um dos progenitores somente; como o cuidado com higiene e alimentação ser atividade exercida exclusivamente pela mãe, ou a provisão de recursos financeiros ser uma atribuição do pai. Estas modificações ocorreram também na legislação Brasileira, com alterações no código civil, onde se discute a igualdade de direitos sociais entre homens e mulheres. Contudo, esta igualdade de direitos é por vezes entendida como igualdade de comportamentos. Fica subentendido que o pai deveria agir da mesma forma que a mãe (Álvares, 2003). Porém modificações na legislação não alteram o modo de interação entre as pessoas e a compreensão que elas têm sobre a dinâmica familiar. As atribuições e responsabilidades podem ser redistribuídas, contudo cada progenitor vai estabelecer formas diferentes de interagir dentro da organização familiar.

Para autores de abordagem evolucionista, a relação que um indivíduo de uma espécie em particular estabelece com seu ambiente não possui exclusivamente uma causa próxima. Possui também uma causa última que tem como principal consequência à sobrevivência e a reprodução, ou ainda, a adaptação do organismo ao ambiente. Assim, estes autores sugerem que o comportamento parental e o grau de desenvolvimento do filhote evoluíram

simultaneamente, e que os progenitores procuram adequar o esforço na criação de seus descendentes de acordo com condições ecológicas presentes (Trivers, 1972; Clutton-Brock, 1991; Davis & Daly, 1997; Geary & Flinn, 2001).

A perspectiva evolucionista também propõe um enfoque mais abrangente do problema ambiente/cultura, ampliando seu referencial conceitual com o objetivo de integrar fatores culturais, biológicos e ecológicos. A orientação interacionista da psicologia evolucionista é também evidente ao assumir que sistemas de crenças funcionam como orientadores de práticas de cuidado destinadas à criança. Estudar os sistemas de crenças é a via para relacionar variáveis biológicas e variáveis de contextos ecológicos, como uma forma potencial de prever e explicar diferenças comportamentais entre grupos sociais.

Ampliar pesquisas enfocando a complexa relação entre biológico e o social para promover o melhor entendimento sobre o desenvolvimento é colocado como necessário por Yamamoto e Lopes (2004). Ou seja, o estudo de crenças e práticas permite entender melhor a relação entre homem e cultura e, conseqüentemente, compreender mais sobre comportamento humano. A importância de estudo de crenças parentais para a compreensão do desenvolvimento humano é especificamente relatada no Brasil por Lordelo, Fonseca e Araújo (2000) e por R. C. Ribas, Seidl de Moura e Bornstein (2003) ao demonstrar que os sistemas de crenças parentais têm emergido como um campo de estudo relevante para a compreensão do desenvolvimento por estar diretamente vinculado ao estilo de cuidado dispensado a criança. Com base nestas argumentações pode-se ressaltar a relevância da presente pesquisa, devido à necessidade de mais estudos que investiguem a relação entre a biologia e a cultura, a escassez do estudo de valores, crenças e práticas parentais paternas e a crescente importância de estudos sobre o desenvolvimento humano em diferentes contextos. Existem pesquisas que buscam relacionar valores e crenças dos pais e o comportamento, a saúde e o desenvolvimento dos filhos, ainda que isso não seja fácil de comprovar com dados empíricos (Harkness & Super, 1996).

Para Bornstein (2004) existem fatores que limitam a compreensão do desenvolvimento, e para superar estas limitações e também para investigar aspectos universais e específicos, o autor recomenda estudar o desenvolvimento em vários contextos culturais. Estudar a diversidade é um objetivo desejável em psicologia do desenvolvimento porque, além de contribuir para a produção de conhecimento teórico, pode também fornecer dados para subsidiar políticas públicas e fundamentar propostas de intervenção específicas e mais eficientes para uma determinada região (Lordelo, 2002a, 2002b; Seidl de Moura, 2005).

Comparar o funcionamento de mecanismos psicológicos em contextos culturais distintos permite testar pressupostos universais do comportamento humano e das interações e relações sociais, apontando o papel de culturas específicas nesses processos, o que resulta em importantes dados para a compreensão do desenvolvimento humano (Trommsdorff, 2002). Como estudar o desenvolvimento humano não é uma tarefa simples, autores expressam, de forma bastante clara, que um desafio para os pesquisadores consiste em intensificar estudos envolvendo diferentes culturas com o objetivo de produzir resultados passíveis de generalização, que possibilitem testar teorias e hipóteses com relação às variações do funcionamento dos mecanismos psicológicos e comparar as diferenças e semelhanças entre as culturas (Aspesi & cols, 2005; Bornstein, 2004; Ferreira, Assmar & Souto, 2002; Harkness & Super, 1996; Wagner & Bronberger, 2001; Yamamoto, 2005).

Além disso, é possível ainda perguntar: por que estudar valores, crenças e práticas parentais? Vários autores apresentam diferentes respostas que são complementares. Lordelo (2002b) responde que a espécie humana é caracterizada pelo alto investimento parental (definido normalmente em termos quantitativos: maior/menor cuidado físico/psicológico destinado à prole) que precisam ser investigados. Saraswathi (2001) afirma que estudo de valores, crenças e práticas parentais em diferentes culturas e o impacto que têm sobre o desenvolvimento da criança, produziu até hoje dados que buscam explicar práticas universais e culturalmente diferenciadas, mas ainda precisam ser ampliados. Além disso, o estudo das crenças parentais proporciona avanços na compreensão das relações mútuas que são estabelecidas entre a cultura e o indivíduo. E Goodnow (1996) descreve que estudar as idéias dos pais permite: compreender aspectos da cognição dos adultos e a influência da cultura de desenvolvimento da identidade pessoal, entender as ações, conhecer melhor o contexto de desenvolvimento da criança e acessar o processo de transmissão e transformação cultural.

A figura paterna possui um papel significativo na tarefa de criar e educar os filhos, não como reflexo ou substituição da interação entre mãe e a criança, mas sim como relevante para o desenvolvimento da criança (Ades, 1998). Uma vez que a presença ou ausência paterna altera o contexto de desenvolvimento infantil (Bronfenbrenner, 1996; Lamb, 1997; Veneziano, 2003, Rohner & Veneziano 2001). Com base no exposto, e verificando na contemporaneidade a importância de redefinir o papel do pai, percebemos a relevância deste estudo, em identificar, contextualizar e definir quais são as crenças e práticas paternas do pai do século XXI.

## 1 A PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA E CRENÇAS PARENTAIS PATERNAS

### 1.1 A Perspectiva Evolucionista

A Perspectiva Evolucionista é uma abordagem que busca nos princípios da teoria da Evolução explicações para a compreensão do ser humano em sua estrutura física e comportamental. A idéia básica da evolução diz respeito ao fato dos seres vivos mudarem com o tempo devido às pressões ambientais, tornando-se adaptados às condições do ambiente (Gould, 1997). Vale ressaltar que o mecanismo para mudança de estruturas físicas e padrões comportamentais do ser humano, assim como outros organismos vivos foi chamado por Darwin (1995), de “seleção natural”. O processo de seleção natural é resultado da sobrevivência de organismos que melhor se adaptaram ao ambiente. Assim, os organismos que agruparem o maior número de características bem adaptadas levarão vantagem ao disputar o acesso aos recursos do meio e tais características serão repassadas às novas gerações.

Culturalmente, é o contexto familiar que funciona como matriz essencial do desenvolvimento humano, tendo sido o elemento crucial sobre o qual ocorreu a pressão seletiva na evolução natural do homem (Bussab, 2000). Segundo a autora, nenhuma sociedade humana desconsidera o parentesco na constituição de seus laços afetivos, existindo predisposições naturais no ser humano para a vinculação familiar, como sugerem estudos sobre apego, adoção e cuidados com a prole. De acordo com Bussab (2000), *“Parentescos são avaliados por diversos tipos de informações, desde quem cresce junto, quem se parece com quem, quem compartilha conosco valores e experiências e finalmente a quem somos apegados”* (p.6).

A autora observa ainda que *“tal abordagem convida a considerações sobre o ambiente natural em contraste ao ambiente contemporâneo de desenvolvimento”* (p.06) apontando para a formação do apego como essencial aos processos de coesão, bem como sugerem a importância do entendimento aprofundado do processo de vinculação afetiva.

Para alguns estudiosos da Perspectiva Evolucionista (Bussab, 2000; Prado & Vieira, 2004) é importante descobrir, entender e mapear o *design* (forma) da mente humana a fim de compreender seus mecanismos de processamento de informação que selecionam estímulos do ambiente, interferindo no desempenho comportamental e são úteis para resolver problemas

adaptativos. Segundo Piovanotti (2007) um aspecto a ser considerado com relação à teoria da evolução, que será necessário para a compreensão do foco de estudos da Psicologia Evolucionista, consiste no fato de que o que é selecionado são os mecanismos psicológicos que produzem comportamento, e não o comportamento em si. Por exemplo, ao falar da seleção natural, torna-se inadequado pensar em objetivos ou intenções desse processo evolutivo, quando o que está em cena são resultados, efeitos e funções das características físicas e comportamentais da espécie, ao responder às pressões e necessidades geradas pelo meio em que está inserida. De acordo com Bussab (2000); Vieira (2000) e Prado (2005), a perspectiva evolucionista enfatiza que o comportamento humano é determinado por fatores biológicos e sociais. Os conceitos que explicam a relação entre estas dimensões são: explicações próximas e últimas dos comportamentos.

As explicações próximas são fatores imediatos que buscam explicar as razões que levam pessoas e animais a se comportarem da forma como o fazem. São eles: estímulos fisiológicos, período sócio-histórico e condições ambientais atuais. Já as explicações últimas surgiram em algum momento da história evolutiva, portanto, são consideradas características da espécie e estão presentes no organismo, tais como: tendências motivacionais específicas, períodos sensíveis, sensibilidade diferenciada aos estímulos e pré-organizações de processos de aprendizagem. As causas últimas do comportamento mantiveram-se dentro do repertório comportamental da espécie, segundo Bussab (2000), porque serviram para a melhor adaptação do organismo ao ambiente.

Conforme descrito anteriormente, dentro dessa perspectiva consideram-se tanto as predisposições biológicas quanto as características gerais do comportamento humano em diferentes contextos, buscando saber como ocorre a interação entre os fatores específicos da espécie humana e a experiência pessoal, ou seja, a interação entre aspectos filogenéticos e ontogenéticos do comportamento (Vieira & Prado, 2004). A ontogênese, como descrevem Carvalho Neto, Tourinho e Menezes (2005) é um conjunto de processos que atuam sobre o organismo, transformando-o ao longo da vida. E a filogênese, de acordo com os autores citados anteriormente, também é um conjunto de processos que modificam o organismo, mas tais modificações só são perceptíveis após várias gerações e, seu produto, não seria tão evidente quanto na ontogênese. Para Seidl de Moura e Ribas (2009, p. 77), “*pensar em desenvolvimento na ontogênese é pensar em um processo que se dá em um tempo histórico e um contexto, mas antes disso, que é, ele próprio, fruto de uma evolução por seleção natural*”.

O que faz a filogênese é a seleção natural, isto é, um processo natural e mecânico, considerada uma série ou história de eventos no decorrer de um longo tempo e pode nos ajudar a compreender o comportamento de qualquer espécie. Na visão do próprio Darwin o comportamento desempenha um papel central na evolução (Baum, 2006) e a maior parte dos genes herdados foi selecionada ao longo de várias gerações porque promovem comportamentos que cooperam para o sucesso da reprodução e na interação com o ambiente. Nessa linha de análise, um aspecto bastante enfatizado na abordagem evolucionista é a relação entre biologia e cultura, sendo ambas consideradas aspectos em interação de um mesmo processo de desenvolvimento. A seleção natural agiu de forma a favorecer as ligações sociais afetivas, propiciando a iniciação da cultura. O aumento da sobreposição das gerações, a dependência infantil, o apego e os cuidados parentais, o fortalecimento da união afetiva entre homens e mulheres com intensificação da sexualidade e tendência a ligações duradouras levaram ao fortalecimento dos vínculos grupais e à intensificação do viver sócio-afetivo, possibilitando o desenvolvimento da cultura humana. Nesse sentido, o homem é considerado “biologicamente cultural”, termo elaborado por Bussab e Ribeiro (1998) para designar a concepção interacionista de natureza humana. Segundo tais autores, provavelmente assim que os ancestrais humanos desenvolveram uma dependência da cultura para sobreviver, a seleção natural começou a favorecer genes para o comportamento cultural. Isto é, quando a sobrevivência da espécie ficou afetada pela cultura, uma pressão seletiva do comportamento cultural passou a exercer suas forças, criando-se aí um contexto especial de seleção natural. Por esta razão, é esperado que aquelas características favoráveis ao desenvolvimento e transmissão de cultura tenham sido selecionadas. Segundo Laraia (2009) a cultura desenvolveu-se, pois, simultaneamente com o próprio equipamento biológico e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um adequado volume cerebral.

Keller (2007) também parte do pressuposto da existência de uma predisposição biológica humana para adquirir cultura. Para Keller e seus colaboradores (Keller, 2007; Greenfield, Keller, Fuligni & Maynard, 2003), a cultura é entendida como um processo de construção, socialmente interativo, entre dois componentes: práticas culturais (atividades compartilhadas) e interpretações culturais (significados compartilhados). Tais processos são considerados cumulativos, uma vez que ocorrem entre e dentre as gerações. Além disso, eles também se transformam ao longo do tempo, tanto em um único ciclo de vida quanto durante a história. Segundo a autora, o comportamento e os padrões de desenvolvimento refletem

adaptações a demandas do ambiente, de modo que cultura e história cultural são entendidas como epifenômenos que evoluem a partir de processos biológicos, que devem servir primariamente a propósitos adaptativos. Nessa mesma perspectiva, em um trabalho anterior, Keller (1996) explica que a cultura constitui o conhecimento ambiental que deve ser passado de uma geração para a outra. Pode ser entendida como uma tentativa de evitar construções individuais desnecessárias, as quais atrasariam o desenvolvimento ontogenético, porque resumem e conceituam as características contextuais mais estáveis ou mesmo invariáveis. Ao mesmo tempo, a autora considera que tais processos culturais são baseados na natureza biológica humana, ou seja, biologia e cultura não são componentes opostos, mas intrinsecamente relacionados e complementares. Para Laraia (2009) o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo conceituado por ele de *endoculturação*, segundo este autor, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. Laraia relata ainda que entre os índios Tupi o marido pode ser o protagonista mais importante do parto, é ele que se recolhe à rede, e não a mulher, e faz o resguardo considerado importante para a sua saúde e a do recém-nascido.

A noção de cultura, ligada a processos biológicos, possui semelhanças com as idéias de Cole (2002), o qual enfatiza a utilização de artefatos nos processos culturais, distinguindo-os em materiais e conceituais/idéias. Para o autor, um artefato caracteriza-se por ser um aspecto do mundo material que foi modificado ao longo da história de sua incorporação na ação humana. Assim, considera que o principal aspecto da cultura consiste tanto no que pode ser visualizado através das práticas culturais (artefatos materiais), bem como nos valores e crenças culturais que os acompanham (artefatos conceituais). Cole (2002) fala ainda a respeito dos mecanismos de transmissão da cultura e de sua relação com o desenvolvimento humano, apresentando vários níveis de análise, como a filogênese, história, ontogênese e microgênese. Isso significa que, logo ao nascer, a criança recebe influências da história filogenética e cultural da espécie, bem como da história ontogenética dos próprios pais, que já projetam um futuro cultural para o filho baseado em suas próprias histórias, o que por sua vez, terá repercussões na história ontogenética da criança através de suas crenças e práticas de criação.

Com essa visão de cultura, é possível tomá-la como um fenômeno com existência particular, que exerce efeitos no mundo e que também sofre influência dele; e, simultaneamente, estabelecer relações de interdependência com a biologia. No presente estudo, considera-se que o sistema de crenças parentais está em correspondência com o

conceito de cultura proposto pela perspectiva de Keller e seus colaboradores (Cole, 2002; Greenfield e cols., 2003; Keller, 2007). Sendo assim, as crenças que os pais possuem a respeito de suas práticas de criação, bem como as metas que possuem para o desenvolvimento de seus filhos, constituem um artefato conceitual da cultura, sendo seus significados compartilhados por um grupo social específico. Ao mesmo tempo, verifica-se que tais crenças também constituem um aspecto da cultura evocada, como proposto por Tooby e Cosmides (1992), sendo que o julgamento dos pais a respeito de seu papel parental dependerá do contexto físico, cultural e social em que estão inseridos, bem como de suas características específicas, como o grau de escolaridade, renda e outras variáveis.

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para o outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo (Larraia, 2009). De acordo com Larraia (2009), para os habitantes das ilhas Trobriand, no Pacífico, não existe nenhuma relação entre a cópula e a concepção. Sabem, apenas, que uma jovem não deve mais ser virgem para ser penetrada por um “espírito” de sua linhagem materna, que vai gerar em seu útero uma criança. Esta criança estará ligada por laços de parentesco, apenas, aos parentes da jovem, não existindo em Trobriand nenhuma palavra correspondente à que utilizamos para definir o pai. O homem que vive com a mulher, será chamado pela criança por um termo que podemos traduzir como “companheiro da mãe”. Por outro lado, os índios Jê, do Brasil correlacionam a relação sexual com a concepção, para eles o recém-nascido pertencerá tanto à família do pai quanto à da mãe. E se ocorre que a mulher tenha, em um dado período que antecede ao nascimento, relações sexuais com outros homens, todos estes serão considerados pais da criança e agirão socialmente como tal. Outra concepção é a dos índios Tupi, também do Brasil. Para estes, a criança depende exclusivamente do pai. Ela existe anteriormente como uma espécie de semente no interior do homem, muito tempo mesmo antes do ato sexual que transferirá para o ventre da mulher. No interior desta, a criança se desenvolve sem estabelecer nenhuma relação consanguínea com a esposa do pai. A mulher não passa, então, de um recipiente próprio para o desenvolvimento do novo ser. E ela será sempre um parente afim tanto de seu marido quanto de seu filho. Esta teoria permite o matrimônio entre meio-irmãos, isto é, jovens que tenham a mesma mãe e pais diferentes.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Antropologicamente é chamada de sociedade patrilineal aquela em que o parentesco é considerado apenas pelo lado paterno. Isto é, o irmão do pai, por exemplo, é um parente, o mesmo não ocorre com o irmão da mãe.

Em síntese, pode-se afirmar que a Psicologia Evolucionista considera a herança biológica e cultural atual como componentes de um mesmo processo, apresentando várias formas de interação ao longo do desenvolvimento. Além disso, tal perspectiva postula relações transacionais entre o organismo e o ambiente, rejeitando qualquer determinismo biológico. Ao considerar a herança biológica e, portanto, a repercussão do passado evolucionário, a Perspectiva Evolucionista introduz novas variáveis que possibilitam um entendimento mais abrangente a respeito do processo de desenvolvimento humano, sem negar a influência dos aspectos sociais e antropológicos (Keller, 2002).

## 1.2 Cuidados Parentais

Para Keller (2007), através da Perspectiva Evolucionista, as características do desenvolvimento humano foram aprimoradas com o objetivo de solucionar problemas de adaptação ocorridos durante a filogenia da espécie. Isso quer dizer que, como o ser humano é o animal que depende dos pais por mais tempo até que consiga ser independente o suficiente para garantir sua sobrevivência, dentre os problemas de adaptação inclui-se o cuidado parental. Para a autora, tarefas universais, como o cuidado com a prole, são solucionadas de diferentes maneiras por diferentes culturas.

Assim, o cuidado parental paterno sofre influências de condições ecológicas e sociais do ambiente, ou seja, em culturas diversas o papel desempenhado pelo pai sofrerá modificações. O investimento pode variar desde a negligência ou infanticídio até o cuidado adequado, associado a um clima familiar positivo. É importante ressaltar que o sucesso reprodutivo ótimo, expresso nos estilos reprodutivos, é essencialmente não-intencional, não-consciente e implícito. Assim, todo o ciclo vital humano é entendido como um produto da evolução, e não apenas o indivíduo adulto (Keller, 2000).

O comportamento de cuidado parental (materno e paterno) é definido como qualquer comportamento dirigido à prole que aumenta a probabilidade de sobrevivência dos filhotes (Trivers, 1972). Tal comportamento é continuação do comportamento reprodutivo (estabelecer e definir território, cortejar, copular) e tem início com a fertilização. Para Brown (1998) o comportamento de cuidados que os progenitores apresentam continua durante a gestação, segue a partir do nascimento e sofre transformações ao longo do desenvolvimento. Destaca-se que qualquer progenitor (pai ou mãe) ou ambos os progenitores, podem realizar os

cuidados que variam de acordo com o sistema de acasalamento de cada espécie. Segundo Prado (2005), a resposta de cuidado depende de variáveis individuais do progenitor (experiência, condições físicas e risco social), além de variáveis sociais (presença de cuidados cooperativos, presença de um parceiro) e variáveis ambientais (recursos disponíveis). A autora comenta sobre a necessidade de se compreender melhor o comportamento parental dentro de “um determinado momento histórico e de suas construções ideais” (p. 20).

De acordo com Eibl-Eibesfeld (1989), a evolução do cuidado parental foi o principal evento que permitiu o desenvolvimento da sociabilidade em vertebrados, especialmente no tocante às relações amigáveis e afetuosas entre pais e filhos. Para Rodrigues (1998ab), a solicitude (amor parental) e o investimento parental humano são fenômenos de base biológica, embora os determinantes biológicos não sejam suficientemente poderosos para garantir a ocorrência desses fenômenos. As concepções sociais se constituíram em reforço necessário e assim, a importância do investimento parental na evolução *hominídea* seria uma integração entre o biológico e o social.

Seguindo esta mesma premissa, ao discutir cuidado parental, Geary & Flinn (2001) apresentam um modelo de evolução da parentalidade hominídea que permite compreender a dinâmica do cuidado e da formação da família ao longo do processo evolucionista. Entre algumas características humanas, citam alto nível de investimento parental (ocorridos em um contexto compartilhado com outros machos), e um período longo da infância e adolescência em comparação com outros primatas e mamíferos, além da exclusividade da espécie humana. Os autores destacam também a ovulação oculta, com atividade sexual não reprodutiva e salientam que tal característica contribui para manter o homem próximo da mulher, propiciando a formação de famílias nucleares e o desempenho da paternidade. Assim como os gorilas e chimpanzés, compartilham mecanismos, tais como, gestação interna, lactação e capacidade de estabelecer vínculos, que favorecem o exercício da parentalidade e envolvem proteção e transferência de informações e energia, essenciais para as relações sociais e para a aquisição de futuras habilidades da espécie humana.

Afora a importância da mãe no desenvolvimento do bebê, alguns pesquisadores também demonstraram a relevância do pai no processo de vinculação afetiva (Alencar, 1982; Wendland, 2001, Trindade & Menandro, 2002). Christenfeld e Hill (1995), por exemplo, mencionam que crianças de um ano de idade são significativamente mais parecidas com seus pais. Os autores fizeram uma pesquisa com 122 participantes, onde apresentaram a estes, fotos de indivíduos ao(s) 1, 10 e 20 anos, os participantes deveriam relacioná-las aos seus

respectivos pais, também fotografados. A maioria das pessoas identificou os pais das crianças de 1 ano, mas não as mães, tanto com relação aos meninos quanto às meninas. Tal semelhança entre pais e filhos no primeiro ano de vida pode ter ocorrido e se mantido ao longo da evolução humana por garantir o maior investimento do pai à prole, aumentando suas chances de sobrevivência e fortalecendo a relação entre o pai e a mãe. Da mesma forma, Bandeira, Goetz, Vieira e Pontes (2005) discutem o papel do pai numa perspectiva histórica, demonstrando que sua importância na criação dos filhos ultrapassa o papel de provedor, pois a figura paterna influencia positivamente o desenvolvimento dos filhos através do afeto, cuidado, exemplo; ou negativamente pela falta dessas qualidades.

Assim como não se pode falar de infância fora de um contexto sociocultural, também se pode dizer que não existe no adulto uma natureza materna ou paterna. O processo de construção destas identidades ocorre através das interações entre indivíduos, e como defende Vasconcellos (1998), principalmente com aqueles nos quais existe um maior vínculo afetivo. Segundo esta autora, nenhum ser humano nasce pai ou mãe, mas estes papéis são constituídos pela possibilidade da reciprocidade de alguém que se constitui como filho. Tornar-se pai ou mãe é reconhecer no outro a condição de filho, ao mesmo tempo em que é identificado, por aquele, como pai ou mãe.

### 1.3 Etnoteorias Parentais

As etnoteorias parentais (sistemas de crenças parentais) é a organização de compreensões que os pais possuem, em categorias de crenças mais amplas ou modelos culturais de parentalidade, de acordo com o proposto por Harkness e Super (1996). Mas especificamente, dentre outros aspectos que as etnoteorias abrangem, o presente estudo abordará as crenças em torno dos cuidados parentais paterno.

Dentre algumas razões para que as crenças parentais sejam estudadas, Goodnow (1996) enfatiza que as idéias dos pais são uma forma interessante de cognição e desenvolvimento, e que também auxiliam na compreensão das práticas parentais. Além disso, a autora afirma que as crenças dos pais traduzem o ambiente no qual a criança se desenvolve. Ainda Harkness e Super (1996) ressaltam que as etnoteorias parentais exercem forte influência na saúde e desenvolvimento da criança.

As compreensões dos pais acerca da natureza da criança, características de seu desenvolvimento e significado de seu comportamento, são compartilhadas em maior ou menor extensão pelos membros de seu grupo cultural. Ao mesmo tempo, suas crenças desenvolvem-se em um contexto específico e relacionam-se com outras concepções que os cuidadores possuem como natureza e significado da parentalidade, família, inserção na sociedade, etc. (Harkness & Super, 1996).

Do ponto de vista teórico, as etnoteorias parentais constituem, ao mesmo tempo, um fenômeno que vem sendo estudado por alguns autores da Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista a partir de uma perspectiva transcultural (Keller, 2007; Ruela & Seidl de Moura, 2007; Seidl de Moura & cols., 2004), bem como por autores que utilizam do referencial teórico da Psicologia Transcultural (Harkness & Super, 2006; New & Richman, 1996). Cabe ressaltar que, a Psicologia Transcultural consiste principalmente em um campo de pesquisas comparativas que tem por objetivo demonstrar a influência de diferentes aspectos culturais no desenvolvimento e comportamento humanos (Segall, Lonner & Berry, 1998). A Psicologia Transcultural encontra-se na interface de duas abordagens que possuem alguns aspectos em comum, como a ênfase no contexto como “tela de fundo” para se compreender a contínua interação entre as mudanças que ocorrem no organismo da criança e no seu ambiente imediato. Keller (1996), por exemplo, em um capítulo que trata de abordagens evolucionárias, em um manual de Psicologia Transcultural, apresentou as etnoteorias parentais como um exemplo de possibilidade de integração da Psicologia Transcultural e do pensamento evolucionário.

Apesar de partirem de abordagens distintas, no entanto, verifica-se que os pesquisadores da Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista e da Psicologia Transcultural compartilham de conceituações semelhantes do que seriam as etnoteorias parentais. Para Harkness e Super (1996), as etnoteorias parentais são compreendidas como conjunto organizado de idéias que estão implícitas na atividade cotidiana, julgamentos, escolhas e decisões de cuidadores, agindo como modelos para suas práticas parentais. Na Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista, por sua vez, as etnoteorias parentais, são concebidas como idéias que os cuidadores de um grupo cultural compartilham sobre práticas de cuidado e conseqüências específicas de cada uma delas para o desenvolvimento da criança (Lamm & cols., 2008).

#### 1.4 Modelo de Harkness e Super: O Nicho de Desenvolvimento

Partindo de estudos sobre cultura e parentalidade provenientes da Antropologia e da Psicologia, Harkness e Super (1992; 1996; Harkness, Vanna Axia, Palácios & Welles-Nyström, 2001; Super & Harkness, 1986) propõem seu modelo atribuindo grande ênfase para a importância do sistema de crenças parentais. Para os autores, as crenças constituem o canal através do qual os elementos da cultura mais ampla são filtrados, além de ser considerada a fonte das práticas parentais e da organização do cotidiano das crianças e das famílias. A partir desta concepção, é introduzido o *Nicho de Desenvolvimento*, um modelo que visa explicitar as interfaces entre a criança e a cultura (Harkness & Super, 1994; Super & Harkness, 1986; 1997).

O Nicho de Desenvolvimento é representado através de um esquema (Figura 1) em que a criança – com suas particularidades, história pessoal, disposições e composição familiar – encontra-se no centro. Ao seu redor, estão os três subsistemas que compõem o Nicho de Desenvolvimento: ambiente físico e social, costumes e práticas de cuidados regulados culturalmente e psicologia dos cuidadores (Harkness & Super, 1994; Super & Harkness, 1986; 1997).



Figura 1: Nicho de Desenvolvimento

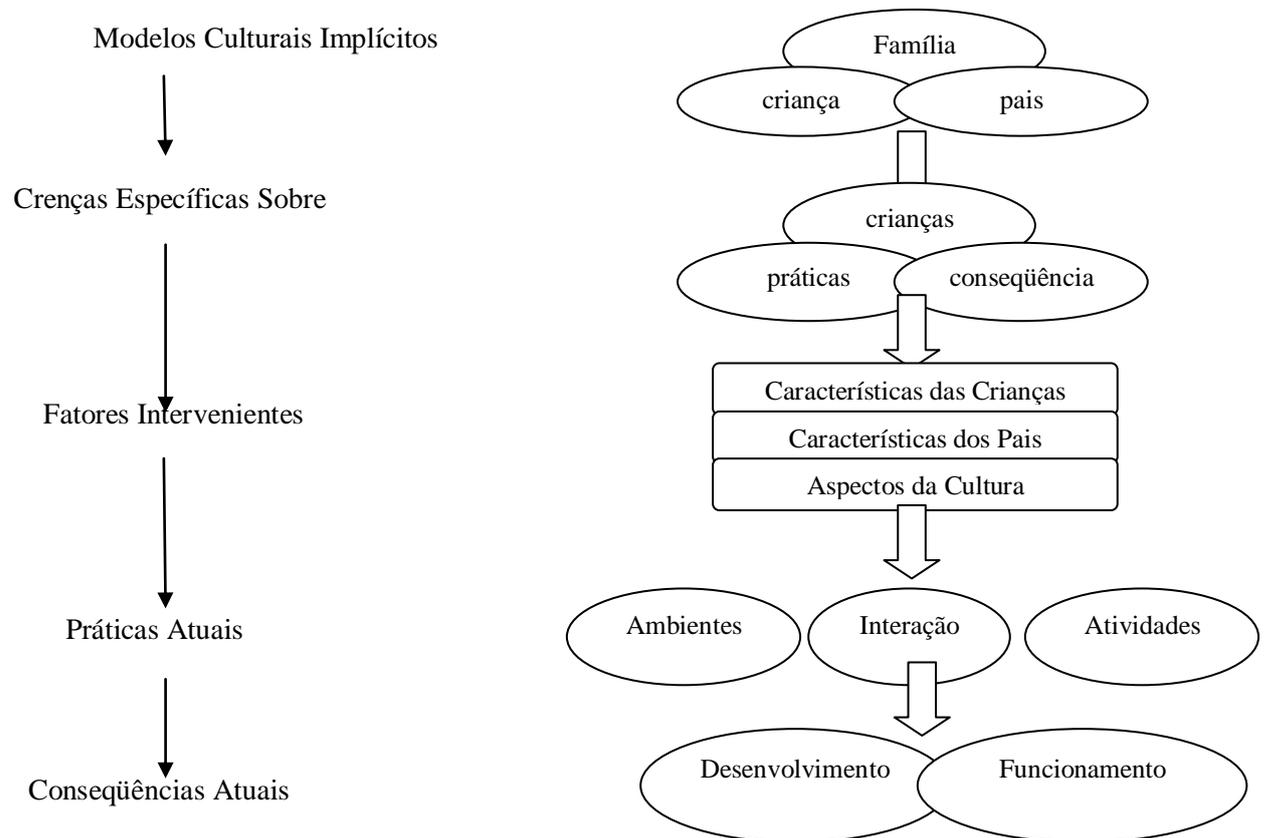
O primeiro subsistema é caracterizado pelo ambiente físico e social no qual a criança vive. Parte-se do pressuposto de que uma das maneiras pela qual a cultura influencia o desenvolvimento infantil é através da estruturação do ambiente cotidiano da criança pelos adultos, uma vez que através dele determinam quais oportunidades de interação a criança poderá vivenciar. Como exemplos, podem-se citar aspectos físicos – como a estrutura da residência em que a família mora, condições de higiene, etc. – bem como aspectos da estrutura social, como os arranjos de dormir, participação da criança nos trabalhos domésticos, brincadeira, etc.

Os aspectos do ambiente físico e social, por sua vez, influenciam e são influenciados por adaptações culturais proveniente dos costumes e práticas de cuidado, o segundo sistema que compõe o *Nicho de Desenvolvimento*. Estes correspondem a comportamentos de cuidado comumente utilizados pelos membros da comunidade, os quais são profundamente integrados na cultura social ampla, fazendo com que não sejam pensados de uma forma racional ou consciente, mas encarados como uma maneira natural de agir. Os costumes incluem tanto rotinas habituais (ex: onde colocar o bebê, forma como carregá-lo no colo) como rituais complexos e institucionalizados (como quando colocar a criança na escola).

Embora os costumes de cuidado sejam aceitos e colocados em prática sem um exame crítico dos cuidadores, geralmente são acompanhados por crenças específicas a respeito de seu significado. A psicologia dos cuidadores, terceiro subsistema do *Nicho de Desenvolvimento*, caracteriza-se pela série de crenças e valores regulados pela cultura, compreendendo tanto as etnoteorias parentais como a orientação afetiva dos pais durante seus cuidados com a criança. Dentre as etnoteorias parentais, destacamos como sendo mais relevantes como subsídios para este estudo, o subsistema “costumes e práticas de cuidado” e o subsistema “psicologia dos cuidadores” do *Nicho de Desenvolvimento*.

Como colocado anteriormente, no modelo de Harkness e Super é atribuído um papel central para as etnoteorias parentais, pela sua influência no comportamento e desenvolvimento infantil. As mesmas são consideradas responsáveis pela organização das práticas parentais em função das características presentes no ambiente físico e social (Harkness & Super, 1992; Super & Harkness, 1986). Além disso, os autores sugerem que as origens das etnoteorias parentais estão na sua estrutura socioeconômica da vida dos pais, argumentando que, sobre esta estrutura, os pais tomam individualmente as decisões sobre como socializar a criança.

Posteriormente, Harkness e Super (2006) ainda propõem um modelo para a organização das crenças parentais através de uma ordem hierárquica (Figura 2), em que no topo encontram-se as idéias mais gerais, ou modelos culturais implícitos, sobre a natureza da criança, parentalidade e família. Logo abaixo, encontram-se idéias sobre domínios específicos a respeito da criança, das práticas parentais e suas conseqüências desenvolvimentais – traduzidas através de concepções sobre arranjos de dormir, relações pais-filhos ou desenvolvimento social, por exemplo. Tais idéias parentais, por sua vez, são colocadas em prática através da mediação de fatores intervenientes, como as características específicas da criança e dos pais, variáveis situacionais e aspectos da cultura. O resultado pode ser verificado tanto nas práticas dos pais, quanto nas conseqüências para o desenvolvimento da criança e da família (Harkness & Super, 2006; Harkness & cols., 2007).



**Figura 2: Modelo Teórico das Etnoteorias Parentais, Práticas e Conseqüências Desenvolvimentais.**

Harkness e Super (2006) hipotetizam que as diferenças observadas nos modos de organização ambiental, de socialização e de costumes utilizados pelos adultos na educação de seus filhos podem ter relação com as etnoteorias parentais, vistas como metas para ação, repercutindo sobre o desenvolvimento infantil. Esse estudo ainda nos aponta que, embora os

pais se utilizem de etnoteorias para compartilhar atividades diárias com seus filhos, eles não são simplesmente emissores de um *script* cultural prévio e dominante. Na verdade, atuam como construtores da cultura ao nortearem suas ações sobre o modo de organizar, facilitar e regular os ambientes físico e social disponibilizados à educação de seus filhos. Segundo Seidl de Moura (1999), é na cultura, que está presente desde antes do nascimento, que se cria o nicho em que se regulam as características individuais da criança e as que compartilham com os demais membros de sua espécie, em termos de limites e de facilitação.

Considerando a atual forma de organização econômica da sociedade ocidental não podemos considerar apenas a “casa” como um *nicho de desenvolvimento*. Como discute Bussab (2000),

Vive-se numa família mais nuclear, o contato com as figuras de apego é mais interrompido, a exposição a parte do mundo significativo do adulto é truncada, a convivência com outros adultos e inúmeros coetâneos é intensificada, especialmente quando ocorre a opção por creches e escolinhas. (BUSSAB, 2000, p. 237)

Considera-se então, que o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos depende de um “outro social”, e que a família é o primeiro ambiente socializador da criança, suas práticas são essenciais para que a criança se desenvolva. Considera-se também que as características dos bebês são universais, da mesma forma que a presença de interações e do investimento parental, e que o formato que assumem está diretamente relacionado ao contexto sociocultural. A partir de todas essas importantes contribuições podemos pensar nas mudanças nos papéis sociais exigidas pelo sistema econômico na sociedade urbana ocidental, em que a mulher cada vez mais necessita trabalhar fora, levando o pai a ganhar espaço em relação à promoção deste desenvolvimento em seus filhos, na medida em que tem participado mais dos cuidados com eles, o que até algumas décadas atrás era de responsabilidade quase exclusivamente materna.

### 1.5 A contribuição de Heidi Keller

Keller (2002; 2007), utilizando-se do referencial teórico da Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista, adota uma posição interacionista para compreender o desenvolvimento humano. Seu modelo de compreensão do cuidado parental e, mas especificamente das etnoteorias parentais, apresenta alguns pontos de convergência com as idéias de Harkness e Super expostas anteriormente. Pode-se afirmar que ambos entendem a

parentalidade como uma atividade cultural que é adaptada ao contexto sociocultural. Além disso, consideram a importância da interação indivíduo-contexto para o estudo do desenvolvimento e das trajetórias desenvolvimentais; enfatizando o papel das idéias, crenças e valores compartilhados por membros de um determinado contexto cultural.

No entanto, Keller (2002; 2005; 2007) acrescenta ainda uma análise de dimensão biológica, em termos evolucionários filogenéticos, como base do comportamento e do desenvolvimento humano. O estudo do comportamento parental e dos aspectos que o influenciam, como as etnoteorias parentais, portanto, é utilizado pela Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista em função de um entendimento sobre características inatas da parentalidade, as quais foram selecionadas ao longo do período de evolução por aumentarem a possibilidade de sobrevivência da espécie.

Pode-se afirmar, assim, que a autora contempla a interação entre os aspectos biológicos e culturais em sua compreensão sobre a parentalidade humana. No caso específico das etnoteorias parentais, as mesmas são concebidas como idéias que os cuidadores de um grupo cultural compartilham sobre práticas de cuidado e conseqüências específicas para o desenvolvimento da criança (Lamm & cols., 2008). Keller (1996) ainda descreve as etnoteorias como sistemas de significados compartilhados, que capacitam os indivíduos a se apoiarem em estratégias de socialização já provadas, reduzindo os custos da parentalidade.

Elas podem ser entendidas como prescrições para maximização de recursos de conhecimento do contexto e, dessa forma, manter uma função mediadora entre ambiente e desenvolvimento. A autora afirma ainda que os pais proporcionaram contextos de socialização para seus filhos coerentes com sua história pessoal e o contexto eco-cultural em que estão inseridos, permitindo que as crianças adquiram sua matriz social e aprendam modos específicos de relacionamento social (Keller, 1996; 2007).

Os cuidados que os pais dispensam à criança são compreendidos por Keller (2007) através de um “Modelo de Componentes da Parentalidade”, composto por seis sistemas parentais, os quais são definidos por uma série de comportamentos geneticamente preparados e ativados pelas demandas do ambiente, com o objetivo de promover conforto quando a criança está em risco real ou potencial. Embora estes comportamentos parentais sejam intuitivos, a avaliação sobre o que é bom ou ruim para a criança e as formas de expressão desses cuidados são culturalmente compartilhadas e fazem parte do contexto de investimento parental.

Os seis sistemas propostos por Keller (2007) são os seguintes:

1) *Cuidado primário* – é filogeneticamente o sistema de cuidados mais antigo e visa prover alimentos, proteção e higiene à criança. Sua função psicológica caracteriza-se pela redução do desconforto no bebê. Além disso, a criança desenvolve confiança e segurança na proteção e disponibilidade do cuidador como dimensões primárias do *self* emergente;

2) *contato corporal* – é o contato corpo-a-corpo e o carregar extensivo, envolvendo também o dormir junto. A função psicológica desse sistema consiste na experiência de calor emocional, garantindo ao bebê os sentimentos de coesão social e pertencimento ao grupo. O calor emocional contribui para que a criança aceite as regras e valores dos pais, preparando-a para uma vida baseada na harmonia e hierarquia entre os membros da família ou do grupo social primário;

3) *Estimulação corporal* – visa á comunicação corporal através do toque e movimentos motores. Sua função psicológica consiste em intensificar a percepção do bebê com relação a seu próprio corpo e ao ambiente circundante e, conseqüentemente, a promoção de um *self* corporal próprio;

4) *estimulação por objetos* – através da utilização de brinquedos na interação cuidador-criança, o cuidado visa à vinculação do bebê com o mundo dos objetos e com o ambiente físico em geral. Nesse sistema a utilização de objeto pode substituir a presença do adulto, estando também intimamente relacionado a atividades exploratórias. Sua função psicológica consiste em promover o desenvolvimento cognitivo, bem como tornar a criança mais independente nas relações sociais;

5) *contato face a face* – consiste de contato visual mútuo entre o cuidador e bebê, em que o investimento parental é diático e exclusivo. As trocas face a face são altamente estimulantes, carregadas de afeto e constituem-se de curtos eventos interacionais que expõem a criança a altos níveis de informação cognitiva e social. Através desse sistema de trocas, a criança percebe contingências em que a prontidão das respostas do adulto a faz se perceber como causa do comportamento parental. Além disso, também se torna consciente de que é um ser único e auto-eficaz. Esse sistema ainda é capaz de facilitar o desenvolvimento do diálogo verbal e a promoção da capacidade de auto-regulação da criança.

6) *envelope narrativo* – consiste na utilização da linguagem por parte dos cuidadores, através do conversar com a criança, auxiliando na apropriação cultural da concepção de *self* e do outro. É muito influenciado pelo estilo narrativo da mãe ao se comunicar com o bebê, o qual é influenciado pelo modelo cultural em que ela se insere.

Essas formas de cuidados parentais parecem se basear, em geral, nos sinais dos bebês que são percebidos pelos adultos e processados como informações relevantes. São universais, mas organizam-se de forma diferenciada em trajetórias de socialização diversas que variam segundo padrões culturais específicos.

## 1.6 Uma nova Paternidade?

Cabe neste momento também discutir o próprio conceito de paternidade. A paternidade segundo dicionário da língua portuguesa é compreendida como condição de ser pai, condição esta independente de uma herança genética. Seabra (2007) encontrou algumas expressões referentes ao uso da paternidade, dentre elas a mais freqüente é o “papel paterno” (Burdon, 1998; Maridaki-Kassotaki, 2000; Muzio, 1998; Strauss & Goldberg, 1999), mas podemos encontrar também “função paterna” (Belsky, 1996; Benincá & Gomes, 1998). Não foram encontradas definições explícitas para nenhuma dessas expressões, mas implicitamente percebe-se que estão relacionadas ao “exercício da paternidade” (Silveira, 1998), que é outra expressão comumente usada.

A diferenciação feita por Muzio (1998), de três diferentes formas de paternidade demarca bem esse momento de transição em que a masculinidade e a paternidade se encontram. A primeira é a paternidade tradicional, que apresenta como características dar permissões, prover alimentos, impor castigos, pôr “pulso firme” através de críticas e recomendações à mãe. A segunda forma é a paternidade com manifestações de mudança, que inclui as características do pai tradicional, acrescentando ocasionalmente outras tarefas como banhar e alimentar a criança, ajudar nas tarefas escolares, levar ou buscar o filho na escola ou médico. A última variação de paternidade é a não-tradicional, na qual o pai compartilha igualmente as funções com a mãe. Estes estilos de paternidade demonstram claramente o período de transição entre os papéis exercidos na família ocidental contemporânea.

Carvalho (2003) realizou um estudo sobre a participação dos pais no nascimento dos filhos em uma maternidade pública da cidade do Rio de Janeiro e constatou que essa participação está relacionada com o envolvimento dos homens nos cuidados com o filho, possibilitando o suporte emocional à gestante e a formação de vínculo pai-bebê. A autora relata que a participação no parto ainda é dificultada pela própria instituição, pelas representações sociais sobre parto e paternidade, e pela exclusão dos pais nos serviços de

saúde reprodutiva e pediátrica. A presença do pai não é valorizada muitas vezes pela própria equipe de saúde, nem como suporte à gestante e nem como um evento da paternidade.

A família monoparental composta apenas pelo homem é ainda rara em detrimento das mulheres sós, sendo assim esses homens de certa forma subvertem a ordem social onde o feminino é sinônimo de cuidados infantis. Um estudo de Bittelbrunn (2008) com pais cuidadores únicos (solteiro, viúvo, separado) mostrou que a ascensão paterna solitária possui repertório diversificado, ora buscando requisitos no tradicional (família de origem) ora ressignificando aspectos de um “novo pai”, principalmente no tipo de vínculo afetivo.

## 2 A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL E A PATERNIDADE

A transformação da família é influenciada por diversos fatores sociais, conseqüentemente, ela se torna um palco para o conflito entre o moderno e o tradicional, e, nesse embate, ocorre simultaneamente a mistura de valores individuais e coletivos.

Segundo Laraia (2009) cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos. São aparentemente pequenas mudanças que cavam o fosso entre as gerações, que faz com que os pais não se reconheçam nos filhos e estes se surpreendam com a “carentice” de seus progenitores, incapazes de reconhecer que a cultura está sempre mudando. Por isto, num mesmo momento é possível encontrar numa mesma sociedade pessoas que têm juízos diametralmente opostos sobre um novo fato.

A transmissão geracional acontece quando uma geração precedente assume o papel de transmitir à sua sucessora seus valores, crenças e modos de agir. E, nesse processo de transmissão, as concepções passadas de uma geração a outra nesta cadeia geracional abrem sempre uma brecha para se acrescentar algumas variações, que seriam marcas próprias de cada geração. Pais (1998) ressalta essa idéia na seguinte afirmação:

De uma geração a outra há saberes e posições que se herdam e transmitem, garantindo certa continuidade geracional. Mas há lugar para a transformação dos valores sem que estes tenham que estar necessariamente polarizados em torno de gerações distintas.(PAIS, 1998, p.30).

Visto dessa forma, as gerações que se seguem nunca são exatamente iguais às anteriores, até porque os indivíduos que compõem uma geração têm em comum sua posição no processo histórico e social devido à experimentação dos mesmos acontecimentos, o que acaba por delimitar suas possibilidades de escolha e, logo, seus modos de atuação.

Segundo Goodnow (1992), psicólogos, sociólogos e antropólogos, estão geralmente interessados nas condições que influenciam diferentes gerações a compartilharem os mesmos pontos de vista. Estes interesses estão relacionados a outros interesses como reprodução cultural e natureza da socialização de crianças dentro da família (pais – filhos). De acordo com Manheim (1982), nossa sociedade apresenta cinco características no modo como ocorre a

continuidade geracional: a entrada de novos indivíduos no processo cultural; o desaparecimento de outros indivíduos; o fato dos membros de uma geração estarem limitados a viver num determinado ponto do processo histórico; a transmissão da herança cultural acumulada; a transição das gerações como um processo contínuo.

Os novos indivíduos, ao se depararem com a herança cultural acumulada, acabam por produzir um tipo de assimilação nova, a que Manheim (1982) chama de contato fresco. Assim, ao mesmo tempo em que eles reproduzem alguns aspectos da cultura herdada, perdem outros, e, nesse processo, é aberto o caminho para uma “reciclagem” dessa bagagem, que seria o descarte do que não é mais útil e a aprendizagem do novo. Por outro lado, a saída dos antigos indivíduos possibilitaria o esquecimento da memória social. Para este autor, *“É uma vantagem que a experiência se acumule com a idade. Por outro lado, o fato de à juventude faltar experiência só ilumina o lastro dos jovens; isso facilita a sua vida num mundo em mutação”* (Manheim, 1982, p.142).

É importante questionarmos, ou seja, olharmos de forma a desnaturalizar os períodos da vida que conhecemos hoje – infância, pré-adolescência, adolescência, jovens adultos, maturidade, velhice – posto que nem sempre eles existiram. Esses momentos foram construídos dessa maneira ao longo dos anos, sendo divididos e identificados com fases do ciclo de vida a partir da atribuição dos significados que lhes foram dados. O significado de cada uma dessas fases varia de acordo com a cultura em que se vive. Desta forma, as diferenças naturais de cada momento da vida são compreendidas de forma distinta dependendo da sociedade em questão (Teykal, 2007).

Para Laraia (2009) o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. Já de acordo com Barros (2003), a sociedade ocidental contemporânea tem como eixo norteador o individualismo. Sendo assim, para a autora, *“é nesse contexto da cultura individualista e da institucionalidade do curso de vida que as noções de crise de idade e conflitos intergeracionais ganham sentido”* (Barros, 2003, p.3). Isto ocorre porque a sociedade individualista atual fornece aos indivíduos tanto uma rede de significados como também modelos de ação e pistas para interpretar a realidade. Portanto, este fenômeno social se reflete na família moderna sob a forma de tensão entre os novos valores individuais e os antigos

valores hierárquicos. De acordo com Teykal (2007) a noção de conflito intergeracional se agrava no momento atual devido à rapidez com que estão ocorrendo as mudanças na era global. Segundo ela, é a partir daí que podemos vislumbrar o salto que é dado de uma geração para outra.

Conforme Teykal (2007) expõe, os conflitos entre as gerações resultam em constantes negociações e acertos, o que segundo ela, não acontece num caminho de mão única. Como assinala Barros (2003), as interferências nesse tipo de relação intergeracional são mútuas:

Na transmissão de normas e valores de uma geração para outra há trocas com direções contrárias. Nesse processo de socialização, os mais moços respondem ativamente, fazendo com que as mudanças possam acontecer, tanto nas próximas relações familiares como no contexto da sociedade (p. 5)

De acordo com que foi exposto acima, podemos concluir que as gerações anteriores influenciam as gerações mais novas, mas também acabam sofrendo interferências destas, um modelo deste aspecto é o proposto por Keller (2002), o Modelo de Transmissão de Informação Inter e Intrageracional (figura 3) demonstra a interligação entre as gerações, onde o adulto influenciará os mais novos (influências verticais), mas paralelo a isto o sujeito sofre influências horizontais, que ocorrem no decorrer de sua história ontogenética, porém todas estas gerações estarão sob a influência do contexto, do ambiente, da cultura. Cada uma das gerações que coexistem recebeu uma formação moral e uma educação diferentes, sem contar que o contexto social é também diverso. No entanto, a visão de mundo das pessoas sofre alterações ao longo do tempo, como aponta Barros (2003), por dois motivos. De um lado, as pessoas, à medida que o tempo passa, vão ocupando lugares distintos dentro do cenário familiar e, de outro, as pessoas apresentam uma capacidade de mudar sua forma de pensar à medida que vão acompanhando os movimentos culturais que alteram a conformação social, como por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o divórcio, entre outros.

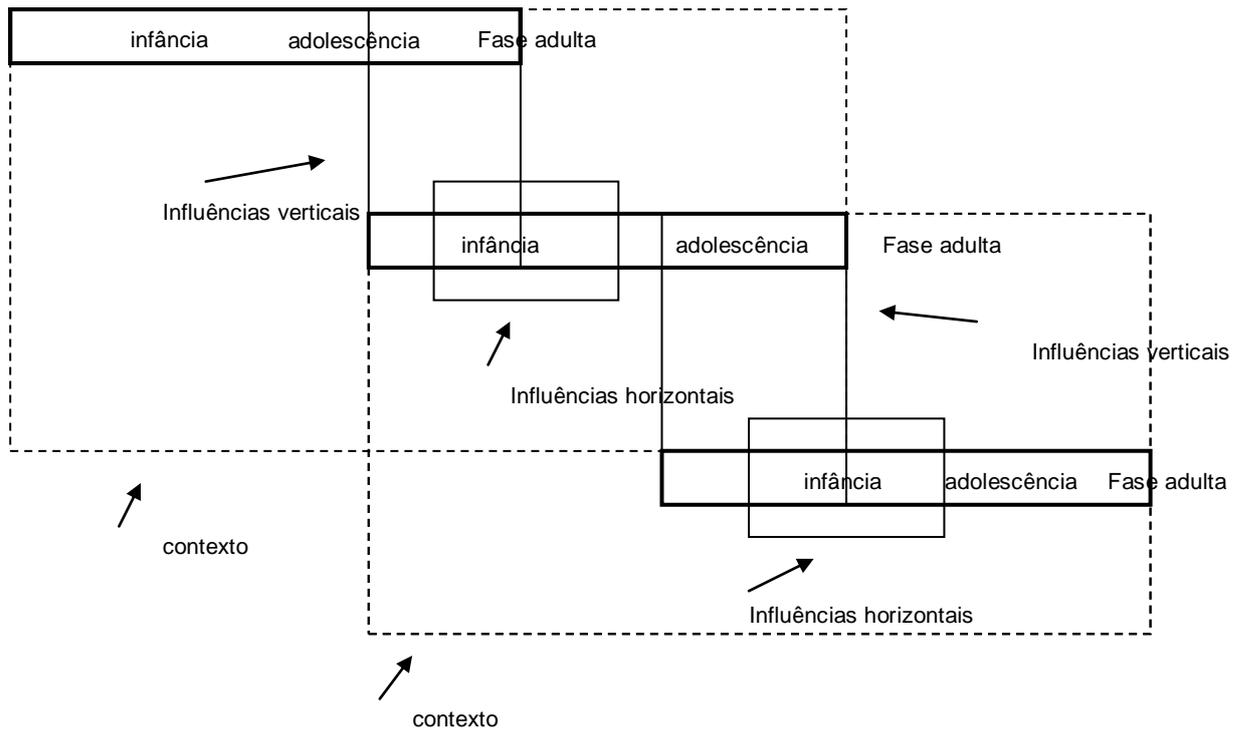


Figura 3: Modelo de Transmissão de Informação Inter e Intrageneracional (Keller, 2002)

Hoje vivemos um momento em que, devido ao aumento da expectativa de vida da população, pode-se observar a convivência de três ou até quatro gerações de uma mesma família. Esse fenômeno não pode ser confundido com a antiga família extensa, já que, como visto anteriormente, os mais velhos eram a autoridade maior dentro da casa e todas as gerações abaixo lhes deviam respeito. Ao longo do processo de globalização, que traz consigo uma extrema velocidade no trânsito das informações e transformações que estão ocorrendo no núcleo familiar, e sob a influência de uma ideologia democrática e igualitária, a geração mais velha perdeu sua posição hierárquica dentro da família, aumentando-se as trocas intergeracionais.

Pais (1998) e Barros (2004) acreditam que a geração mais nova se apresenta não só como receptora de uma herança, mas também como transmissora, passando os jovens a serem também “agentes socializadores” das gerações anteriores. Os jovens frequentemente se apresentam como referência para as gerações mais velhas, invertendo muitas vezes o sentido da transmissão geracional. Essa configuração social nova torna a postura dos ascendentes mais permeáveis e flexíveis em relação aos mais jovens, o que garante tanto uma continuidade como um lugar para a inovação. De acordo com Pais (1998), existe um contrato entre as gerações, que estabelece três princípios norteadores que não teriam sofrido grandes

alterações: em primeiro lugar, estaria a reprodução bio-social, que abarca a idéia de que uma geração ajuda a outra a produzir uma terceira geração; em segundo lugar, a transmissão patrimonial de uma geração mais velha para sua descendente; e, por último, a solidariedade na velhice, que estaria ligada ao fato de que a geração mais velha é assistida por seus descendentes. O que muda hoje, é que essas relações não teriam um sentido único, mas sim múltiplo, isto é, a terceira geração interfere na primeira, a segunda na terceira e assim por diante, podendo ocorrer as mais variadas formas de cruzamento.

No entanto, Pais (1998) argumenta que as descontinuidades intergeracionais não se mostram acentuadas se as gerações mais velhas estiverem abertas e não resistentes às mudanças. De acordo com ele, o processo de individualização teria como pontos positivos os valores de liberdade individual, auto-realização, igualdade de oportunidades e democracia, e como pontos negativos a quebra de laços sociais, o incremento do consumo e o desenvolvimento do egoísmo. O autor defende que hoje as relações intergeracionais são mais pacíficas do que outrora e que os conflitos acontecem basicamente por motivos cotidianos e não por uma disparidade de valores. Para Teykal (2007) estamos presenciando uma mudança brusca no processo de transmissão, já que pela primeira vez se assiste a uma inversão no sentido transmissional – este aspecto por si só representaria uma ruptura nunca antes vista – o que propicia não só a imposição dos valores da cultura jovem sobre as gerações mais velhas, como torna possível a escolha do que seria importante receber das gerações anteriores.

As gerações mais novas, perpassadas por valores individualistas e igualitários, entendem-se como equivalentes às mais velhas e, por isso podem conceber seus valores como tão ou mais importantes do que o delas e, assim, não aceitar qualquer tipo de sujeição ou restrição a suas expectativas. A partir do momento em que o sujeito não aceita a transmissão, ele se sente livre para escolher o que é importante ou não para si, tendo a ilusão de que poderia autofundar-se (Teykal, 2007). Sobre este assunto Szapiro (2004) ressalta a importância do atravessamento do paradigma igualitário no processo de transmissão geracional, mostrando como isso produz um “mal-estar intergeracional”. A autora afirma que os jovens estariam questionando a legitimidade e o conteúdo do que pode ser transmitido pela geração precedente.

Com a rápida disseminação das informações resultante do processo de globalização, essa idéia de que se pode escolher o que deve ser transmitido é reforçada, na medida em que viabiliza a ilusão de que o saber está logo ali disponível para todos e basta ter acesso a ele para adquiri-lo. Desta forma, o indivíduo capta saberes que não necessariamente foram

passados por seus ascendentes e sente-se livre para fazer suas escolhas individuais acerca do que seria relevante para ele. Essa situação é, ao mesmo tempo, uma liberação da cadeia transmissional e uma exaltação do individualismo, que pode trazer como conseqüência a desvalorização daquilo que é passado de geração em geração.

O estudo de Trindade e colaboradores (1997) discute as diferenças nas representações sociais da paternidade de homens de duas gerações. Em seus resultados, os pais da década de 1980 enfatizam os aspectos afetivos na relação pai e filho. Isso é ainda mais evidente nos pais de nível de escolaridade superior. Os pais da década de 1960 apresentam a categoria “provedor” com mais frequência.

Em relação à concepção de “o que é ser pai?”, Konrath (1996, segundo Hennigen e Guareschi, 2002) constatou que os pais querem diálogo e intimidade, mas demonstram preocupação com sua responsabilidade diante dos filhos. Também criticam o estilo paterno de seus pais, mas se sentem desconfortáveis quando assumem uma postura diferente.

Para concluirmos, podemos pensar que cada pessoa traz consigo crenças – que são passadas através das gerações, sobre como devem ser os cuidados parentais e como o homem deve desempenhar o seu papel na paternidade. Porém, percebemos que estas crenças sofrem mutações, isto é, não há apenas uma influência geracional, as próprias crenças perpassadas pelas gerações estão sujeitas às modificações devidas transformações históricas, sociais e ambientais, o microsistema familiar é submetido ao macrosistema social, um exemplo disto é o fato de na atualidade ser muito comum revistas de divulgação especializadas no cuidado com os filhos (como Crescer e Pais & Filhos), colunas de jornais dedicadas exclusivamente à temática, programas da TV fechada (como “História de um bebê” e “O primeiro dia do bebê” da Discovery Home & Health) e programas da TV aberta que dedicam espaço para discutir e expor temas como cuidados com os filhos, comportamento infantil e relacionamento entre pais e filhos. No site de busca Google – site de busca mais visitado do mundo – com uma simples pesquisa qualquer pessoa pode ter acesso a várias informações como: se digitarmos “como cuidar de um bebê” o site disponibiliza 732.000 links relacionados à busca ou se digitarmos “how take care of a baby” teremos 125.000.000 de links relacionados. Esta é uma amostra que além da influência geracional há também uma influência social e cultural em vários aspectos da vida da humanidade, incluindo ao que refere aos cuidados parentais paterno.

### 3 DIFERENÇAS DE GÊNERO E CUIDADOS PARENTAIS

O gênero perpassa todos os domínios humanos, como o científico e histórico, entre outros. Mas é no cenário sócio-cultural que as diferenças biológicas entre os sexos tomam dimensões maiores ou menores e ganham significados (Teykal, 2007). A partir de características biológicas, foram definidos, então, modelos de comportamentos desejados e esperados de homens e mulheres, tornando “naturais” suas condutas. Desta forma se estabeleceu a chamada natureza feminina e masculina. Segundo Jablonski (1991) em cima de diferenças biológicas, a sociedade cria expectativas e sistemas de crenças que dizem quais os comportamentos e atividades apropriadas para homens e mulheres. A partir do momento que compreendemos que os papéis sócio-sexuais são construídos e não dados naturalmente, podemos pensar em questioná-los e também reconstruí-los (Teykal, 2007).

Os estudiosos do desenvolvimento humano sabem que não é possível formar um feto apenas com cromossomos Y; por outro lado, é sabido que a mulher carrega em sua constituição genética um par de cromossomos X. Assim, a diferenciação sexual ocorre em função do cromossomo Y. Esse aspecto biológico é importante para o desenvolvimento da identidade sexual dos indivíduos – o que é inegável, mas o olhar dos pais, parentes e pessoas próximas e, posteriormente, dos membros dos diferentes grupos dos quais eles farão parte, também exerce uma função preponderantemente na formação dessa identidade. A forma como os pais interiorizaram os estereótipos feminino e masculino, a relevância desse fator na sua cultura e ainda o modo como idealizaram o filho, entre outras coisas, fazem com que as figuras parentais passem para a criança – através da maneira de vestir, das brincadeiras e dos brinquedos, do tom de voz e da comunicação gestual – sua visão de mundo e a forma como vêem sua organização (Teykal, 2007).

Desta forma, chegamos à constatação de que virilidade masculina não é dada naturalmente, mas sim produzida e reproduzida socialmente, mantida a duras penas através do adestramento dos homens. Nolasco (1995), ao longo de seu livro *O mito da masculinidade*, defende a idéia de que o homem aprende a dissociar sua atitude e seu comportamento do que pensa e sente:

os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetida a subjetividade, bem como por meio de uma possível compreensão biológica de sua existência.

Para Nolasco (1995), assim como para Badinter (1993) há dois momentos cruciais de crise de masculinidade. O primeiro deles teria ocorrido entre os séculos XVII e XVIII, devido

ao posicionamento crítico de algumas mulheres da classe dominante em relação às condições privilegiadas que os homens possuíam. Os valores viris perderam então sua força diante de valores femininos como a delicadeza das palavras e o requinte do comportamento. Porém, esse foi um movimento da elite, que ocorreu em países como a França e a Inglaterra, onde as mulheres possuíam mais estudo e maior liberdade social.

No século XIX, advém o segundo momento dessa crise. Fatores como a crise econômica, aliada ao crescimento dos movimentos de emancipação feminina formaram a conjuntura social desse momento. As alterações produzidas na época se estenderam por todas as classes sociais e, segundo Nolasco (1995), representavam uma necessidade de mudança dos valores dominantes e são posteriores às transformações ideológicas, econômicas e sociais e, tendo repercussão na organização familiar, do trabalho ou em ambas. A I Guerra Mundial acabou por acalmar essa efervescência social. De qualquer forma, o Movimento feminino começou a se fortalecer e não parou mais. Lentamente, as mulheres, em especial as das camadas médias e altas, foram conquistando espaço no mundo público, o que certamente deixou suas marcas na sociedade (Bolli, 2002; Gianini, 2002).

Segundo Teykal (2007) quando o homem chega à fase adulta existe uma expectativa social de que ele seja bem-sucedido profissional e financeiramente, que se case e constitua uma família. A preocupação com a aceitação social por parte de seus pares, familiares e amigos, faz com que suas necessidades subjetivas sejam deixadas de lado em prol do trabalho. E, neste imaginário social que ronda o masculino, o afeto fica excluído e, conseqüentemente, é desvalorizado. Atualmente, podemos dizer que os homens estão questionando essa condição masculina e tentando integrar o que fazem a seus próprios sentimentos.

No momento atual, assistimos a uma perda dos paradigmas que serviam de referência identitária, ou seja, os modelos rígidos e fixos, que guiavam o sujeito cartesiano e estabeleciam claramente os lugares delimitados para homem, mulher, pai, mãe e filhos, entre outros, parecem ter desaparecido. Enfim, o homem não sabe mais como se definir. A proliferação de discursos que hoje são rapidamente transportados por todo mundo, com o advento da globalização e a velocidade com que se configuram e se deslocam os múltiplos modelos de identidade existentes, faz com que a identidade individual fique aberta às várias possibilidades de identificação apresentadas constantemente aos sujeitos, tornando impermanente e efêmera a maneira como eles se relacionam com o mundo (Hall, 2002).

De acordo com Trivers (1972), as mães investem mais recursos e tempo na prole do que os pais, devido à gravidez e amamentação. Geary & Flinn (2001) também afirmam que à

mãe é atribuída maior responsabilidade de cuidar da criança, e consideram a possibilidade de haver relação com a predisposição biopsicológica desta. Bandeira, Goetz, Vieira & Pontes (2005) compartilham as idéias de Trivers (1972) e de Geary & Flinn (2001) quanto à mãe possuir maior predisposição ao desempenho satisfatório da maternagem e assinalam que “a sensibilidade e responsabilidade aguçadas da mãe podem ser fruto de uma herança filogenética” (p.204). Contudo, os autores sugerem que se o pai tiver oportunidade e for estimulado a vincular-se com seu filho, poderá apresentar sensibilidade frente às demandas dele e assumir seu papel de cuidador. Sousa, Hattori & Motta (2009) concordam que o cuidado para com a prole está associado ao sistema de acasalamento e que pode ser realizado por um ou ambos os pais.

Para Teykal (2007) a ressignificação do homem e, conseqüentemente, do pai, o que ainda deve levar várias gerações para se impor, vai tornar as diferenças entre os homens e mulheres cada vez mais sutis, ao admitir nas mulheres atitudes mais viris e ao permitir que os homens tenham também atitudes mais femininas. A revolução parental só será possível através de relações mais igualitárias entre o casal, refletindo uma masculinidade mais aberta e menos caricaturada. Porém, esta reinvenção de homens e mulheres deve abranger um novo olhar sobre eles, uma nova interpretação do que seja masculinidade e feminilidade, e não simplesmente uma inversão de papéis.

Segundo Keller (1998), nas mais divergentes culturas são as mães as figuras primárias socialmente significantes durante os meses iniciais de vida, mas diversos estudos têm mostrado a importância paterna no desenvolvimento do bebê (Burdon, 1998; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Featherstone, 2001). Para Tamis-Lemonda e Cabrera (1999), a influência paterna no desenvolvimento da criança pode se dar diretamente através das próprias interações entre pai e filho, e indiretamente, pela relação do pai com a mãe ou de seu papel como provedor. Ambos os cuidadores, pai e mãe, estabelecem uma relação importante com o filho na cultura ocidental contemporânea. Oferecem orientações, informações, conselhos, apoio emocional e intelectual, favorecendo o desenvolvimento de um sentimento de segurança na criança.

Em muitas partes do mundo os pais estão mais participativos no cuidado e educação de seus filhos (Brandth & Kvande, 2002; Deutsch, 2001; Dienhart, 2001; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988; Rezende e Alonso, 1995). Estas mudanças estão relacionadas a um apelo constante das mulheres para que os homens passassem a dividir com elas as tarefas que a cultura tradicionalmente havia separado: pai provedor/ mãe cuidadora.

De acordo com Seabra (2007) a instituição familiar não é estática, ela sofre mudanças de acordo com o desenvolvimento histórico-social, cultural e econômico de uma sociedade. No Brasil, esta instituição parece estar sofrendo pressões de muitos fatores e essas pressões têm levado tanto os homens como as mulheres a assumirem conjuntamente o sustento da família, mas não foi sempre assim. Durante a primeira metade do século XX, a estrutura familiar era do tipo patriarcal. Todo o poder de decisão e os recursos financeiros provinham do pai que geralmente, mantinha uma distância afetiva da mulher e dos filhos. À mulher cabiam as exigências sociais da época, ou seja, desempenhando funções de organização doméstica e de cuidado com os filhos. Nas primeiras duas décadas do século passado, a principal atividade produtiva de muitas famílias era a agricultura. Essas se caracterizavam como uma unidade de produção, onde os pais delegavam as obrigações aos filhos, exigindo o seu cumprimento com o máximo de empenho pessoal. As meninas também eram responsáveis pelas atividades na lavoura. Esta estrutura familiar patriarcal elegia o bem comum da família acima das necessidades e anseios pessoais.

Com o crescimento urbano, muitas famílias rurais dirigem-se às cidades, buscando melhores oportunidades escolares para os filhos. A agricultura e a produção familiar cedem lugar às profissões liberais para os rapazes e ao magistério para as moças em torno da década de cinquenta do último século. Nesta mesma época, a mulher gradativamente começa a colaborar no orçamento familiar. Ela deixa de ser completamente submissa ao marido, começando lentamente uma participação indireta e discreta nas decisões familiares. O homem permanece como autoridade máxima da família, mas aproxima-se afetivamente da mulher e dos filhos na medida em que passa a discutir decisões familiares com a esposa. A mulher ainda assim permanece com suas funções domésticas e como a principal responsável pela socialização dos filhos, porém nas famílias urbanas a autoridade do pai deixa de ser inquestionável na medida em que os filhos adquirem mais autonomia e liberdade de opinião. Já nas famílias rurais, onde a convivência ficava restrita a um pequeno grupo de parentes e vizinhos, aos pais cabia a responsabilidade de orientar o caminho que os filhos deveriam percorrer, e esses deveriam acatar tais orientações (Benincá & Gomes, 1998).

Durante as décadas 1960 e 1970, as mulheres passaram a exercer, de forma cada vez mais expressiva, o papel de provedoras, mas ainda continuavam a manter as atividades de cuidadoras. O pai fica mais participativo na educação dos filhos. Em contrapartida, fica exposto a críticas quando não corresponde às expectativas familiares. Outra mudança que colaborou para a delimitação de novos espaços e identidades dentro da família foi o

surgimento da pílula anticoncepcional, que possibilitou o planejamento familiar. A mulher, que durante décadas permaneceu com uma imagem de fragilidade e necessitada de proteção, com atividades voltadas para o lar e para a prole, no final do século XX busca seu desenvolvimento profissional e a realização e de suas potencialidades.

Com essas mudanças sociais cada vez mais evidentes, os papéis maternos e paternos, que já vinham transformando-se lentamente, precisaram assumir novas características, embora os estudos comprovem que estas mudanças de papéis ainda são, até os dias atuais, limitadas em alguns aspectos. Segundo o autor, papéis sociais são:

[...] padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar [...] através do aprendizado de papéis, cada um deveria conhecer o que é ser considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (LOURO, 1997, p. 24)

Em contrapartida, Santos (em Seabra, 2007) analisando as características masculinas representadas em duas revistas (Pais e filhos, e Crescer em família) voltadas para os cuidados, comportamentos e desenvolvimento infantil encontrou resultados diferentes. A maioria dos artigos e seções é dirigida às mães, poucos são direcionados aos pais ou ambos. O mesmo ocorre nas imagens que representam adultos com crianças: das cem imagens analisadas, mais da metade representava mulheres/mães, enquanto 25% representam homens/pais e 25% mostra ambos. Nas imagens de representação paterna, na grande maioria os pais estão jogando, brincando passeando ou acariciando os filhos. Em apenas duas imagens os pais estão realizando tarefas de cuidado. Nos artigos que envolvem o término da licença-maternidade e sobre quem deverá ficar com o bebê, o pai não é citado. As opções apresentadas são sempre as vovós, as babás ou as creches. Mesmo a adaptação da criança em uma das três opções dadas não aparece como responsabilidade paterna. Em muitos artigos há exemplos de mães que abandonaram suas profissões para cuidarem de seus filhos.

Já, em relação às políticas brasileiras, não há um incentivo a participação paterna tão grande se comparamos a situação materna. A mulher tem licença maternidade de 180 dias, enquanto o homem goza apenas de cinco dias após o nascimento do filho de licença paternidade. Embora quando de sua criação a licença-paternidade tenha sido objeto de severas críticas em razão da onerosidade que acompanha a sua concessão, justifica-se a conquista face à assistência que o pai pode e deve prestar à mãe e ao recém-nascido. Com efeito, sendo a maternidade uma questão social, reconhece-se, progressivamente, que "uma política que vise dar à mulher uma situação de igualdade com o homem na vida econômica e política de um

país, não tem condições de vingar se mantiver o ônus da casa, do lar e dos filhos somente nos ombros da mulher" (Verucci, 1987). Em alguns países, como a Itália e a Polônia já se concediam a licença paternidade após o nascimento de filho. Aliás, a divisão de tarefas entre pai e mãe já foi focada pela Convenção n.º 156 e pela Recomendação n.º 165 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) estatuidando que as mesmas responsabilidades devam ser divididas entre os cônjuges para que nenhum deles sofra discriminação. Em nossa Constituição Federal, em seu art. 226, § 5º declara que **"os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher"**. Um pouco mais adiante, no art. 229 dispõe ainda que os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos. No entanto, a mulher pode ficar afastada de seu trabalho em caso de doença do filho, bastando apenas apresentar um atestado médico do mesmo. O homem não tem este direito garantido em Constituição Federal. Ou seja, esta falta de apoio por parte das leis pode gerar um desestímulo aos homens envolvidos com seus filhos. Há um sinal de mudança neste âmbito com a aprovação de uma lei federal que concede a mulher o direito da entrada de um acompanhante na sala de parto para acompanhar o nascimento do filho e no pós-parto.

Em alguns países (Estados Unidos e alguns países europeus) o próprio governo, algumas empresas e ONG investem na implementação de programas em favor de um exercício da paternidade mais saudável e justo. Em alguns países europeus existe a licença parental, que é concedida ao casal, permitindo que pai ou mãe se afastem do trabalho para cuidar do filho após seu nascimento. No Reino Unido há um plano que incentiva pais e mães de crianças menores de seis anos a negociarem em seus trabalhos um horário flexível para estar mais tempo ao lado dos filhos.

Apesar dos incentivos políticos em alguns países, algumas pesquisas (Bittman, 1995; Gunter & Gunter, 1990) têm mostrado que é a mulher quem geralmente continua a desempenhar predominantemente o papel de cuidar e educar os filhos na cultura ocidental. É também papel da mulher cuidar das responsabilidades familiares e executar o maior número de tarefas domésticas. Para Bittman (1995), as tarefas masculinas têm começo e fim definidos e geralmente incluem um componente de lazer com crianças. As mulheres, por sua vez, dedicam-se a tarefas com características opostas e que devem ser realizadas diariamente e em horas específicas.

Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005) investigaram o exercício e a divisão de papéis e funções desempenhados por progenitores na criação e educação de seus filhos em idade escolar. Investigaram famílias de nível socioeconômico médio da cidade de Porto

Alegre. Das oito tarefas investigadas, seis (o exercício da disciplina, o suporte afetivo, a educação básica em termos de higiene, o compromisso com a escola e o sustento econômico) são compartilhadas pelos progenitores. As tarefas que aparecem ainda como trabalho feminino são a nutrição e o acompanhamento do cotidiano dos filhos (tarefas escolares), retomando as funções e papéis clássicos da família coexistindo com os padrões contemporâneos, como discutidos por Trindade, Andrade e Souza (1997) e Biasoli-Alves, Caldana e Dias da Silva (1997).

Trindade e colaboradores (1997) discutem ainda a relação entre o nível de escolaridade e as funções maternas e paternas. O aumento da escolaridade dos pais reflete em uma diminuição da dicotomia entre as duas funções. A mãe não é a responsável exclusiva pelos cuidados com a casa e tarefas do dia-a-dia e o pai não é o provedor principal do lar. Discute também que quanto maior o nível de escolaridade dos pais, mais visível é o afeto e o estabelecimento de um relacionamento positivo entre pai e filho.

Fleck e Wagner (2003) e Rocha-Coutinho (2003) em estudos com famílias brasileiras de nível socioeconômico médio onde a mulher é a principal responsável pelo provento familiar trouxeram resultados similares. Nos dois estudos as mulheres assumem quase totalmente a responsabilidade pelas tarefas domésticas. Mesmo vivendo uma situação de sustento não tradicional, o funcionamento ainda é clássico. Os rendimentos da mulher, mesmo maiores do que os do marido são considerados complementos e as tarefas executadas pelos maridos são percebidas como “ajuda”.

Os estudos de Bustamante e Bonfim (2005) trazem três dimensões na participação paterna no cuidado com os filhos em famílias de camadas populares em uma capital nordestina. São elas: a educação, em que o pai é fundamental; os cuidados corporais, entendidos como atribuição feminina; e a preservação da integridade, considerada dever de todos os membros da família. As autoras discutem que nessa classe social os papéis estão divididos a partir de uma divisão sexual do trabalho e das relações hierárquicas entre marido e mulher e entre pais e filhos. O homem é responsabilizado pela autoridade moral e responsabilidade familiar, já a mulher tem a autoridade de manter a unidade do grupo.

Outro estudo de Bustamante (2005) com homens de camadas populares, pais de crianças menores de seis anos, também em uma capital nordestina, visou conhecer as vivências de paternidade, tentando estabelecer relações entre os discursos e as práticas. Os resultados indicam que o fato de “sentir-se pai” está além do laço biológico com a criança, mas é muito influenciado pela qualidade da relação com a esposa e a própria experiência

como filho. O fato de ser o provedor é considerado condição básica para estabelecer uma relação afetiva com os filhos. Os cuidados corporais tendem a não existir, sendo considerados atribuição feminina. As diferenças entre homens e mulheres são relatadas como tendo um caráter complementar (a mãe cuida e o pai sustenta). Em contrapartida, cada um oferece cuidados específicos que contribuem para uma boa criação: a mãe se encarrega mais dos cuidados com a filha mulher, enquanto o pai estaria mais próximo do filho homem.

Os resultados encontrados por Roberts (1996) nos primeiros anos da década de 1990 nos Estados Unidos demonstram que enquanto as mães engajam-se nas atividades diárias de alimentação higiene, os pais participam nos momentos de lazer e brincadeiras.

Estes resultados podem nos levar a pensar que existem conceitos anteriores a paternidade que devemos considerar, principalmente o conceito de masculinidade, que está diretamente relacionado ao exercício da paternidade e ambos estão embasados em um contexto cultural e social. Com a emancipação feminina, foi necessária uma nova postura masculina no que diz respeito à convivência com as mulheres no próprio ambiente de trabalho e à participação nas atividades dentro do lar. Ou seja, houve uma necessidade de uma participação nas atividades dentro do lar. Ou seja, houve uma necessidade de uma participação mais igualitária entre homens e mulheres.

Em uma pesquisa (Alexandre, 2009) com 48 homens e 49 mulheres (ambos divorciados), sendo 22 homens e 15 mulheres com guarda compartilhada e 26 homens e 34 mulheres cuja atribuição da guarda é exclusiva da mãe, onde se objetivava verificar a influência da guarda exclusiva e compartilhada no relacionamento entre pais e filhos e na percepção do cuidado parental. Foi verificado que a principal consequência do divórcio, independente do tipo de guarda, foi o acúmulo de responsabilidade materna e para os filhos foi a ausência paterna. Revelaram, também, que alguns participantes, de ambos os grupos de guarda, mantêm um relacionamento amigável com o ex-conjugê evidenciando a importância da responsabilidade e comprometimento com o cuidado aos filhos para o exercício da paternidade após o divórcio.

Apesar de existir uma diferença na participação do pai, relacionadas às condições de trabalho paternas e maternas e do próprio nível socioeconômico, percebe-se uma mudança por parte dos pais quanto às suas funções: existe uma nova “cultura de paternidade” que solicita um pai mais presente em termos de envolvimento direto, acessibilidade e maior responsabilidade pela criação conjunta dos filhos, em contrapartida, apesar desta nova percepção e consciência, na prática o comportamento pouco se alterou (Jablonski, 1998).

Ainda assim, Tamis-Lemonda e Cabrera (1999) discutem que “o aumento da proporção de pais como cuidadores e o aumento da incidência de ausência paterna são criadas no meio social e cultural em imagens da paternidade e suposições sobre o papel dos homens”. (p. 2)

Através dos estudos analisados, parece que o exercício da paternidade, que está diretamente relacionado aos fatores histórico-sociais, culturais e econômicos de uma sociedade, ainda vive um momento de transição. A participação paterna nos cuidados com os filhos e atividades domésticas está ainda em caráter de “ajuda” em alguns arranjos familiares. Esta “ajuda” tem um significado de atividades que ainda não pertencem a si, mas sim às mulheres. Também não podemos deixar de discutir o fator relacionado à própria mentalidade feminina, no qual não só os homens precisam estar abertos a essas mudanças, mas também as mulheres necessitam aprender novos papéis e estarem dispostas a compartilhar antigas funções com os pais de seus filhos. A paternidade ainda é vista socialmente como secundária, principalmente nos dois primeiros anos de vida quando a exigência nos cuidados físicos é muito grande. Porém, os estudos também têm mostrado a possibilidade da criança, desde seu nascimento, fazer vínculos seguros com mais de um cuidador. Com a transição dos papéis maternos e paternos, as características da maternidade e paternidade existentes até então, passam a confundir-se, levando o surgimento de diferentes tipos de paternidade. Como aponta Muzio (1998) “se a mãe já não é a única a dispensar amor, tampouco o pai é então a encarnação exclusiva de autoridade, da lei e do mundo exterior” (p. 169).

#### 4 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Para realização do estudo foi escolhida a cidade de Magé<sup>2</sup>, município brasileiro pertencente à Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

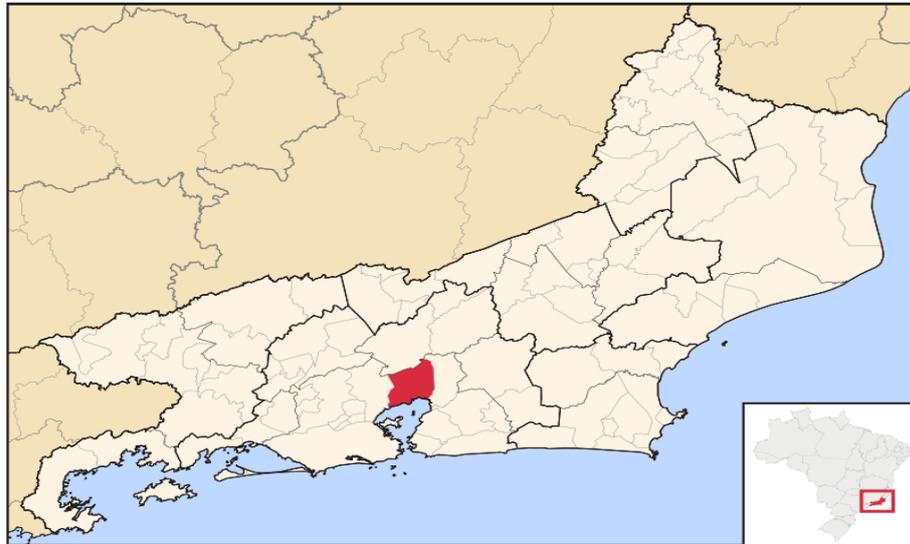


Figura 4: Mapa do Estado do Rio de Janeiro, em vermelho o município de Magé

Em 2009 a população foi estimada em 244.334 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o Censo, em 2000, Magé tinha uma proporção de 96,9 homens para cada 100 mulheres. Em 2007 a distribuição da população apresentava o seguinte quadro:

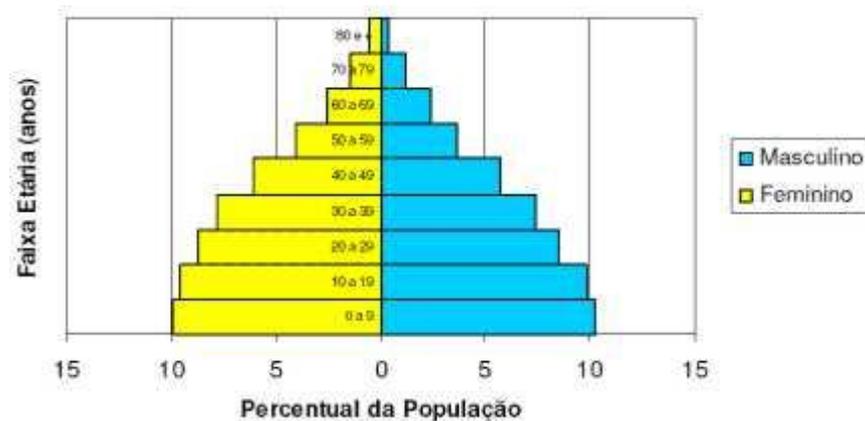


Figura 5: Pirâmide Etária

<sup>2</sup> O nome do município é uma derivação de seu nome original “Magepe-mirim” cujo significado seria “Cacique pequeno”. O nome Magé foi adotado em 9 de junho de 1789, quando da emancipação político-administrativa.

#### 4.1 História

Magé, um dos mais antigos municípios do Estado, foi fundado em 9 de junho de 1565 (tendo origem o povoado de Magepe-Mirim) pelos colonos portugueses. Possuía um dos principais portos da região onde muitos navios negreiros descarregavam os escravos. A vila foi elevada a cidade em 1857. O município passou a ter seis distritos: Magé, Santo Aleixo, Guapimirim, Mauá e Vila Inhomirim - formado pelas localidades de Piabetá, Fragoso e Raiz da Serra (Martins Filho, 1963). Entretanto, em plebiscito realizado no dia 25 de novembro de 1990, Magé perdeu seu terceiro distrito, quando Guapimirim conquistou sua emancipação político-administrativa.

Em Magé, cognominado acertadamente, como o “Portal da Glória”, deram-se as grandes penetrações que desbravaram o Estado até Minas Gerais e o interior do Brasil, através de quatro dos cinco caminhos para as Gerais e o interior: o de Garcia Paes – Pilar, que na época pertencia a Magé; o de Bernardo Soares de Proença, com a abertura do Caminho Novo das Minas Gerais, que se iniciava em Inhomirim até a picada já existente em Secretário – Petrópolis, a qual já possuía comunicação com o Rio Paraíba; o de Custódio Ferreira Leite, o Barão de Ayruoca – que havia assinado um contrato e construiu um caminho ligando o Porto da Piedade a Mar de Espanha, Minas Gerais. Esse caminho ficou conhecido como “Caminho do Ayruoca” e o de Félix Madeira, que passou por terras mageense (Peixoto, 1951).

Magé é uma cidade histórica, pois parte da história do Brasil aconteceu neste município, Magé possuiu ainda um dos Portos mais movimentados da época do Brasil Colônia e Império, o Porto da Estrela, pelo qual escoavam para Portugal os tesouros arrancados das “Gerais”, que vinham pela Variante de Proença ou Caminho Novo das Gerais aberto em 1723, por Bernardo Soares de Proença (Pondé, 1971).

Dentre os seus pontos turísticos podemos citar o **Poço Bento**, com água benta pelo jesuíta José de Anchieta, localiza-se no bairro da Piedade, no primeiro distrito, conta a história que o padre jesuíta José de Anchieta, aportando na praia de Piedade, deparou-se com o poço com águas salobras, impróprias para o consumo da população. Essas águas foram bentas pelo religioso e desde então passou a ser milagroso. A cidade também possui a primeira Estrada de Ferro do País, a **Estrada de Ferro de Guia de Pacobaíba**, inaugurada em 30 de abril de 1854, por Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá. No local ainda é possível encontrar a velha Estação (hoje desativada), a casa do vigia e seu píer, onde chegava a família imperial, que tomava uma barca no Rio de Janeiro em direção à Guia de Pacobaíba e de lá

tomava o trem para a cidade de Petrópolis. Tal ferrovia é, por exemplo, citada por Machado de Assis em seu livro *Memorial de Aires*. O patrimônio histórico do município de Magé também é compreendido por igrejas e capelas seculares, como a Matriz de Nossa Senhora da Piedade, cuja construção foi concluída em 1747. Trilhas desconhecidas, que no passado desbravaram o interior do Brasil com belezas naturais incríveis. Também, são encontradas no município ruínas de antigos prédios históricos, como engenhos, fazendas, e até mesmo um antigo paiol (FUNDREM, 1984; Jornal Voz de Piabetá, 2000).

## 4.2 Geografia

O município tem uma área total de 386,8 Km<sup>2</sup>, correspondente a 8,3% da área da região Metropolitana e está localizado a 60 km da capital – Rio de Janeiro. Magé limita-se ao norte com Petrópolis, ao oeste com Duque de Caxias, ao leste com o município de Guapimirim e ao sul com a Baía de Guanabara. Com relevo acidentado, o cenário mescla cachoeiras (com quedas que variam de 15 a 110 metros), montanhas, vales, rios, manguezais e extensas áreas de Mata Atlântica, além de ser um dos municípios que compreende o Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

## 4.3 Economia

De acordo com Sciammarella (2002), com a abolição da escravatura, houve considerável êxodo dos antigos escravos, ocasionando terrível crise econômica. Esse fato, aliado à insalubridade da região, fez com que desaparecessem as grandes plantações, periódicas ou permanentes. O abandono das terras provocou a obstrução dos rios que cortam a cidade, alagando-a, surgindo o alastramento da malária, que reduziu a população local e paralisou por várias décadas o desenvolvimento econômico da região.

Sua localização privilegiada, próxima a cidades importantes, trouxe novo surto de desenvolvimento no século XX, com a implantação de várias indústrias têxteis (Sciammarella, 2002). No centro de Magé ainda se pode observar o prédio da antiga Cia. Mageense de Tecidos, que no passado fez parte do maior complexo têxtil da América do Sul (Alonso, 2000). Com a falência e fechamento destas fábricas entre as décadas de 1970 e 1980, a cidade

passou um período de poucas oportunidades de trabalho, estes podiam ser resumidos ao comércio, funcionalismo público e trabalhos na área como pesca e agricultura.

Devido a seu posicionamento geográfico (demonstrado na figura 4) os moradores de Magé se deslocavam facilmente para trabalhar nas demais regiões do estado. Com isto, a cidade passou a ser considerada pelo senso comum como uma cidade dormitório<sup>3</sup>. Esta característica da cidade determinou a escolha para que Magé fosse escolhida como cenário para a pesquisa, por ter como residentes pessoas que desempenham atividades em todo estado, sendo assim influenciadas culturalmente por crenças que permeiam não só esta região, mas regiões rurais, comunidades tradicionais, grandes centros do Estado do Rio de Janeiro, com isto refletindo valores de um estado e não só de uma cidade.

Hoje, Magé vem aos poucos tendo uma evolução econômica, e podemos citar como grande incentivo econômico para a cidade, a vinda em 2008 de duas empresas prestadoras de serviço da Petrobrás, que se instalaram na cidade para a construção de gasodutos que ligam Macaé a Refinaria de Duque de Caxias – Reduc. A cidade ainda é considerada por alguns, como cidade dormitório. Alguns profissionais que atuam em Magé também possuem trabalhos em outras cidades. Podemos observar que aos poucos, mesmo que lentamente, a cidade começa adquirir – novamente – um crescimento econômico. Segundo o site do governo do estado, as principais atividades econômicas da cidade são: indústria, comércio, agricultura, pesca e pecuária.

#### 4.4 Personalidades

A personalidade de maior destaque nascida em Magé é Manoel dos Santos, que ficou conhecido como Garrincha – nome de um pássaro de cauda vermelha que ele costumava caçar. Garrincha começou a jogar aos 14 anos, no Esporte Clube Pau Grande (um dos times locais), mais tarde foi levado por um ex-jogador para o Botafogo. Garrincha marcou seu nome na história do futebol mundial como um autêntico gênio da bola.

---

<sup>3</sup> Cidade de caráter principalmente residencial, na qual a maioria dos moradores trabalha em uma cidade próxima, de maior tamanho ou importância econômica.

#### 4.5 O cotidiano da cidade

A cidade possui características de cidade interiorana, onde as crianças podem brincar na rua (isto acontece em ruas residenciais do centro e bairros mais afastados); uma igreja católica que é referência para a cidade, pois o sino toca três vezes ao dia, no mesmo horário e sendo ouvido no centro da cidade e bairros mais próximos; não há teatro, nem cinema – havia três cinemas na cidade, mas fecharam já faz 25 anos. Nos finais de semana famílias e principalmente adolescentes e jovens se encontram na praça principal da cidade e em bares e restaurantes que circundam a praça. Para o lazer há 2 clubes, além de atividades esportivas, são espaço para festas e bailes aos finais de semana. Foi construída a menos de um ano uma área em torno do canal que corta a cidade, que possui ciclovia, espaço para jogos de dama e baralho, parquinho para crianças, jardins e pista de skate. Cabe ressaltar que esta descrição é da cidade de Magé, não do município de Magé, que incluiria também a descrição de seus distritos.

A cidade possui escolas municipais, estaduais e particulares e uma faculdade privada, existem creches municipais, mas nenhuma em Magé, somente em seus distritos. As crianças pequenas ficam com as mães, com as avós ou algum familiar, ou em escolinhas: maternal, jardim da infância (só existente em escolas particulares e não em tempo integral) e babás. É possível também, encontrar alguns casos, que as crianças ficam com o pai, isto ocorre quando o pai trabalha em horário diferente da mãe e estes se revezam ou quando o pai não está trabalhando, mas o pai ser o único responsável pelo cuidado com os filhos ocorre em uma parcela bem pequena da população. O cuidado com as crianças sofre muita influência do poder aquisitivo dos pais, isto é facilmente observado na cidade, pois as crianças de classe econômica mais baixa são cuidadas pela avó, geralmente materna. As crianças de família com poder aquisitivo mais alto possuem babás e passam a frequentar mais cedo a escola.

O poder aquisitivo também influencia vários setores da vida dos residentes da cidade, pessoas com condições financeiras mais favoráveis usufruem do lazer de outras cidades, se locomovendo para cidades como Teresópolis, Petrópolis, Niterói e Rio de Janeiro, para ir ao cinema, teatro, restaurantes mais sofisticados, shoppings, bem como para estudar, fazer cursos e cursar faculdade.

A cidade possui características conservadoras e tradicionalistas, que vem mudando e se transformando gradativamente (Alonso, 2000). Isto atualmente, com informações e trocas culturais, tende a não se aplicar mais à divisão de trabalho. Há casos ainda que homem é o

único provedor da família e há famílias na cidade em que tanto os homens quanto as mulheres trabalham, segundo informações sociodemográfica da Prefeitura. De acordo com Alonso (2000), as pessoas mais velhas influenciam muito na vida dos familiares mais jovens, é bom lembrar que se trata de uma cidade pequena, que embora as pessoas tenham contato com outras cidades, com a mídia e tudo o que acontece em várias partes do mundo, a influência familiar é grande, onde os parentes moram relativamente perto uns dos outros. Outro detalhe, é que de acordo com dados da prefeitura da cidade, é raríssimo os casos de jovens que moram sozinhos, o mais comum é só saírem de casa para se casarem e constituir uma nova família. Acreditamos que esta não seja apenas uma característica da cidade, mas também do país, que possui uma cultura familiar diferente de outros países.

## 5 OBJETIVOS

Considerando a argumentação teórica e as evidências empíricas, que foram expostas nos três capítulos anteriores, sobre alguns aspectos relacionados à paternidade contemporânea, pode-se dizer de uma forma geral, que quando se recorre à literatura nacional e internacional sobre crenças a respeito dos cuidados parentais paternos algumas indagações e lacunas ficam em aberto. Consta-se que há predominância de pesquisas que investigam apenas os cuidados parentais maternos ou investigam aspectos relacionados ao pai priorizando sua relação com mãe. E em relação à transmissão intergeracional, a predominância é também, de pesquisas relacionadas às mães e avós ou pesquisas que privilegiam os resultados dessa transmissão.

Em relação aos aspectos intergeracionais, acrescenta-se o baixo número de pesquisas que investigam esse fenômeno relacionado às crenças parentais, principalmente à paterna. Cabe ressaltar que estas investigações são relevantes na medida em que assinalam a estabilidade de características associadas ao papel parental, se elas mudam ou não em função do tempo.

Alguns autores também têm se preocupado com diferenças intraculturais e adotado como variáveis dependentes temas como escolaridade, idade, profissão, sexo ao estudar aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil e à parentalidade. Estas variáveis se tornam relevantes na medida em que imprimem diferenças significativas nesses fenômenos.

Por essas razões, propõe-se um estudo que visa atender, em parte, estas lacunas, ao investigar as crenças sobre as práticas de cuidados parentais paternos que são privilegiadas na atualidade.

Como objetivo geral deste estudo, pretendemos investigar quais são, na atualidade, as crenças em torno das atribuições paternas, tendo como foco homens e mulheres residentes na cidade de Magé- RJ. Como objetivos específicos desta dissertação:

- Relacionar como são percebidas as práticas de cuidados parentais paterno entre duas gerações distintas;
- Comparar as semelhanças e diferenças nas crenças de homens e mulheres acerca das atribuições paternas;

## 6 MÉTODO

A pesquisa empírica nesta dissertação inclui três estudos distintos, cuja metodologia será apresentada a seguir. O estudo foi submetido à Comissão de Ética da Universidade do estado do Rio de Janeiro e aprovado (Parecer nº 046.3.2009).

### 6.1 Participantes:

Participaram deste estudo 100 pessoas residentes na cidade de Magé – Rio de Janeiro. Os participantes foram divididos em 4 grupos (geração – gênero) de 25:

Homens de 25 a 35 anos

1. Mulheres de 25 a 35 anos
2. Homens de 55 a 65 anos
3. Mulheres de 55 a 65 anos

<b>Geração</b>	<b>Gênero</b>	<b>n</b>
Grupo mais novo	Masculino	25
Grupo mais novo	Feminino	25
Grupo mais velho	Masculino	25
Grupo mais velho	Feminino	25

**Tabela 1 – Delineamento da Pesquisa (N=100)**

## 6.2 Instrumentos:

### 6.2.1 Termo Consentimento Livre e Esclarecido

Forneceu informações a respeito da natureza da pesquisa, do número de participantes, de como seria o envolvimento do participante, dos possíveis riscos e desconfortos, da confidencialidade, e do não recebimento de benefícios e pagamentos (anexo I).

### 6.2.2 Ficha de identificação

Este instrumento permitiu agrupar o participante em um dos quatro grupos do estudo, permitindo uma confidencialidade, já que os demais instrumentos foram identificados por códigos (anexo II).

### 6.2.3 Dados Sociodemográficos

Este instrumento teve por finalidade obter informações sobre as condições socioeconômicas (renda familiar, nível educacional, ocupação, número de filhos) do participante. Este instrumento é apresentado no anexo III.

### 6.2.4 Questionário Função Paterna

Este instrumento (anexo IV) foi desenvolvido pela autora deste estudo. O instrumento é constituído por 6 questões: 3 perguntas fechadas (com 8 opções de resposta, porém o participante só pode escolher no máximo 3 opções de resposta) e 3 perguntas abertas. A finalidade deste questionário foi fornecer uma percepção acerca do participante, podendo assim verificar as diferenças entre a idéia que se tem a respeito da figura paterna (quando se era criança), a idéia a respeito do próprio pai do participante e como o participante acredita que um pai deve ser. Identificar como era a figura do pai (no período de infância do participante) e como o participante observa a importância da figura paterna (de um modo geral) nos dias atuais.

Este instrumento, assim como os instrumentos subsequentes foram desenvolvidos pela autora, que pretende, posteriormente, desenvolver um trabalho de validação dos mesmos.

### 6.2.5 Escala sobre Crenças e Práticas Paterna (ECP)

Esta escala (anexo V) foi desenvolvida pela autora, devido às dificuldades em encontrar um instrumento, que contemplasse exclusivamente os cuidados parentais paterno, e pudesse ser aplicado a pessoas de ambos os sexos, com ou sem filhos. E que não fosse uma avaliação do comportamento do pai, mas que demonstrasse as crenças a respeito do papel desempenhado pelo pai.

O instrumento é uma escala do tipo Likert, com 30 frases afirmativas, sobre práticas desempenhadas pelo pai. Para cada item o participante deveria assinalar uma escala de cinco pontos, a importância que atribui ao item (discordo plenamente a concordo plenamente). Os 30 itens da escala foram divididos em 3 subescalas, adequando os itens correspondentes às práticas paterna e a idade da criança:

10 frases sobre práticas paterna	Em relação a crianças de 0 ano a 1 ano e 11 meses
10 frases sobre práticas paterna	Em relação a crianças de 0 ano a 1 ano e 11 meses
10 frases sobre práticas paterna	Em relação a crianças de 0 ano a 1 ano e 11 meses

Os itens deste instrumento relacionam-se às necessidades biológicas, educacionais, sociais e emocionais da criança, por este motivo frases da escala englobam quatro categorias: Cuidados básicos, aspectos sociais, aspectos didáticos e aspectos disciplinares.

- a. **Cuidados básicos:** relacionados à promoção do bem-estar e saúde dos bebês, promovendo cuidados de higiene, proteção, sustento, rotina, etc.
- b. **Aspectos Sociais:** refere-se a promoção de trocas interpessoais, estabelecimento de confiança entre pai e filho, percepção das necessidades da criança.
- c. **Aspectos Didáticos:** inclui os artifícios utilizados pelo pai para estimular, desenvolver a aprendizagem, proporcionar experiências sociais, brincar.
- d. **Aspectos Disciplinares:** afirmativas relacionadas a convenção de regras na interação social, o ensino do certo e errado e atenção diante do mau comportamento da criança.

<b>Subescalas:</b>	<b>Exemplos de frases:</b>
Cuidados Básicos	Dar banho no bebê é uma das atribuições do pai.
Aspectos Sociais	O pai deve ficar com o bebê, tanto tempo quanto a mãe.
Aspectos Didáticos	O pai deve ajudar a criança com os deveres escolares.
Aspectos Disciplinares	É responsabilidade do pai ensinar bons costumes a criança.

Das 30 afirmativas, **8** se referem aos **Cuidados básicos**, **9** se referem aos **Aspectos Sociais**, **7** se referem aos **Aspectos Didáticos** e **6** se referem aos **Aspectos Disciplinares**.

#### 6.2.6 Escala sobre Crenças e Práticas Paterna - Pretéritas (ECPP-P)

Este instrumento é idêntico ao anterior, em toda sua estrutura, a diferença que as frases estão no tempo verbal passado. Este fato faz com que esta escala seja dependente da anterior, objetivando comparar as práticas parentais paterna na atualidade com as práticas paternas no passado. Este “passado” estará interligado a faixa etária da amostra.

## 7 PROCEDIMENTOS

### 7.1 Coleta de dados

Os participantes para o estudo foram contatados através de indicação de amigos e parentes da autora e através de contato direto, onde a autora abordava o possível candidato para pesquisa, isto ocorreu em clínicas, consultórios, escritórios, clube e eventos sociais.

Após este primeiro contato, explicando a natureza da pesquisa, seus objetivos e importância, era realizada a pesquisa ou agendada, dependendo da disponibilidade do participante. Somente duas pessoas se recusaram a participar, um homem na faixa de 55 a 65 anos e uma mulher na faixa de 25 a 35 anos, em ambos os casos alegaram que não gostam de participar de pesquisas.

Foi seguido um procedimento padrão de aplicação dos questionários. Inicialmente, os sujeitos foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que garante o sigilo e confidencialidade das informações individuais prestadas. Os sujeitos assinavam-no quando concordavam em participar.

Durante a pesquisa os instrumentos eram preenchidos pela pesquisadora ou pelo participante, em alguns casos mais de uma pessoa foi entrevistada, quando isto ocorria a pesquisadora explicava para o grupo e cada um preenchia o seu instrumento, tirando dúvidas individualmente quando solicitada. Não ocorreram muitas dúvidas, somente algumas a respeito da *Escala sobre Crenças e Práticas Paterna – Pretéritas*, o participante questionava se ele deveria escrever sobre o pai de um modo geral ou sobre o seu próprio pai.

Embora o estudo seja com 100 pessoas, foram entrevistadas 106, pois 5 pessoas não quiseram ou tiveram dificuldades em responder as questões discursivas do *Questionário Função Paterna*, dentre estas pessoas: uma mulher (25 a 35 anos), um homem (25 a 35 anos) e três homens (55 a 65 anos). Além destes cinco, um homem (25 a 35 anos) após ter respondido, explicou que mesmo as respostas sendo sobre o pai, ele respondeu pensando em sua mãe, já que seus pais se separaram quando ele era pequeno e sua mãe se tornou “mãe e pai” segundo fala deste participante, por este motivo estas 6 pesquisas foram invalidadas.

## 7.2 Análise dos dados

A digitação e análises dos dados foram realizadas por meio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 16. Foram realizadas análises descritivas (média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo), bem como análises de comparação de médias (Teste *t* de Student e Anova *Oneway*) e correlações *r de Pearson*. Na presente dissertação, após análise de variância ANOVA, foi utilizado o teste *post hoc* de *Scheffé* (Dancey & Reidy, 2006). As médias dos participantes nas subescalas da ECPP e ECPP-P foram comparadas em função do sexo dos respondentes, geração e grupo (sexo x geração). A correlação *r de Pearson* foi utilizada para verificar o grau de associação entre as duas variáveis (Tabachnick & Fidell, 2007). Foram correlacionadas as médias dos participantes nas subescalas da ECPP e ECPP-P com escolaridade e renda familiar dos respondentes.

Para o **Questionário Função Paterna** os dados foram analisados quantitativamente em termos de percentagem das respostas dadas ao instrumento. Para esta avaliação, dois juízes da área de Psicologia, Pós-graduados, fizeram, separadamente, a análise e confirmaram os resultados obtidos um com o outro. Cabe lembrar, que o participante tinha 8 opções de escolha de respostas, e dentre estas poderia escolher até 3 respostas, então temos uma gama de combinações de respostas, com isto foi adotado para análise o número de vezes que a resposta aparecia, sendo 25 (o número de participante por grupo) equivalente à 100%. Isto quer dizer que o número total de respostas não será igual à 100%, pois como já foi citado anteriormente, são variadas as possibilidades de combinações de respostas, e sim, calculada de acordo com o número de vezes que foi citada por cada participante.

Exemplo:

Para 88% do grupo 1 (25 participantes = 100%), o pai deve ser “participativo” e para 76% o pai deve ser “carinhoso”.

### **Uma resposta não exclui a outra.**

As perguntas abertas deste questionário foram analisadas qualitativamente, onde as respostas recorrentes foram consideradas. Este procedimento foi elaborado a posteriori, isto é, que apesar de ter sido previamente delineado, as categorias surgiram da própria resposta. Os aspectos semelhantes e divergentes da fala do participante foram destacados para facilitar a compreensão e análise do material coletado (ver a esse respeito, Rocha-Coutinho, 1998). Primeiro todas as respostas foram agrupadas, isto é, um documento com somente as respostas, divididas por grupo, após a primeira duas leituras das respostas, foram destacadas as palavras

que se repetiam, após listadas as palavras que se repetiam, estas foram organizadas, agrupando-as junto com os sinônimos, por exemplo: “essencial” junto com “fundamental”, “aconselhar” com “orientar”. Após a organização dos sinônimos, foram organizadas as respostas finais. Destacando algumas falas dos participantes, que representava as respostas. As análises dos juízes tiveram 93% de grau de concordância. As respostas para exemplos foram acordadas entre a autora do estudo e os juízes.

## 8 RESULTADOS

### 8.1 Dados sociodemográficos

Como foi citado anteriormente, participaram da pesquisa 50 homens e 50 mulheres de duas gerações diferentes, os sujeitos foram divididos em quatro grupos. O grupo 1 foi formado por homens com idades entre 25 e 35 anos, o grupo 2 por mulheres entre 25 e 35 anos, o grupo 3 por homens entre 55 e 65 anos e, por fim, o grupo 4 por mulheres entre 55 e 65 anos. Cada um desses grupos foi composto igualmente por 25 sujeitos. Na tabela 2 são apresentados os dados sociodemográficos referentes ao sexo dos respondentes, idade, escolaridade, estado civil, se possuem filhos, quantidade de filhos, entre outros.

Variável	Categoria	Frequência
Sexo do respondente	Feminino	50
	Masculino	50
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	15
	Ensino Fundamental Completo	09
	Ensino Médio Completo	28
	Ensino Superior Incompleto	14
	Ensino Superior Completo	20
	Especialização	13
	Mestrado	01
Estado civil	Casado	60
	Solteiro	30
	União estável	03
	Divorciado	04
	Viúvo(a)	03
Tem filhos?	Sim	64
	Não	30
Quantidade de filhos	Um filho	23
	Dois filhos	30
	Três filhos	07
	Quatro filhos	04
	Seis Filhos	01
	Não se aplicada	35

Vive com pai/mãe do(s) filhos(?)	Sim	49
	Não	15
	Não se aplica	36
Tem netos?	Sim	27
	Não	20
	Não se aplica	53
Profissão atual	Auxiliar, Ensino Fundamental	06
	Auxiliar, Ensino Médio	10
	Técnico	09
	Comércio	12
	Superior	19
	Professor de Nível Fundamental	03
	Professor de Nível Médio	04
	Estudante	06
	Do lar	07
	Aposentado	20
Renda familiar	Desempregado	04
	De R\$ 401,00 a R\$ 500,00	01
	De R\$ 501,00 a R\$ 600,00	03
	De R\$ 601,00 a R\$ 800,00	06
	De R\$ 801,00 a R\$ 1.000,00	03
	De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.300,00	05
	De R\$ 1.301,00 a R\$ 1.600,00	07
	De R\$ 1.601,00 a R\$ 2.000,00	09
	De R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00	25
	De R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00	16
R\$ 4.001,00 a mais	25	
Por quem foi criado(a) principalmente?	Pais biológicos	81
	Mãe biológica	08
	Pai biológico	01
	Avôs	02
	Outros parentes	02
	Pais adotivos ou de criação	02
	Mãe e padrasto	03
	Pai e madrasta	01

**Tabela 2 – Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas (N = 100).**

Como pode ser observado na Tabela 2, 20 sujeitos (20%) possuem Ensino Superior completo, a maioria é do estado civil casado (60%) e tem filhos (64%). A quantidade dos que têm filhos varia de um (23%) a seis filhos (1%). Também chama atenção o fato de que a grande maioria (81%) foi criada principalmente pelos pais biológicos.

A seguir os dados sociodemográficos foram separados por 4 grupos: gênero e geração:

Dados referentes ao grupo 1 (homens de 25 - 35 anos):

Variável	Categoria	Frequência
Sexo do respondente	Masculino	25
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	0
	Ensino Fundamental Completo	0
	Ensino Médio Completo	08
	Ensino Superior Incompleto	08
	Ensino Superior Completo	05
	Especialização	03
	Mestrado	01
Estado civil	Casado	09
	Solteiro	14
	União estável	02
	Divorciado	0
	Viúvo(a)	0
Tem filhos?	Sim	11
	Não	14
Quantidade de filhos	Um filho	07
	Dois filhos	04
	Três filhos	0
	Quatro filhos	0
	Seis Filhos	0
	Não se aplicada	14
Vive com pai/mãe do(s) filhos(?)	Sim	08
	Não	03
	Não se aplica	14
Tem netos?	Sim	0
	Não	0
	Não se aplica	25
Profissão atual	Auxiliar, Ensino Fundamental	0
	Auxiliar, Ensino Médio	01
	Técnico	06
	Comércio	03
	Superior	08
	Professor de Nível Fundamental	0
	Professor de Nível Médio	01
	Estudante	03
	Do lar	0
	Aposentado	0

Variável	Categoria	Frequência
	Desempregado	03
Renda familiar	De R\$ 401,00 a R\$ 500,00	0
	De R\$ 501,00 a R\$ 600,00	02
	De R\$ 601,00 a R\$ 800,00	0
	De R\$ 801,00 a R\$ 1.000,00	02
	De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.300,00	0
	De R\$ 1.301,00 a R\$ 1.600,00	02
	De R\$ 1.601,00 a R\$ 2.000,00	02
	De R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00	03
	De R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00	04
	R\$ 4.001,00 a mais	10
Por quem foi criado(a) principalmente?	Pais biológicos	19
	Mãe biológica	02
	Pai biológico	0
	Avós	02
	Outros parentes	01
	Pais adotivos ou de criação	01
	Mãe e padrasto	0
	Pai e madrasta	0

**Tabela 3 – Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 1**

A próxima tabela é sobre os dados referentes ao grupo 2 (mulheres 25 – 35 anos)

Variável	Categoria	Frequência
Sexo do respondente	Feminino	25
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	01
	Ensino Fundamental Completo	01
	Ensino Médio Completo	06
	Ensino Superior Incompleto	04
	Ensino Superior Completo	07
	Especialização	06
	Mestrado	0
Estado civil	Casado	12
	Solteiro	12
	União estável	0
	Divorciado	01
	Viúvo(a)	0
Tem filhos?	Sim	06
	Não	19
Quantidade de filhos	Um filho	04
	Dois filhos	02
	Três filhos	0
	Quatro filhos	0
	Seis Filhos	0

Variável	Categoria	Frequência
	Não se aplicada	19
Vive com pai/mãe do(s) filhos(?)	Sim	05
	Não	01
	Não se aplica	19
Tem netos?	Sim	0
	Não	0
	Não se aplica	25
Profissão atual	Auxiliar, Ensino Fundamental	01
	Auxiliar, Ensino Médio	09
	Técnico	0
	Comércio	02
	Superior	06
	Professor de Nível Fundamental	0
	Professor de Nível Médio	03
	Estudante	03
	Do lar	01
	Aposentado	0
	Desempregado	0
Renda familiar	De R\$ 401,00 a R\$ 500,00	0
	De R\$ 501,00 a R\$ 600,00	01
	De R\$ 601,00 a R\$ 800,00	01
	De R\$ 801,00 a R\$ 1.000,00	01
	De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.300,00	0
	De R\$ 1.301,00 a R\$ 1.600,00	02
	De R\$ 1.601,00 a R\$ 2.000,00	03
	De R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00	06
	De R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00	06
	R\$ 4.001,00 a mais	05
Por quem foi criado(a) principalmente?	Pais biológicos	21
	Mãe biológica	01
	Pai biológico	01
	Avós	0
	Outros parentes	0
	Pais adotivos ou de criação	0
	Mãe e padrasto	02
	Pai e madrasta	0

**Tabela 4 – Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 2**

A tabela a seguir é sobre os dados referentes ao grupo 3 (homens 55 – 65 anos)

Variável	Categoria	Frequência
Sexo do respondente	Masculino	25
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	07
	Ensino Fundamental Completo	03
	Ensino Médio Completo	06
	Ensino Superior Incompleto	02
	Ensino Superior Completo	05
	Especialização	02
	Mestrado	0
Estado civil	Casado	21
	Solteiro	02
	União estável	01
	Divorciado	01
	Viúvo(a)	0
Tem filhos?	Sim	24
	Não	01
Quantidade de filhos	Um filho	05
	Dois filhos	13
	Três filhos	03
	Quatro filhos	02
	Seis Filhos	01
	Não se aplicada	01
Vive com pai/mãe do(s) filhos(?)	Sim	19
	Não	05
	Não se aplica	01
Tem netos?	Sim	15
	Não	09
	Não se aplica	01
Profissão atual	Auxiliar, Ensino Fundamental	03
	Auxiliar, Ensino Médio	01
	Técnico	01
	Comércio	03
	Superior	05
	Professor de Nível Fundamental	0
	Professor de Nível Médio	0
	Estudante	0
	Do lar	0
	Aposentado	11
	Desempregado	01
Renda familiar	De R\$ 401,00 a R\$ 500,00	0
	De R\$ 501,00 a R\$ 600,00	0
	De R\$ 601,00 a R\$ 800,00	0
	De R\$ 801,00 a R\$ 1.000,00	03
	De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.300,00	0
	De R\$ 1.301,00 a R\$ 1.600,00	02
	De R\$ 1.601,00 a R\$ 2.000,00	02

Variável	Categoria	Frequência
	De R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00	06
	De R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00	03
	R\$ 4.001,00 a mais	09
Por quem foi criado(a) principalmente?	Pais biológicos	20
	Mãe biológica	01
	Pai biológico	01
	Avós	01
	Outros parentes	0
	Pais adotivos ou de criação	0
	Mãe e padrasto	01
	Pai e madrasta	01

**Tabela 5 – Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 3**

A última tabela referente aos dados sociodemográficos é a do grupo 4 (mulheres de 55-65 anos)

Variável	Categoria	Frequência
Sexo do respondente	Feminino	25
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	07
	Ensino Fundamental Completo	05
	Ensino Médio Completo	08
	Ensino Superior Incompleto	0
	Ensino Superior Completo	03
	Especialização	02
	Mestrado	0
Estado civil	Casado	18
	Solteiro	02
	União estável	0
	Divorciado	02
	Viúvo(a)	03
Tem filhos?	Sim	23
	Não	02
Quantidade de filhos	Um filho	06
	Dois filhos	11
	Três filhos	04
	Quatro filhos	02
	Seis Filhos	0
	Não se aplicada	02
Vive com pai/mãe do(s) filhos(??)	Sim	17
	Não	05
	Não se aplica	03
Tem netos?	Sim	13
	Não	10

Variável	Categoria	Frequência
	Não se aplica	02
Profissão atual	Auxiliar, Ensino Fundamental	04
	Auxiliar, Ensino Médio	02
	Técnico	0
	Comércio	01
	Superior	0
	Professor de Nível Fundamental	02
	Professor de Nível Médio	01
	Estudante	0
	Do lar	06
	Aposentado	09
	Desempregado	0
Renda familiar	De R\$ 401,00 a R\$ 500,00	01
	De R\$ 501,00 a R\$ 600,00	0
	De R\$ 601,00 a R\$ 800,00	02
	De R\$ 801,00 a R\$ 1.000,00	0
	De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.300,00	03
	De R\$ 1.301,00 a R\$ 1.600,00	03
	De R\$ 1.601,00 a R\$ 2.000,00	02
	De R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00	10
	De R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00	03
R\$ 4.001,00 a mais	01	
Por quem foi criado(a) principalmente?	Pais biológicos	21
	Mãe biológica	02
	Pai biológico	0
	Avôs	0
	Outros parentes	01
	Pais adotivos ou de criação	01
	Mãe e padrasto	0
	Pai e madrasta	0

**Tabela 6 – Distribuição de respondentes segundo variáveis sociodemográficas – grupo 4**

## 8.2 Questionário Função Paterna

### 8.2.1 A lembrança a respeito da figura paterna

Para a análise destes resultados, serão levadas em consideração as três respostas mais recorrente na amostra. Em relação à percepção do grupo 1 (homens de 25 -35 anos), a lembrança que se tem a respeito da figura paterna, de um modo geral, é que eram pais **autoritários** (para 36%), **cuidadores** (para 36%) e **carinhosos** (para 36%). As opções não tiveram uma discrepância significativa.

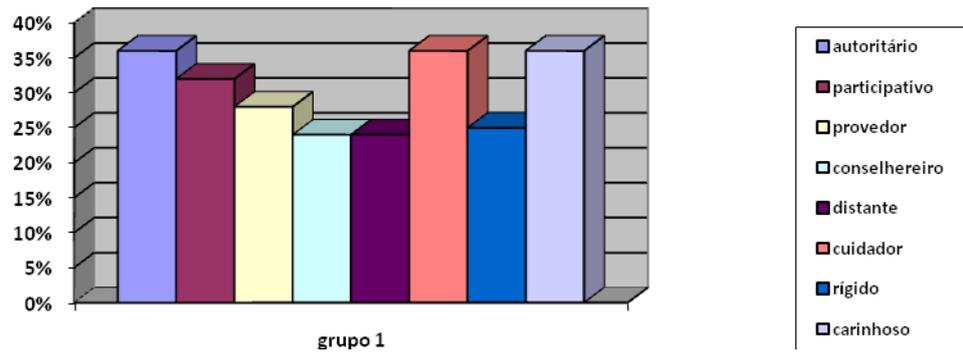


Gráfico 1 - Lembrança (grupo 1) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 - 10 anos

Para o grupo 2 (mulheres de 25 – 35 anos), os pais eram considerados como **provedores** (para 44%), **cuidadores** (para 44%) e **carinhosos** (para 40%).

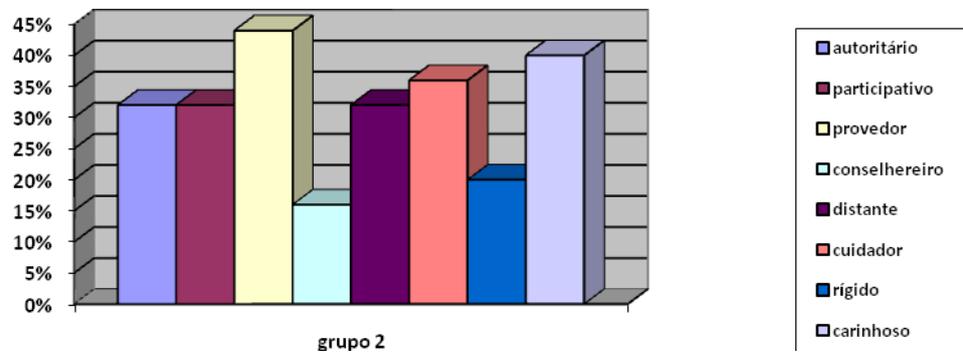


Gráfico 2 - Lembrança (grupo 2) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 - 10 anos

Para o grupo 3 (homens 55 – 65 anos) houve um grande número de participantes que escolheu a opção **provedor** (para 52%), seguida de **rígido** (para 48%) e **distante** (para 36%).

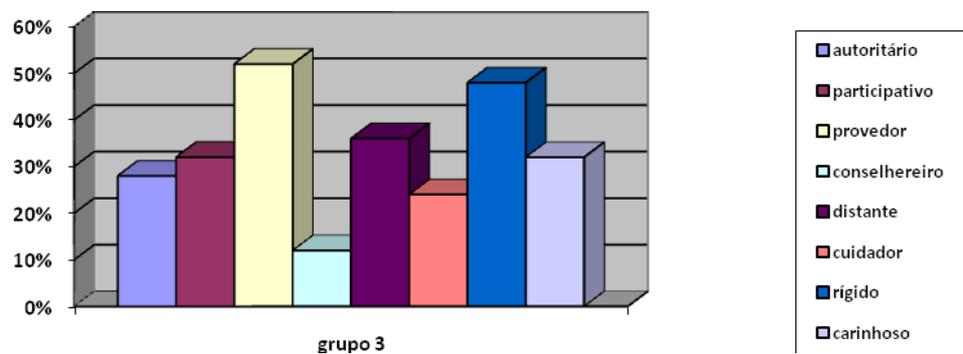


Gráfico 3 - Lembrança (grupo 3) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 - 10 anos

Com uma maior discrepância entre as respostas, o grupo 4 (mulheres de 55 – 65 anos) descreveu a figura paterna da sua infância, como sendo **provedor** (para 64%), **autoritário** (para 44%) e **rígido** (para 44%).

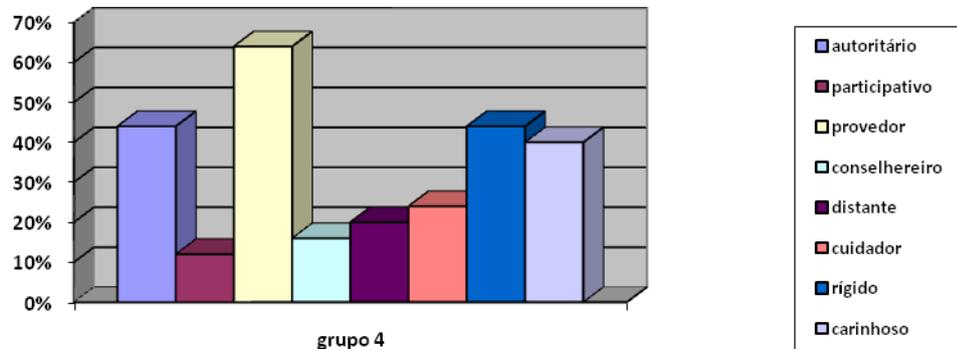


Gráfico 4 - Lembrança (grupo 4) a respeito da figura paterna, quando se tinha entre 5 - 10 anos

### 8.2.2 Como era o pai (dos sujeitos da amostra)

Com as mesmas opções da questão anterior, nesta questão os participantes, porém as opções são referentes ao seu próprio pai.

O grupo 1 (homens de 25 – 35 anos) descreveu os pais como **distante** (para 40%), **cuidadores** (para 40%) e **autoritários** (para 36%).

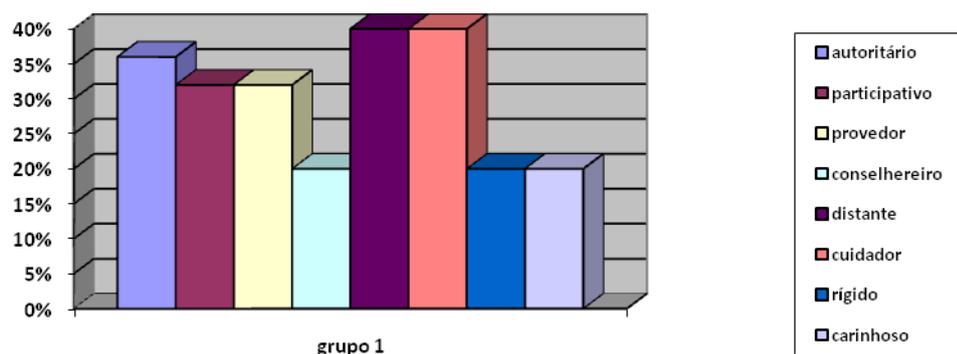
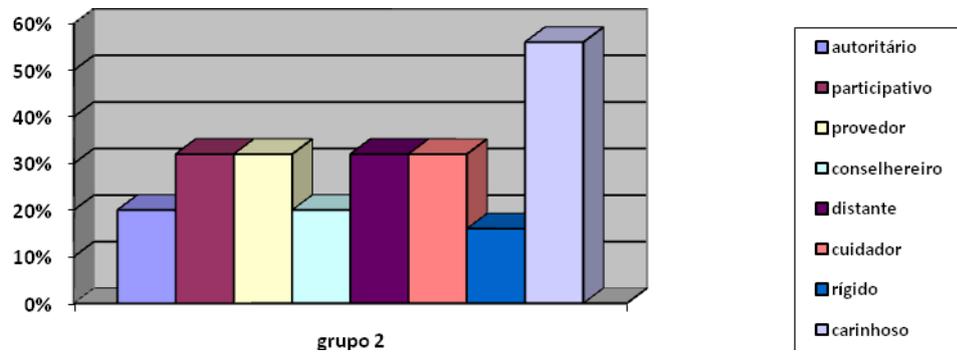


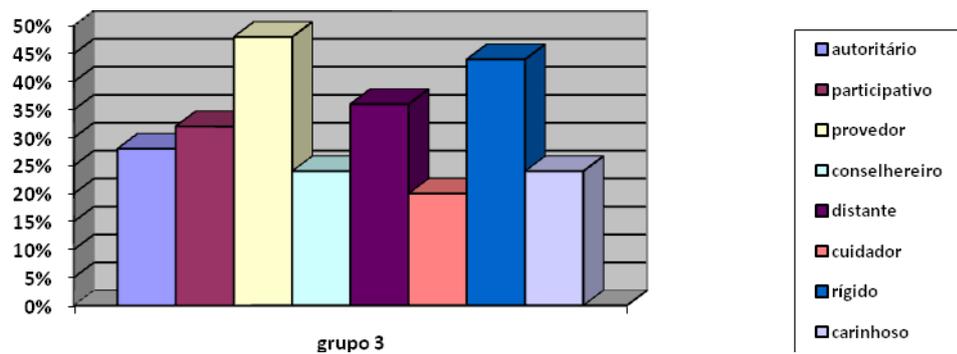
Gráfico 5 - Como eram os pais dos participantes (grupo 1)

O grupo 2 (mulheres de 25 – 35 anos) manteve-se homogêneo a respeito das características do pai, sendo atribuídos a estas características como: **participativo** (para 32%), **provedor** (para 32%), **distante** (para 32%) e **cuidador** (para 32%). Porém a opção **carinhoso** (para 56%) também teve um destaque na escolha dos participantes.



**Gráfico 6 - Como eram os pais dos participantes (grupo 2)**

O grupo 3 (homens de 55 – 65 anos) destacaram três principais características de seus pais: **provedor** (para 48%), **distante** (para 36%) e **rígido** (para 44%).



**Gráfico 7 - Como eram os pais dos participantes (grupo 3)**

Para o grupo 4 (mulheres de 55 – 65 anos) o pai era **provedor** (para 60%), **rígido** (para 44%) e **autoritário** (para 36%).

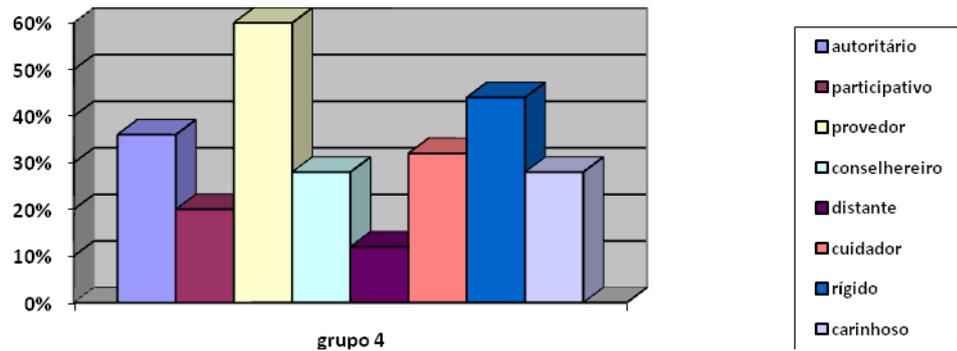


Gráfico 8 - Como eram os pais dos participantes (grupo 4)

### 8.2.3 Como um pai deve ser

Dentre as mesmas opções para avaliar a idéia que se tinha a respeito da figura paterna e do próprio pai, neste item os participantes escolheram as características que eles acreditam que um pai deve ter.

Os homens do grupo 1 (25 -55anos) elegeram as seguintes características (que acreditam que um pai deve ter): ser **participativo** (para 88%), **conselheiro** (para 60%) e **carinhoso** (para 76%).

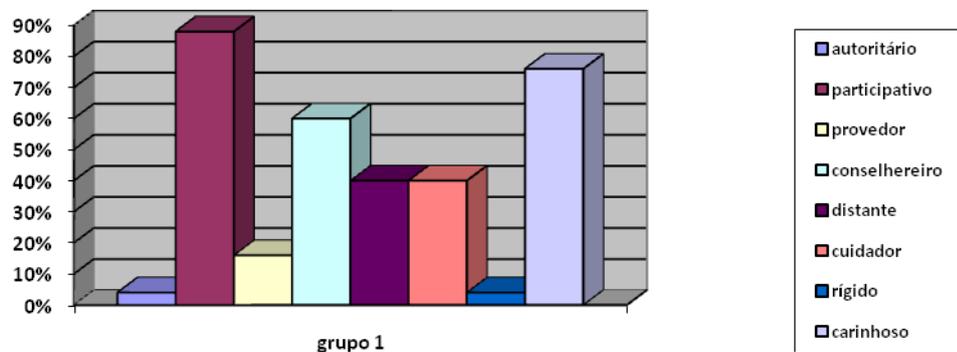


Gráfico 9 - Como acreditam que um pai deve ser (grupo 1)

O grupo 2 (mulheres de 25 -35 anos) acreditam que a figura paterna deveria ser: **participativo** (para 88%), **cuidador** (para 60%) e **carinhoso** (para 80%). Ser **conselheiro** (para 44%) também foi uma característica bastante citada.

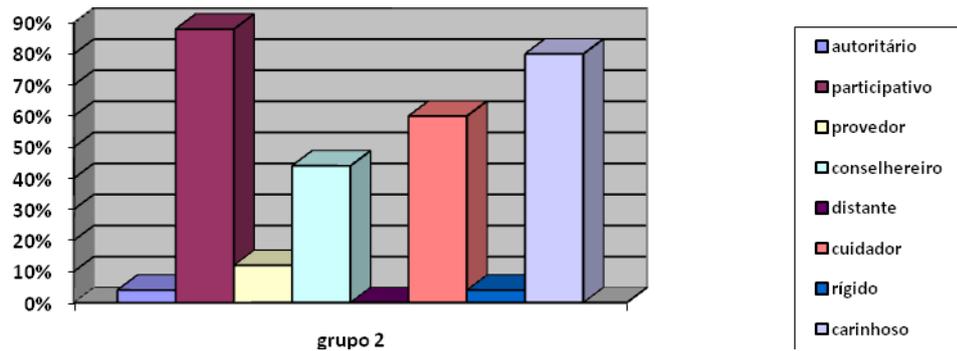


Gráfico 10 - Como acreditam que um pai deve ser (grupo 2)

O grupo 3 (homens de 55 – 65 anos) ressaltou características como: **participativo** (para 84%), **conselheiro** (para 56%) e **carinhoso** (para 72%).

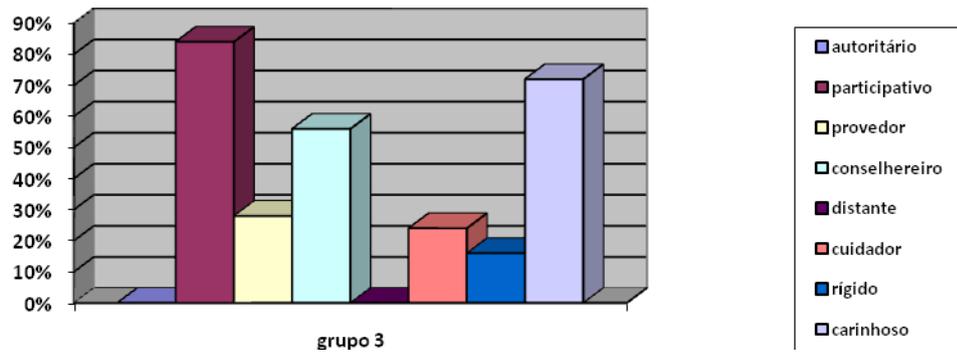


Gráfico 11 - Como acreditam que um pai deve ser (grupo 3)

Para o grupo 4 (mulheres de 55 - 65 anos) um pai deve ser: **participativo** (para 84%), **conselheiro** (para 52%) e **carinhoso** (para 96%).

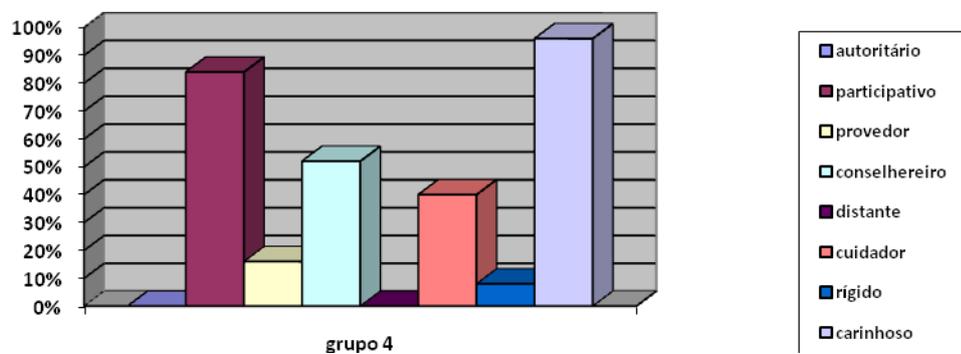


Gráfico 12 - Como acreditam que um pai deve ser (grupo 4)

#### 8.2.4 Questionário Função Paterna (questões abertas)

Na questão aberta – nº 4 do Questionário Função Paterna, foi solicitado que o participante citasse 5 itens que ele acredita fazerem parte da função do pai no cuidado com os filhos. Todos os 4 grupos responderam esta questão, na maioria das vezes, repetindo as opções das questões fechadas. No quadro a seguir são apresentados os 5 itens mais recorrentes na resposta de cada grupo:

<b>Grupo 1</b> (homens – geração mais nova)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser participativo</li> <li>• Ser carinhoso</li> <li>• Ser conselheiro</li> <li>• Ser cuidador</li> <li>• Ser provedor</li> </ul>
<b>Grupo 2</b> (mulheres – geração mais nova)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser participativo</li> <li>• Ser carinhoso</li> <li>• Ser conselheiro</li> <li>• Ser cuidador</li> <li>• Ser provedor</li> </ul>
<b>Grupo 3</b> (homens – geração mais velha)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser participativo</li> <li>• Ser carinhoso</li> <li>• Ser conselheiro</li> <li>• Ser cuidador</li> <li>• Ser provedor</li> </ul>
<b>Grupo 4</b> (mulheres – geração mais velha)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser participativo</li> <li>• Ser carinhoso</li> <li>• Ser conselheiro</li> <li>• Ser cuidador</li> <li>• Ser amigo</li> </ul>

Houve um consenso nas respostas dos grupos, exceto com o grupo 4, que o pai ser amigo foi mais citado do que a característica provedor.

### 8.2.5 Importância da figura paterna na infância

Na questão nº 5 foi solicitado que o participante pensasse na sua infância e a partir desta lembrança escrevesse *qual a importância da figura paterna*. A seguir as respostas mais frequentes:

#### a) Grupo 1:

Palavras como “importante” surgiram várias vezes, assim como o pai estar ligado aos valores morais, algumas respostas:

- ✓ “ajudou na formação do caráter”
- ✓ “ajudou a formar um homem”

Mas a palavra “distante” (ou alguma outra com o mesmo sentido) para definir a figura paterna, foi citada em várias respostas:

- ✓ “Meu pai era bastante distante, deixando tudo para minha mãe resolver.”
- ✓ “A importância do pai, é que ele seja presente na criação dos seus filhos. Porque o meu me abandonou.”
- ✓ “Via o meu pai como uma pessoa importante, mesmo distante. Dava segurança saber que ele existia.”
- ✓ “Infelizmente, meu pai não participou muito da minha criação. Logo após a separação dos meus pais, ele se afastou. Mas acho que foi importante, pois me mostrou como um pai não deve ser.”
- ✓ “Quase não via o meu pai. Ele trabalhava muito, saia cedo e quando chegava em casa eu já estava dormindo.”
- ✓ “Tinha pouca importância. Porque era muito autoritário e pouco participativo.”

#### b) Grupo 2:

Neste o grupo os comentários foram muito heterogêneos. A palavra “importante” também surgiu muitas vezes. O pai foi vinculado à transmissão de segurança, ao ensino de regras e valores morais, ao sustento financeiro e também foi citado como distante, algumas respostas:

- ✓ “Muito importante, embora na minha infância eu acho que meu pai não foi muito presente, isso dificultou muito o nosso convívio na adolescência.”
- ✓ “Fundamental. Pois a presença dele sempre foi importante para a construção do conceito de família, além da minha formação e personalidade. O amor e o carinho foi o que mais me marcou.”

c) Grupo 3:

Para este grupo o pai foi citado como transmissor de valores, a questão do pai trabalhar muito e/ou ensinar o filho a trabalhar foi comentada algumas vezes:

- ✓ “Relativa, pois meu pai trabalhava de segunda á sábado, e às vezes, no domingo também.”
- ✓ “Fundamental, apesar de ter pouco contato com a gente por ter que trabalhar na roça (interior de Minas Gerais).”
- ✓ “Me ensinou a trabalhar.”
- ✓ “Meu pai era muito instável, mas era conselheiro. Instável porque saía à trabalho, largando tudo para trás.”

Mas o que mais chamou a atenção foi o fato da mãe ser citada várias vezes, mesmo falando sobre o pai, a importância da mãe era apontada, os avós também foram citados:

- ✓ “Era a mesma da figura materna, com a diferença de que ele era o provedor da casa e a mãe a dona de casa (do lar).”
- ✓ “É complicado, pois tenho a lembrança da minha avó, que foi quem me criou. Só tenho duas lembranças do meu pai, e não são boas.”
- ✓ “Pai e mãe são tudo.”
- ✓ “Não deu para perceber a importância porque fui criado por meus avós. Embora por perto, ele estava sempre distante.”
- ✓ “Era junto com a mãe, o meu porto seguro, pois quando me sentia ameaçado recorria a eles.”

d) Grupo 4:

Este grupo ressaltou qualidades do pai e sua importância na transmissão de valores, porém, na maioria dos casos havia sempre uma ressalva a conduta paterna ou por ser distante, autoritário, dentre outros. O pai como provedor foi bastante citado.

- ✓ “Fundamental para a segurança emocional, desenvolvimento de sentimentos de fraternidade, amor e respeito pela natureza e pelo próximo e para a auto-estima e religiosidade. Quase tudo.”
- ✓ “Muita, porque era um pai respeitoso que procurava dar o melhor para nós, apesar de ser autoritário e muito distante.”
- ✓ “Poderia ter sido melhor, porque só se preocupava com o sustento material da família, deixando para a mãe todos os outros aspectos necessários.
- ✓ Fundamental na formação e educação do caráter. Porque apesar do meu pai ter sido autoritário, me ajudou muito.
- ✓ “Prover e proteger. Porque na minha infância, havia uma certa distância entre pai e filho, apesar da convivência.”
- ✓ “Era o típico pai de antigamente: provedor, autoritário e rígido, mas com caráter. Era o meu herói.”

#### 8.2.6 Importância da figura paterna na atualidade

A última questão discursiva solicitava que os participantes relatassem a importância da figura paterna para os dias atuais.

##### a) Grupo 1:

Para o grupo 1 a importância do pai foi associada à se ter segurança, referencial e exemplo para a criança seguir, algumas respostas:

- ✓ “É fundamental. Porque é um braço a mais no qual a criança pode segurar, confiar.”
- ✓ “O pai ajuda aos seus filhos tornarem-se pessoas mais seguras e responsáveis para lidar com a dificuldade da vida.”

A importância do pai também foi associada à problemas contemporâneos de drogas, violência, delinqüência, algumas respostas:

- ✓ “Hoje acredito que seja mais importante, pois vivemos em uma sociedade pior do que alguns anos.”
- ✓ “Com os problemas atuais de facilidade ao acesso às drogas e ao mundo criminoso, o pai necessita estar em sintonia com seus filhos.”

##### b) Grupo 2:

Este grupo descreveu a importância do pai ligada à importância da mãe.

- ✓ “Hoje em dia a importância da figura paterna equivale a figura materna. Quando os dois trabalham, cabe dividir entre os dois toda a responsabilidade com a criança.”
- ✓ “Essencial. Porque os filhos precisam entender que uma família tem que ser composta por pai, mãe e filho(s). o pai e a mãe precisam estar unidos e em plena comunhão para dar ao filhos uma boa educação.”

c) Grupo 3:

O pai como um modelo, exemplo para o filho seguir e a transmissão de segurança ao filho foram os itens mais destacados no grupo 3:

- ✓ “A importância da figura paterna nos dias atuais estaria relacionada à orientação, aconselhamento e resgate de valores que se perderam com o passar dos anos.”
- ✓ “A criança e o jovem vivem hoje, dias tão conturbados que precisam de alguém que possa transmitir-lhes segurança. Com um pai presente e amigo, eles poderão sentir esta segurança.”

d) Grupo 4:

Assim como ocorreu com o grupo 3, ser exemplo para os filhos e transmitir-lhes segurança foi destaque nas respostas dos participantes deste grupo.

- ✓ “Para a criança se sentir segura, sabendo que ela não está só, que tem alguém que lute por ela e em quem ela pode confiar.”
- ✓ “Em qualquer época, a figura paterna deve servir de exemplo. Um modelo de responsabilidade, equilíbrio e coerência.”

### 8.3 Escalas (ECPP e ECPP-P)

Foram comparadas as médias dos homens e mulheres nas subescalas da ECPP “cuidados básicos”, “aspectos sociais”, “aspectos didáticos” e “aspectos disciplinares”. O objetivo foi verificar se existiam diferenças estatísticas significativas entre esses grupos. Na Tabela 7 são apresentados os resultados dos testes *t* de Student.

	Sexo	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i> valor
Cuidados básicos	Masculino	4,112	0,556	1,412	0,161
	Feminino	3,937	0,677		
Aspectos sociais	Masculino	4,409	0,405	0,336	0,738
	Feminino	4,380	0,453		

Aspectos didáticos	Masculino	4,434	0,465	-0,157	0,876
	Feminino	4,449	0,445		
Aspectos disciplinares	Masculino	4,290	0,437	-2,749	0,007
	Feminino	4,523	0,411		

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão;  $t$  = Teste  $t$  de Student;  $p$  valor = nível de significância.

**Tabela 7 – Comparação de médias de respondentes por sexo nas subescalas da ECPP**

Apenas um dos grupos apresentou diferença significativa estatisticamente. -se que as mulheres (M = 4,523; DP = 0,411) apresentaram maior média do que os homens (M = 4,290; DP = 0,437) na subescala aspectos disciplinares ( $t = -2,749$ ,  $p < 0,01$ ). Isto pode ser indicativo de que possivelmente as mulheres da amostra enfatizam mais a necessidade de seguir regras e prover disciplina. Na Tabela 8 são apresentados os resultados referentes à ECPP-P.

	Sexo	M	DP	$T$	$p$ valor
Cuidados básicos	Masculino	2,840	0,894	2,268	0,026
	Feminino	2,452	0,812		
Aspectos sociais	Masculino	3,080	0,931	1,849	0,026
	Feminino	2,736	0,932		
Aspectos didáticos	Masculino	3,363	0,747	1,829	0,071
	Feminino	3,080	0,799		
Aspectos disciplinares	Masculino	3,633	0,744	0,267	0,790
	Feminino	3,593	0,754		

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão;  $t$  = Teste  $t$  de Student;  $p$  valor = nível de significância.

**Tabela 8 – Comparação de médias dos respondentes por sexo nas subescalas da ECPP-P**

Como pode ser observado, os grupos apresentaram diferenças significativas estatisticamente em “Cuidados Básicos” e “Aspectos Sociais”. Os homens apresentaram maior média do que as mulheres tanto na subescala “cuidados básicos” ( $t = 2,268$ ,  $p < 0,05$ ), quanto na subescala “aspectos sociais” ( $t = 1,849$ ,  $p < 0,05$ ). Como já apresentado anteriormente, a subescala “cuidados básicos” refere-se a aspectos relacionados à promoção do bem-estar e saúde, enquanto “aspectos sociais” incluem comportamentos afetivos e físicos usados para engajar a criança e promover trocas interpessoais. Os sujeitos do sexo masculino da amostra apresentaram maior concordância em relação às atribuições do pai no que se refere aos cuidados básicos e aspectos sociais. Na Tabela 9 são apresentadas as comparações de média dos escores das subescalas da ECPP em relação à geração do respondente.

	Geração	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i> valor
Cuidados básicos	Geração 25 a 35 anos	4,217	,519	3,236	0,002
	Geração 55 a 65 anos	3,832	0,662		
Aspectos sociais	Geração 25 a 35 anos	4,418	0,371	0,543	0,588
	Geração 55 a 65 anos	4,371	0,481		
Aspectos didáticos	Geração 25 a 35 anos	4,463	0,463	0,471	0,639
	Geração 55 a 65 anos	4,420	0,447		
Aspectos disciplinares	Geração 25 a 35 anos	4,380	0,390	-0,606	0,546
	Geração 55 a 65 anos	4,433	0,484		

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão; *t* = Teste *t* de Student; *p* valor = nível de significância.

**Tabela 9 – Comparação de médias dos respondentes por geração nas subescalas da ECPP.**

Verifica-se que a geração de 25 a 35 anos apresentou maior média ( $M = 4,217$ ;  $DP = 0,519$ ) do que a geração de 55 a 65 anos ( $M = 3,832$ ;  $DP = 0,662$ ) na subescala “cuidados básicos” ( $t = 3,236$ ,  $p < 0,01$ ). Isto indica que, pelo menos na amostra de respondentes da pesquisa, os mais jovens concordam que o pai também é responsável pelos cuidados básicos da criança. Nas outras subescalas não foram encontradas diferenças significativas. Na Tabela 10 são apresentados os resultados referentes à ECPP-P.

	Geração	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i> valor
Cuidados básicos	Geração 25 a 35 anos	2,860	0,974	2,517	0,013
	Geração 55 a 65 anos	2,432	0,703		
Aspectos sociais	Geração 25 a 35 anos	3,016	0,899	1,145	0,255
	Geração 55 a 65 anos	2,800	0,982		
Aspectos didáticos	Geração 25 a 35 anos	3,360	0,759	1,790	0,076
	Geração 55 a 65 anos	3,083	0,788		
Aspectos disciplinares	Geração 25 a 35 anos	3,627	0,730	0,178	0,859
	Geração 55 a 65 anos	3,600	0,769		

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão; *t* = Teste *t* de Student; *p* valor = nível de significância.

**Tabela 10 – Comparação de médias dos respondentes por geração nas subescalas da ECPP-P.**

Em relação à ECPP-P verificou-se resultado similar. Observa-se que a geração de 25 a 35 anos ( $M = 2,860$ ;  $DP = 0,974$ ) apresentou maior média do que a geração de 55 a 65 anos ( $M = 2,432$ ;  $DP = 0,703$ ) na subescala “cuidados básicos” ( $t = 2,517$ ,  $p < 0,05$ ).

Na Tabela 11 são apresentadas as comparações de médias nas subescalas da ECPP considerando os grupos (sexo x geração).

	Geração	M	DP	<i>F</i>	<i>p</i> valor
Cuidados básicos	Homens de 25 a 35 anos	4,275	0,425	$F_{3,96} = 4,317$	0,007
	Mulheres de 25 a 35 anos	4,160	0,602		
	Homens de 55 a 65 anos	3,950	0,628		
	Mulheres de 55 a 65 anos	3,715	0,686		
Aspectos sociais	Homens de 25 a 35 anos	4,400	0,363	$F_{3,96} = 0,319$	0,811
	Mulheres de 25 a 35 anos	4,436	0,386		
	Homens de 55 a 65 anos	4,418	0,450		
	Mulheres de 55 a 65 anos	4,324	0,514		
Aspectos didáticos	Homens de 25 a 35 anos	4,394	0,476	$F_{3,96} = 0,689$	0,561
	Mulheres de 25 a 35 anos	4,531	0,449		
	Homens de 55 a 65 anos	4,474	0,460		
	Mulheres de 55 a 65 anos	4,366	0,435		
Aspectos disciplinares	Homens de 25 a 35 anos	4,267	0,391	$F_{3,96} = 2,608$	0,056
	Mulheres de 25 a 35 anos	4,493	0,362		
	Homens de 55 a 65 anos	4,313	0,487		
	Mulheres de 55 a 65 anos	4,553	0,461		

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão; *F* = Anova *Oneway*; *p* valor = nível de significância.

**Tabela 11 – Comparação de médias dos respondentes por grupo (geração e sexo) nas subescalas da ECPP.**

Por meio da análise de variância Anova *Oneway* verificou-se que os homens de 25 a 35 anos ( $M = 4,275$ ;  $DP = 0,425$ ) diferem das Mulheres de 55 a 65 anos ( $M = 3,715$ ;  $DP = 0,686$ ) ( $F_{3,96} = 4,317$ ,  $p < 0,01$ ). O teste *post hoc* de *Scheffé* indicou que a diferença de 0,560 pontos era significativa estatisticamente.

A seguir são comparados os escores dos grupos na ECPP-P.

	Geração	M	DP	<i>F</i>	<i>p</i> valor
Aspectos sociais	Homens de 25 a 35 anos	3,116	0,775	$F_{3,96} = 1,785$	0,155
	Mulheres de 25 a 35 anos	2,916	1,014		
	Homens de 55 a 65 anos	3,044	1,079		
	Mulheres de 55 a 65 anos	2,556	0,823		
Aspectos didáticos	Homens de 25 a 35 anos	3,423	0,729	$F_{3,96} = 2,589$	0,057
	Mulheres de 25 a 35 anos	3,297	0,798		
	Homens de 55 a 65 anos	3,303	0,774		
	Mulheres de 55 a 65 anos	2,863	0,754		
Aspectos disciplinares	Homens de 25 a 35 anos	3,627	0,761	$F_{3,96} = 0,057$	0,982
	Mulheres de 25 a 35 anos	3,627	0,712		
	Homens de 55 a 65 anos	3,640	0,742		
	Mulheres de 55 a 65 anos	3,560	0,808		

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão; *F* = Anova *Oneway*; *p* valor = nível de significância.

**Tabela 12 – Comparação de médias dos respondentes por grupo (geração e sexo) nas subescalas da ECPP-P.**

Similarmente a ECPP, verificou-se que os homens de 25 a 35 anos ( $M = 3,120$ ;  $DP = 0,924$ ) diferem das Mulheres de 55 a 65 anos ( $M = 2,305$ ;  $DP = 0,560$ ) ( $F_{3,96} = 4,217$ ,  $p < 0,01$ ). O teste *post hoc* de *Scheffé* indicou que a diferença de média de 0,815 pontos era significativa estatisticamente. Na Tabela 13 são apresentadas as correlações *r* de Pearson da variável escolaridade com as médias dos sujeitos nas subescalas da ECPP e ECPP-P.

ECPP	Escolaridade
	<i>R</i>
Cuidados básicos	0,34**
Aspectos sociais	0,024
Aspectos didáticos	0,16
Aspectos disciplinares	0,19
ECPP-P	<i>r</i>
Cuidados básicos	0,29**
Aspectos sociais	0,072
Aspectos didáticos	0,02
Aspectos disciplinares	0,05

\*\* Nível de significância  $< 0,01$ .

**Tabela 13 – Correlação entre escolaridade dos pais e as subescalas de ECPP e ECPP-P**

Observa-se que à medida que aumenta o nível de escolaridade dos respondentes aumenta a média dos respondentes em cuidados básicos tanto na ECPP ( $r = 34, p < 0,01$ ) quanto na ECPP-P ( $r = 29, p < 0,01$ ). A mesma análise foi operacionalizada considerando a variável renda familiar. Os resultados são apresentados na Tabela 14.

ECPP	Escolaridade
	<i>R</i>
Cuidados básicos	0,37**
Aspectos sociais	0,04
Aspectos didáticos	0,13
Aspectos disciplinares	0,03
ECPP-P	<i>r</i>
Cuidados básicos	0,12
Aspectos sociais	0,16
Aspectos didáticos	0,15
Aspectos disciplinares	0,01

\*\* Nível de significância  $< 0,01$ .

**Tabela 14 - Correlação entre renda familiar e as subescalas de ECPP e ECPP-P**

Observa-se que à medida que aumenta a renda familiar dos respondentes aumenta a média dos respondentes em cuidados básicos na ECPP ( $r = 37, p < 0,01$ ). Em relação às subescalas da ECPP-P não foram encontrados resultados significativos estatisticamente.

## 9 DISCUSSÃO

Para a discussão sobre as diferenças geracionais, será chamado de *geração mais nova*, os dois grupos (homens e mulheres de 25 - 35 anos), assim como será chamado de *geração mais velha* os dois grupos (homens e mulheres de 55 – 65 anos).

Na presente pesquisa foi dada ênfase a características e variáveis que contribuíram para a evolução filogenética da família humana e do comportamento parental. As variações culturais e individuais nos modelos da dinâmica de cuidado parental e na formação da família são consideradas respostas fenotípicas para diferentes condições históricas e ecológicas.

A necessidade da interpretação dos dados com uma perspectiva interacionista precisa ser destacada, uma vez que a análise da evolução humana, e no caso do comportamento parental, mostra a impossibilidade de separar a evolução natural e a evolução cultural (Bussab, 2000). O ambiente de adaptação do ser humano abrange mais do que o ambiente físico, ele é formado essencialmente pelo grupo social e constitui-se num ambiente ao mesmo tempo social, afetivo e cultural.

Os domínios de interação estudados descrevem aspectos referentes à atenção da figura paterna para características ambiente e as situações que promovam o incremento do repertório comportamental da criança, a atenção às necessidades físicas emocionais e a aprendizagem de algumas normas e regras para interação social. Estes domínios são diferentemente valorizados de acordo com o contexto sociocultural, e são apresentados como modelos a ser seguidos pelo pai em sua interação com a criança. Os progenitores utilizam um conjunto de idéias e padrões culturais adquiridos na sua história de interação com o grupo em que estão inseridos para compreender a personalidade e a inteligência da criança (Harkness & Super, 1992).

Neste sentido, com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças nas crenças sobre práticas parentais paterna, de pessoas de gerações e gênero diferentes, chegamos a seguintes análises:

Os resultados demonstraram uma diferença na lembrança que se tem da figura paterna. Para a geração mais velha aspectos negativos foram citados, como: provedor, rígido, distante e autoritário, enquanto a geração mais nova citou apenas autoritário como aspecto negativo, entre a infância da geração mais velha e a infância da geração mais nova houve uma mudança na percepção da figura paterna, sendo percebidos como cuidadores e carinhosos. O pai como provedor é uma característica que ainda permanece. Álvares (2003) em uma pesquisa com

famílias monoparentais femininas apontou como uma das principais queixas destas mães, a dificuldade financeira, devido terem que prover sozinha os filhos. Com relação ao gênero não houve uma homogeneidade, as mulheres diferem dos homens de idade diferente da sua, assim como grupos de mulheres com idades diferentes não possuem a mesma opinião.

Com relação à lembrança que se tem do próprio pai, a geração mais velha foi coerente com a idéia que eles tinham sobre a figura paterna de um modo geral, porém a geração mais nova demonstrou uma diferença entre a idéia que eles possuem da figura paterna com a figura do próprio pai, para a geração mais nova o próprio pai não é carinhoso, mas *distante* dos filhos. Com relação ao gênero também não há diferenças, as mulheres se assemelham aos homens, desde que estes sejam da mesma geração que a sua.

Tanto homens quanto mulheres de ambas as gerações concordam sobre como acreditam que um pai deve ser, para todos os participantes um pai deve participar ativamente da vida do filho, ser conselheiro e carinhoso. E somando-se à estas características todos os participantes acham que o pai é responsável por prover e cuidar do filho. Isto demonstra uma continuidade de crença entre as gerações – do pai visto como provedor, mas também evidencia modificações do pensamento da geração mais velha, onde esta defende um pai mais participativo (cuidar do filho), isto confirma a teoria de que também há interferências da geração mais nova nas crenças das gerações mais velhas.

Quanto às lembranças do seu próprio pai, todos os participantes de ambos os sexos e gerações relataram aspectos positivos e negativos a respeito do pai, e a falta desta presença foi apontado como um aspecto negativo para o desenvolvimento e a relação com filho.

Quanto à importância do pai, não houve diferença significativa na opinião dos participantes, todos concordam que o pai é um referencial, um modelo para o filho se espelhar e que a presença do pai transmite segurança para a criança. Somente as mulheres da geração mais nova ressaltaram que o pai é tão importante quanto a mãe, os demais não se pronunciaram quanto a isto.

Quanto às práticas parentais paterna, as mulheres diferem dos homens, elas acreditam que o pai deve ter uma atitude mais atuante com relação aos Aspectos Disciplinares, isto é, que os pais devem prover a disciplina e enfatizar na criança a importância de seguir regras.

Há também uma diferença entre homens e mulheres a respeito de como eram as práticas parentais paterna anos atrás (resultados da ECPP-P), estas diferenças são sobre os cuidados básicos, segundo os homens, o pai era responsável por cuidados como, dar banho no bebê, preparar papinhas e outros cuidados relacionados à higiene, bem estar e cuidados

físicos. Embora, há pesquisas como a de Bolli (2002) que aponta que quanto aos cuidados com o bebê, a mãe aparece como referência principal. Há também uma diferença entre homens e mulheres, com relação aos Aspectos Sociais, os homens acreditam que o pai se engajava mais em atividades como conversar com a criança, demonstrar afeto pelos filhos, estar atento aos sentimentos da criança. Porém Gianini (2002) aponta o contrário, em uma pesquisa sobre o exercício da paternidade em duas décadas diferentes (1945/1950 e 1995/2000) demonstrou que os pais de filhos(as) nascidos(as) nos anos de 1995/2000 quando comparados aos filhos(as) nascidos(as) nos anos de 1945/1950 apresentaram indicativos de maior envolvimento nos cuidados básicos com os filhos, maior índice de preocupação com os filhos, uma elevada participação positiva dos pais com as atividades dos filhos e as atitudes afetivas com os filhos são maiores.

A geração mais nova acredita que o pai deve estar engajado em atividades de cuidados básicos com a criança. Esta mesma diferença ocorre com relação ao comportamento do pai no passado, para a geração mais nova, o pai era também responsável pelos cuidados básicos com a criança. Relacionando a geração com o sexo, observou-se que os homens da geração mais nova diferem das mulheres da geração mais velha tanto com relação ao que eles acreditam fazerem parte das atribuições parentais paterna, quanto com relação ao que acreditam que eram práticas do pai.

Há uma relação das respostas com a escolaridade e a renda familiar, quanto maior a escolaridade e a renda familiar, maior é a média de respostas sobre os cuidados básicos. Temos por hipótese de que isto ocorra com pessoas onde tanto a mãe quanto o pai trabalham, conseqüentemente maior a renda familiar e a necessidade do pai estar engajados em cuidados com a criança, que em outra época era responsabilidade da mãe, como alimentar, dar banho, cortar a unhas, dentre outros.

Com base nos resultados percebemos que há diferenças e semelhanças entre gerações e entre homens e mulheres, porém as diferenças entre gerações são maiores do que a diferenças entre homens e mulheres.

Apesar de todos os resultados encontrados, é importante esclarecer que estes representam pessoas de um determinado contexto, e que as práticas paterna variam dentro de limites étnicos-culturais e biológicos. Como Seabra (2007) descreveu a sociedade tende a não ter como prática o exercício da “paternidade tradicional”, porém ainda não vive plenamente o exercício da “paternidade não tradicional”. Cabe ressaltar também, que não há um modelo a

ser seguido, já que existem realidades diferentes, mas sim compreendê-las para melhor desempenharmos nosso papel na sociedade em que vivemos.

## 10 CONCLUSÃO

Os participantes relataram perceber modificações na sociedade que influenciaram as práticas parentais, e a entrada da mulher no mercado de trabalho foi o mais citado.

Quanto à transmissão geracional observamos durante a pesquisa que as crenças geracionais estão em uma via de mão dupla, interferindo em novas gerações e sofrendo influências da mesma, isto reflete que embora gerações mais velhas tenham determinados posicionamentos acerca das práticas parentais paterna, elas foram se adaptando as modificações da sociedade e incorporando novos valores a respeito dos papéis desempenhados pela tríade pai-mãe-filho. O mesmo ocorre com homens e mulheres, onde há diferenças de opiniões, mas estas também são afetadas por agentes externos (cultural, aspectos socioeconômicos, mudanças biológicas, etc.).

É observável que a questão de um “novo pai” pode ser percebida no discurso dos entrevistados, principalmente no daqueles da geração mais nova, no que diz respeito à ênfase dada ao diálogo com os filhos e ao aumento da participação dos pais nas questões familiares. Embora haja posicionamentos divergentes em alguns aspectos, de um modo geral tanto homens quanto mulheres de ambas as gerações são unânimes quanto à importância do pai e demonstraram durante a pesquisa, achar pertinentes estes questionamentos. Cabe ressaltar, como já foi dito anteriormente, que a diferença entre gerações são maiores do que a diferença entre gênero.

Para a maioria dos participantes estudados, o exercício da paternidade vem sofrendo modificações em relação à paternidade tradicional, tais como a necessidade de envolvimento do pai em algumas tarefas cotidianas e de cuidados. Mas ainda apresentam alguns resquícios da paternidade tradicional, como o fato do pai ser citado como provedor, ou as mulheres valorizarem os aspectos de disciplina do pai.

Embora os objetivos da pesquisa tenham sido atingidos, comparando as semelhanças e diferenças entre as gerações e gênero, percebemos que este é um passo pequeno, que visa despertar o interesse de novos estudos e voltar a atenção das pessoas para a necessidade de discutir papéis que desempenham função essencial no desenvolvimento do ser. Como tivemos a oportunidade de observar nos comentários dos participantes sobre o próprio pai, a ausência ou comportamento negativo do pai e como isto interferiu na vida dos participantes. Isto foi observado durante o processo de coleta dos dados, quando alguns participantes aproveitaram

para tecer comentários sobre a relação que estes tinham com os seus pais. Além disso, muitos mostraram interesse em saber sobre os resultados, se disponibilizaram a contribuir com mais informações e/ou elogiaram a iniciativa do estudo em torno desta temática.

## 11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADES, C. (1998). Psicoetologia do Cuidado Paterno. In: M. J. R. Paranhos da Costa & V. U. Cromberg (org.). *Comportamento materno em Mamíferos: bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos* (pp. 31-51). Jaboticabal – SP: ETCO – Grupo de Estudos em Etologia e Ecologia Animal: Departamento de Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista.
- ALENCAR, E. M. S. (1982). *A criança na família e na sociedade*. Petrópolis: Vozes.
- ALEXANDRE, D. T. (2009). Influência da guarda exclusiva e compartilhada no relacionamento entre pais e filhos e na percepção do cuidado parental. *Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis*.
- ALONSO, J. I. (2000). *Notas para a história de Magé*. Niterói: editora do autor
- ÁLVARES, L. C. (2003) Famílias monoparentais femininas: um olhar sobre este arranjo familiar na cidade de Uberaba/MG. *Dissertação de mestrado em Serviço Social do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Franca*
- ASPESI, C. C., DESSEN, M. A. & CHAGAS, J. F. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: Uma perspectiva interdisciplinar. Em M. A. Dessen & A. L. Costa, Jr. (Orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 19-36). Porto Alegre: Artmed.
- ATTIAS-DONFUT, C. (2004). Sexo e envelhecimento. Em C. H. Peixoto (org). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- BADINTER, E. (1993). *XY sobre a identidade masculina*. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BANDEIRA, M.; GOETZ, E. R.; VIEIRA, M. L. & PONTES, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. Em: F. A. R. Pontes; C. M. C. Magalhães; R. S. C. Brito; W. L. B. Martin. (orgs.). *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea*. (PP. 191-230). Belém: EDUFPA.
- BARROS, M. M. L. (2003). *Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. Sesc São Paulo.
- BARROS, M. M. L. (2004). Velhice na contemporaneidade. Em C. H. Peixoto (org). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- BAUM, W. M. (2006). *Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução* (trad. Maria Tereza Araújo Silva). 2 ed. Rev. e ampl.; Porto Alegre: Artmed

- BELSKY, J. (1996). Parent, infant and social-contextual antecedents of father-son attachment security. *Development Psychology*, 32, 905-913.
- BENINCÁ, C. R. S. & GOMES, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*, 3, p. 177-205.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; CALDANA, L. H. R. 7 DIAS DA SILVA, F. G. M. (1997). Práticas de educação da criança na família: A emergência do saber técnico científico. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7(1), p. 49-62.
- BITTELBRUNN, A. C. C. (2008). Indivíduos férteis e inférteis frente aos tratamentos para a infertilidade. *Dissertação de mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*.
- BITTMAN, M. (1995). Changes at the heart of family households. *Family Matters*, 40.
- BJORKLUND, D. F. (1997). The role of immaturity in human development. *Psychology Bulletin*, 122 (2), 153-169.
- BJORKLUND, D. F. & PELLEGRINI, A. D. (2000). Child development and evolutionary psychology. *Child Development*, 71, p. 16-87.
- BOLLI, A. C. V. B. (2002). O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade. *Dissertação de mestrado em Psicologia do Programa de Pós –graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*
- BORNSTEIN, M. H. (2004). Child and family research in cross-cultural perspective. *International Society for the Study of Behavioral Development Newsletter*, 1 serial n. 45, 17-20.
- BRANDTH, B. & KVANDE, E. (2002). Reflexive fathers: negotiating parental leave ad working life. *Gender, work and Organization*, 9, 186-203.
- BRONFENBRENNER, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- BROWN, R. E. (1998). Hormônios e comportamento parental. Em: M. J. R. P. Costa & V. U. Cromberg (Orgs). *Comportamento materno em mamíferos* (pp. 53-99). São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia.
- BURDON, B. (1998). Envolvendo os homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? Em: P. Silveira (Org). *Exercício de paternidade*, (PP. 81-90). Porto Alegre: Artes Médicas.
- BUSSAB, V. S. R. & RIBEIRO, F. L. (1998). Biologicamente cultural. Em: L. de Souza, M. F. Q. de Freitas e M. M. P. Rodrigues (orgs). *Psicologia – reflexões (im)pertinentes*. (PP. 175-193). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BUSSAB, V. S. R. (2000). A família humana vista da perspectiva etológica: na natureza ou cultura? *Interação*, 4, 9-22.

- BUSSAB, V. S. R. (2000). Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: a adoção de uma perspectiva interacionista. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13, 233-243.
- CABRERA, N.; TAMIS-LEMONDA, C. S., BRANDLEY, R. H., HOFFERTH, S. & LAMB, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71, 127-136.
- CARVALHO, M. L. M. (2003). Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações de casais. *Caderno de Saúde Pública*, 19, (2), disponível em: <[http://WWW.scielo.br/](http://WWW.scielo.br/ acesso em: 9 abr 2009) acesso em: 9 abr 2009.
- CARVALHO NETO, M. B.; TOURINHO, E. Z. & MENEZES, A. B. (2005). O debate “inato” versus “aprendido”: uma análise conceitual. Em F. A. R. Pontes; C. M. C. Magalhães; R. S. C. Brito; W L. B. Martins (orgs). *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea*, 253-275. Belém: EDUFA.
- CHRISTENFELD, N. J. S. & HILL, E. A. (1995) Whose baby are you? *Nature*, 378, 669.
- CLUTTON-BROCK, T. (1991). *The Evolution of Parental Care*. New Jersey: Princeton University Press.
- COLE, M. (2002). Culture and development. Em: H. Keller, Y. H. Poortinga & Schölmerich (Eds.). *Between culture and biology: Perspectives on ontogenetic development* (pp. 303 – 319). Cambridge: Cambridge University Press.
- DARWIN, C. (1995). *A Origem das Espécies e a Seleção Natural*. Curitiba: Hemus.
- Davis, J. N. & Daly, M. (1997). Evolutionary theory and the human family. *The Quarterly Review of Biology*, 72, 407-435.
- DEUTSCH, F. M. (2001). Equally shared parenting. *Current directions in psychological science*, 10, 25-28.
- DIENHART, A. (2001). Make room for Daddy: The pragmatic potentials of a tag-team structure for sharing parenting. *Journal-of- Family-Issues*, 22, 973-999.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1989). *Human ethology*. New York: Aldyne de Gruyter.
- FEATHERSTONE, B. (2001). Research review: Putting fathers n the child welfare agenda. *Child-and-Family-Social-Work*, 6, 179-186.
- FERREIRA, M. C.; ASSMAR, E. M. L. & SOUTO, S. (2002). O individualismo e o coletismo como indicadores de culturas nacionais: Convergências e divergências teórico-metodológicas. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 81-89.
- FLECK, A. & WAGNER, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (número especial), 31-38.
- FUNDREM (1984). Região metropolitana do Rio de Janeiro: Inventário dos bens culturais do município de Magé. Rio de Janeiro: SECDREM/FUNDREM.

GEARY, D. C.; FLINN, M. V. (2001). Evolution of human parental behavior and human family. *Parenting: Science and Practice*, 1, (1/2), 5–61.

GIANINI, M. S. O. (2002) Envolvimento, atitudes participativas e preocupações dos pais com filhos nascidos nos períodos 1945/1950 e 1995/2000. *Dissertação de mestrado em psicologia do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

GOODNOW, J. J. (1992). Parents' ideas, childrens' ideas: Correspondence and divergence. Em: Siegel, S.; McGillicudy-DeLisi, A. V. & J. Goodnow, J. (Orgs). *Parental Belief systems: the psychological consequences for children*. Hillsdale, NJ e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.

GOODNOW, J. J. (1996). From household practices to parents' ideas about work and interpersonal relationships. Em S. Harkness & C. M. Super (Eds.). *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions and consequences*. 2nd ed. (pp. 313-344). New York: The Guilford Press.

GOULD, S. J. (1997). Três aspectos da evolução. In: J. Brockman & K. Matson (org.). *As Coisas são Assim: pequeno repertório científico do mundo que nos cerca* (pp. 95-100). São Paulo: Companhia das Letras.

GREENFIELD, P. M., KELLER, H., FULIGNI, A. & MAYNARD, A. (2003). Cultural pathways through universal development. *Annual Review Psychology*, n.54, (pp. 461 – 490).

GUNTER, B. G. & GUNTER, N. C. (1990). Domestic Division of Labor Among Working Couples: Does Androgyny make a Difference? *Psychology of Women Quaterly*, 14, 335-370.

HALL, S. (2002). *Identidades culturais na Pós-modernidade*. Tradução Tomaz & Guacira. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP & A Editora

HARKNESS, S.; SUPER, C. M. (1992). Parental ethnotheories in action. Em: Siegel, S.; McGillicudy-DeLisi, A. V. & J. Goodnow, J. (Orgs). *Parental Belief systems: the psychological consequences for children* (pp. 373-392). Hillsdale, NJ e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.

HARKNESS, S.; SUPER, C. M. (1994). Developmental niche: a theoretical framework for analyzing the households production of health. *Social Science and medicine*, 38 (2), 219-226.

HARKNESS, S.; SUPER, C. M. (1996). Introduction. Em S. Harkness & C. M. Super (Eds.). *Parents' cultural belief systems: their origins expressions and consequences*. 2<sup>nd</sup> ed. (pp. 1-23). New York: The Guilford Press.

HARKNESS, S.; SUPER, C. M. (2006). Themes and variations: parental ethnotheories in western cultures. Em: K. Rubin & O. B. Chung, *Parental beliefs, parenting and child development in cross – cultural perspective* (pp. 61 – 79). New York: Psychology Press.

HARKNESS, S.; SUPER, C. M.; AXIA, V.; ELIASZ, A.; PALACIOS, J. & WELLES – NYSTRÖM, B. (2001). Cultural pathways to successful parenting. *International Society for the study of behavioral development newsletter*, 1 Serial n. 38, 9 – 13.

HARKNESS, S.; SUPER, C. M.; MOSCARDINO, U.; RHA, J. – H.; BLOM, M.; HUITRÓN, B. et al. (2007). Cultural models and developmental agendas: implications for arousal and self- regulation in early infancy. *The journal of developmental processes*, 2 (1), 5 - 39.

HENNIGEN, I& GUARESCHI, N. M. F. (2002). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*, 14, 44-68.

IBGE (2008). Divisão territorial do Brasil e limites territoriais. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE). Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br>>.

JABLONSKI, B. (1991) *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Agir.

KELLER, H. (1996). Evolutionary approaches. Em: J. Berry, Y. Poortinga & J. Pandey, *Handbook of cross – cultural Psychology* (vol. 1, pp. 215 – 256). Boston: Allyn and Bacon.

KELLER, H. (2000). Human parent-child relationships from an evolutionary perspective. *Journal American Behavioral Scientist*, 43 (6), 957-969.

KELLER, H. (2002). Human parent-child relationships from an evolutionary perspective. *American Behavior Scientist*, 43, 957-969.

KELLER, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

LAMB, M. E. (1997). *The Role of the Father in Child Development*. 3a. ed. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.

LAMM, B.; KELLER, H.; YOVSÍ, R. D. & CHAUDHARY, N. (2008). Grandmaternal and maternal ethnotheories about early child care. *Journal of Family Psychology*, 22 (1), 80 – 88.

LARAIA, R. de B. (2002). *Cultura: um conceito antropológico*. 23ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

LEVY-SHIFF, R. & ISRAELASHVILI, R. (1998). Antecedents of fathering: some further exploration. *Developmental Psychology*, 24, 434-440.

LORDELO, E. R. (2002a). Contexto e desenvolvimento humano: Quadro conceitual. Em E. R. Lordelo.; A. M. A. Carvalho. & S. H. Koller. *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* (pp. 5-18). São Paulo: Casa do Psicólogo

LORDELO, E. R. (2002b). Interação social e responsividade em ambientes doméstico e de creche: Cultura e desenvolvimento. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), 285-296.

LORDELO, E. R.; FONSECA, A. L. & ARAÚJO, M. L. V. B. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: Crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (1), 73–80.

LOURO, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

- MANHEIM, Karl (1982). A questão das gerações. Em M. M. Foracchi (org). *Sociologia*. São Paulo: Ática
- MARIDAKI-KASSOTAKI, K. (2000). Understanding Fatherhood in Greece: Father's Involvement in Child Care. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 213-219.
- MARTINS FILHO, E. (1963). Os três caminhos para as Minas Gerais. *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*. Dep. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro
- MUZIO, P. A. (1998). Paternidade (ser pai) ... para que serve? Em: Silveira, P. (Org.) *Exercício de paternidade*, (PP. 165-174). Porto Alegre: Artes Médicas.
- NOLASCO, S. (1995) *O mito da masculinidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- PAIS, J. M. (1998). Introdução. Em *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa: Secretaria de Estado da Juventude
- PEIXOTO, L. Q. C. (1951). *Principais antigos caminhos fluminenses para as Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Imprensa Estadual
- PIOVANOTTI, M. (2007). Crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil. *Dissertação de Mestrado em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina*, Florianópolis.
- PONDÉ, F. P. A. (1971). O Porto Estrela. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 293, p. 3593.
- PRADO, A. B. & VIEIRA, M. L. (2003). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de Ciências Humanas*, 34, 313-334.
- PRADO, A. B.; PIOVANOTTI, M. R. A. & VIEIRA, M. L. (2004). Não basta ser pai, tem que participar. *Psicologia Brasil*, 2 (12), 12-16.
- PRADO, A. B. (2005). Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na compreensão do comportamento paterno. *Dissertação de mestrado em Psicologia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina*.
- REZENDE, A. L. M. & ALONSO, I. L. K. (1995). O perfil do pai cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 5, 66-81.
- RIBAS, R. C., Jr., SEIDL DE MOURA, M. L. & BORNSTEIN, M. H. (2003). Socioeconomic status in Brazilian psychological research: II socioeconomic status and parenting Knowledge. *Estudos de Psicologia*, 8 (3), 385-392
- ROBERTS, P. (1996) "Fathers Time". *Psychology Today*, 29, 49-56.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. (1998) A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. Em Souza, L.; Quintal de Freitas, M. F. & Rodrigues, M. M. P. (orgs). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- ROCHA-COUTINHO, M. L. (2003). Quando o executivo é uma “dama”. A mulher, a carreira, e as relações familiares. Em: T., Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: Arranjos e demandas contemporâneas* (PP. 15-30). Rio de Janeiro: NAU.
- RODRIGUES, M. M. P. (1998a). Evolução do investimento parental em primatas, o caso do *Homo sapiens*. EM: L. Souza; M. F. Q. Freitas; M. M. P. Rodrigues (orgs). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes* (PP. 273-292). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RODRIGUES, M. M. P. (1998b). Investimento parental: determinantes biológicos e sociais. *Temas em Psicologia*, 6(3), 199-204.
- ROHNER, R. P.; VENEZIANO, R. A. (2001). The importance of father love history and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, 5, 382-405.
- RUELA, S. F. (2006). Um estudo intergeracional de crenças valorizadas por mães em uma comunidade rural do estado do Rio de Janeiro. *Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*.
- RUELA, S. F. & SEIDL DE MOURA, M. L. (2007). Um estudo do nicho de desenvolvimento de um grupo de criança em uma comunidade rural. *Psicologia em Estudo* (Maringá), 12 (2), pp 315 – 324.
- SARASWATHI, T. S. (2001). Culture and parenting: Beyond description of alternative beliefs and practices. *International Society for the Study of Behavioral Development Newsletter*, 1 Serial n. 38, 14-15.
- SCHAETTE, O. F. M. E. (1946). Inhomirim: 250 anos de paróquia. Petrópolis: Vozes.
- SCIAMMARELLA, E. (2002). *Horrores de Magé – Mitra Diocesana de Petrópolis/RJ*. Rio de Janeiro: Repoarte.
- SEABRA, K. C. (2007) A paternidade em famílias urbanas: análise da participação do pai na creche-escola e nos cuidados com o filho. *Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*.
- SEGALL, M. H.; LONNER, W. J. & BERRY, J. W – C. (1998). Cross-cultural psychology as a scholarly discipline: on the flowering of culture in behavioral research. *American Psychologist*, 53 (10), 1101 – 1110.
- SEIDL DE MOURA, M. L. (1999). Interações iniciais e seu papel no desenvolvimento: Uma contribuição ao estudo da gênese da atividade mediada. *Tese submetida e aprovada em concurso para provimento de vaga para Professor Titular em Desenvolvimento Cognitivo. Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro: UERJ*.
- SEIDL DE MOURA, M. L. (2005). Bases para uma psicologia do desenvolvimento sociocultural e evolucionista. Em F. A. R. Pontes, C. Magalhães, R. Brito & W. Martin (Orgs). *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea*. (pp. 16-41). Belém: EDUFPA.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, R. C.; Jr, PICCININI, C. A.; BASTOS, A.C. S.; MAGALHÃES, C. M. C.; VIEIRA, M. L.; SALOMÃO, N. M. R.; SILVA, A. M. P. M. & SILVA A. K. (2004) Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas em diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de psicologia*, 9 (3), PP. 421 – 429.

SEIDL DE MOURA, M. L. (2009) & RIBAS, A. F. P. (2009). Evolução e desenvolvimento humano. Em M. E. Yamamoto & E. Otta (Orgs.), *Psicologia Evolucionista* (PP. 77 – 85). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

SILVEIRA, P. (1998). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

SOUSA, M. B. C.; HATTORI, M. T.; MOTTA, M. T. S. (2009) Estratégias sexuais e reprodução. Em: M. E. Yamamoto e E. Otta (org) *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

STRAUSS, R. E GOLDBERG, W. A. (1999). Perspectives on father involvement: research and policy. *Social Policy report: society for research in child development*, 13, 2-27.

SUPER, C. & HARKNESS, S. (1986). The developmental niche: A conceptualization at the interface of child and culture. *International Journal of behavioral development*, 9, 545 – 569.

SUPER, C. & HARKNESS, S. (1997). The cultural structuring of child development. Em: J. W. Berry, P. R. Dasen & T. S. Saraswathi, *Handbook of cross-cultural psychology* (2 ed., vol. 2 – Basic processes and human development, pp. 1-39). Needham heights, MA: Allyn & Bacon.

SZAPIRO, A. M. (2003). O indivíduo fora da cidade: questões à transmissão na sociedade contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3 n. 1, 1º semestre

SZAPIRO, A. M. (2005). O outro da prevenção. Em: Medeiros, M. B. (org). Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): integrando prevenção e assistência. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. pp. 38 – 42.

TAMIS LEMONDA, C. S. & CABRERA, N. (1999). Perspectives on father involvement: research and policy. *Social Policy report: society for research in child development*, 13, 2-27.

TEYKAL, C. M. (2007). De pai para filho: Uma reflexão sobre identidade paterna e transmissão intergeracional em duas diferentes gerações. *Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro*.

TOOBY, J. & COSMIDES, L. (1992). The psychological foundations of culture. Em: J. Tooby & L. Cosmides (Orgs.). *The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture*. (pp. 19 -127). New York: Oxford University Press.

- TRINDADE, Z. A.; ANDRADE, C. A. & SOUZA, Q. J. (1997). Papéis parentais e representações da paternidade: A perspectiva do pai. *Psico*, 28 (1), p. 207-222.
- TRINDADE, Z. A. & MENANDRO, M. C. (2002). Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudos de Psicologia*, 7 (1), 15-23.
- TRIVERS, P. L. (1972). Parental Investment and Sexual selection. In: B. Campbell (org.). *Sexual selection and Descent of Man* (pp. 136–179). Chicago: Aldine Press.
- TROMMSDORFF, G. (2002). Na eco-cultural and interpersonal reations approach to development over the life span. Em: W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes & D. N. Sattler (Eds.). *Online Readins in Psychology and Culture* (Unidade 12, Cap. 1) Center for Cross-Cultural Research. Western Washington University, Bellingham, Washington. Disponível: <http://www.wvu.edu/~culture>
- VASCONCELLOS, V. M. R. (1998). O desenvolvimento humano, psicologia e cultura. Em: P., Silveira, (Org.). *Exercício de paternidade*, (PP. 41-45). Porto Alegre: Artes Médicas.
- VENEZIANO, R. A. (2003). The importance of parental warmth. *Cross-Cultural Research*, 37, 265-281.
- VERUCCI, F. (1987) *A mulher e o Direito*. São Paulo: Editora Nobel
- VIEIRA, M. L. (2000) Contribuições da etologia para a compreensão do comportamento humano. In: Anais do XVIII Encontro Anual de Etologia (PP. 11-16). Florianópolis; UFSC/CCB.
- VIEIRA, M. L. & PRADO, A. B. (2004). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis (SC), v. 34, 313-334
- WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C. & VERZA, F. (2005). Compartilha tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- WAGNER, W. & BRONBERGER, N. (2002). Cross-cultural comparison with quantitative and qualitative methods. *Psicologia da Educação*, 14/15, 115-142.
- WENDLAND, J. (2001). A abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 45-56.
- YAMAMOTO, M. E. (Coord.) (2005). *Investimento e cuidado parentais: Aspectos biológicos, ecológicos e culturais*. Projeto de pesquisa do Instituto do Milênio (Psicologia Evolucionista) apresentado ao CNPq. (Aprovado em 22 de setembro de 2005).
- YAMAMOTO, M. E. & LOPES, F. A. (2004). Dize-me o que falas e eu te direi o que comes: Aquisição da linguagem e composição de dieta em crianças. Em M. L. Seidl de Moura (Org.). *O bebê do século XXI e a psicologia do desenvolvimento* (pp. 205–227). São Paulo: Casa do Psicólogo

## 12 ANEXOS

### Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

---



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
CURSO DE MESTRADO**

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### **Pesquisa: Os homens do século XXI no cuidado dos filhos: um papel social em aberto**

**Coordenadora:** Jôse Peixoto

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ângela Donato Oliva

#### **Natureza da pesquisa**

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa, que tem dentre outras finalidades, investigar as crenças sobre os cuidados parentais paterno.

#### **Participantes da pesquisa**

Participarão da pesquisa 100 pessoas, sendo 25 homens com idade entre 25 e 35 anos, 25 mulheres com idade entre 25 e 35 anos, 25 homens com idade entre 55 e 65 anos e 25 mulheres com idade entre 55 e 65 anos. Todos residentes em Magé, cidade do estado do Rio de Janeiro.

#### **Envolvimento na pesquisa**

Ao participar deste estudo você deverá concordar em assinar este formulário de consentimento referente à sua participação nesta pesquisa.

Você tem a liberdade de recusar a participação em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo para você.

Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com a orientadora através do telefone (21)9984-7013 ou com a coordenadora pelos telefones (21)9408-4419 ou (21)3630-0228.

#### **Riscos e desconfortos**

A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, um pequeno sentimento de timidez que algumas pessoas sentem quando estão diante de questionários. Nenhum dos procedimentos utilizados oferecerá riscos a sua dignidade.

#### **Confidencialidade**

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os relatos de pesquisa serão identificados somente por códigos, e não com seu nome. Apenas a pesquisadora terá conhecimento dos dados, que não serão considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre garantindo o anonimato dos participantes.

**Benefícios**

Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa nos dê informações importantes sobre as crenças a cerca dos cuidados parentais paterno.

**Pagamento**

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar dessa pesquisa. Também nada será pago por sua participação. Caso desejar, poderá entrar em contato com a pesquisadora e ter acesso aos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) – Telefone: (021) 2569-3490

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

---

Nome do participante

---

Local e Data

---

Assinatura do participante

---

Assinatura da coordenadora da pesquisa

---

Assinatura da orientadora da pesquisa

**Anexo II – Ficha de identificação**

---

Muito obrigada pela sua participação. Vamos iniciar o questionário pedindo que você nos informe alguns dados pessoais e sócio-econômicos. Os dados que podem identificá-lo(a) não serão disponíveis durante a análise.

**Ficha de identificação**

Código
--------

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Grupo:

1. ( ) homem 25-35 anos
2. ( ) mulher 25-35 anos
3. ( ) homem 55-65 anos
4. ( ) mulher 55-65 anos

Data da aplicação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Início: \_\_\_h:\_\_\_min Duração: \_\_\_\_\_

Observações:

---

---

---

---

---

**Anexo III – Dados Sociodemográficos**

---

Código
--------

**1. Escolaridade:**

Ensino Fundamental ( ) completo ( ) incompleto  
Ensino Médio ( ) completo ( ) incompleto  
Terceiro Grau ( ) completo ( ) incompleto  
Pós-graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

**2. Profissão:**  
\_\_\_\_\_**2.1. Atividade Atual:**  
\_\_\_\_\_**3. Estado civil:**  
\_\_\_\_\_**4. Possui filhos:**

( ) sim ( ) não

**Caso a resposta anterior tenha sido “não” pule para a questão número 5.**

**4.1. Quantos filhos?**  
\_\_\_\_\_**4.2. Idade dos filhos:**  
\_\_\_\_\_**4.3. Sexo dos filhos:**

( ) masculino ( ) feminino

**4.4. Vive com o pai/mãe do(s) filho(s):**

( ) sim      ( ) não

**4.5. Possui neto(s)/neta(s):**

( ) sim      ( ) não

**5. Renda familiar**

- |                               |   |                                  |    |
|-------------------------------|---|----------------------------------|----|
| • Menos de R\$100,00 .....    | 1 | • R\$801,00 a R\$1.000,00 .....  | 8  |
| • R\$101,00 a R\$200,00 ..... | 2 | • R\$1.001,00 a R\$1.300,00 .... | 9  |
| • R\$201,00 a R\$300,00 ..... | 3 | • R\$1.301,00 a R\$1.600,00 .... | 10 |
| • R\$301,00 a R\$400,00 ..... | 4 | • R\$1.601,00 a R\$2.000,00      | 11 |
| • R\$401,00 a R\$500,00 ..... | 5 | • R\$2.001,00 a R\$3.000,00      | 12 |
| • R\$501,00 a R\$600,00 ..... | 6 | • R\$3.001,00 a R\$4.000,00      | 13 |
| • R\$601,00 a R\$800,00 ..... | 7 | • Acima de R\$4.000,00 .....     | 14 |

**6. Por quem você foi criado(a) principalmente?**

Seus pais biológicos (pai e mãe)	1	
Sua mãe biológica	2	
Seu pai biológico	3	
Seus avós	4	
Outros parentes	5	
Pais adotivos ou de criação	6	
Mãe e padrasto	7	
Pai e madrasta	8	
Outras pessoas	9	Quem?
Em um orfanato	10	

---

**Anexo IV – Questionário Função Paterna**

---

Código
--------

**1.** Como é sua lembrança a respeito da figura paterna quando você tinha entre 5 e 10 anos de idade? Poderá escolher até 3 opções.

- |                     |              |
|---------------------|--------------|
| 1. autoritário      | 5. distante  |
| 2. participativo    | 6. cuidador  |
| 3. provedor da casa | 7. rígido    |
| 4. conselheiro      | 8. carinhoso |

**2.** Como era o seu pai? Poderá escolher até 3 opções.

- |                     |              |
|---------------------|--------------|
| 1. autoritário      | 5. distante  |
| 2. participativo    | 6. cuidador  |
| 3. provedor da casa | 7. rígido    |
| 4. conselheiro      | 8. carinhoso |

**3.** Como você acha que um pai deve ser? Poderá escolher até 3 opções.

- |                     |              |
|---------------------|--------------|
| 1. autoritário      | 5. distante  |
| 2. participativo    | 6. cuidador  |
| 3. provedor da casa | 7. rígido    |
| 4. conselheiro      | 8. carinhoso |

**4.** Cite 5 itens que você acredita fazerem parte da função do pai no cuidado com os filhos:

---

---

---

---

---

4. Pensando na sua infância, qual a importância da figura paterna? Por quê?

---

---

---

---

5. Pensando nos dias atuais, qual a importância da figura paterna? Por quê?

---

---

---

---

## Anexo V – Escala sobre Crenças e Práticas Paterna (ECP)

Código
--------

Nós estamos interessados em saber o que você considera ser as atribuições e funções do pai na contemporaneidade. Abaixo estão listadas algumas afirmativas que nós gostaríamos que você avaliasse.

Usando a escala do início da página, dê para cada afirmativa uma avaliação de 1 a 5. Uma nota 1 quer dizer “quase nunca” e uma nota 5 quer dizer “sempre”. Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

1	2	3	4	5
Discordo Plenamente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo Plenamente

**Em relação a crianças de 0 a 1 ano e 11 meses**

1) O pai deve ficar, exclusivamente com o bebê, durante, no mínimo, uma hora por dia.	1	2	3	4	5
2) O pai deve demonstrar carinho e afeto para com o bebê.	1	2	3	4	5
3) O pai também é responsável por preparar papinhas para o bebê.	1	2	3	4	5
4) O pai, mesmo tendo que acordar cedo para ir trabalhar, deve atender a solicitação do bebê quando este chorar durante a madrugada.	1	2	3	4	5
5) Somente nos finais de semana o pai deve atender a solicitação do bebê, quando este chorar de madrugada.	1	2	3	4	5
6) Trocar a fralda também é função do pai.	1	2	3	4	5
7) Dar banho no bebê é uma das atribuições do pai.	1	2	3	4	5
8) Faz parte das atribuições do pai cantar para o bebê dormir.	1	2	3	4	5
9) O pai deve ficar com o bebê, tanto tempo quanto a mãe.	1	2	3	4	5
10) O pai é responsável pelas brincadeiras, enquanto a mãe é responsável pelos cuidados com o bebê.	1	2	3	4	5

**Em relação a crianças de 2 a 5 anos**

1) Estabelecer uma rotina para a criança é uma das atribuições do pai.	1	2	3	4	5
2) No mínimo uma vez por semana, o pai deve contar história para a criança dormir.	1	2	3	4	5
3) O pai deve acordar de madrugada, quando o filho estiver doente para medir sua temperatura e medicá-lo.	1	2	3	4	5
4) Quando a criança faz birra o pai deve recorrer a palmadas.	1	2	3	4	5
5) Quando a criança faz birra o pai deve chamar a mãe para controlar a situação.	1	2	3	4	5
6) É uma das atribuições do pai levar a criança ao parque e brincar com ela.	1	2	3	4	5
7) O pai deve estar atento aos cuidados de higiene, como cortar as unhas, independente de serem filhos do sexo masculino ou feminino.	1	2	3	4	5
8) O pai deve corrigir a criança, quando esta falar errado.	1	2	3	4	5
9) É responsabilidade do pai ensinar bons costumes a criança.	1	2	3	4	5
10) O pai deve estar atento aos sentimentos o filho	1	2	3	4	5

**Em relação a crianças de 6 a 10 anos**

1) O pai deve sempre participar de festas e eventos relacionados ao filho(a).	1	2	3	4	5
2) O pai deve supervisionar as brincadeiras e amizades do filho(a).	1	2	3	4	5
3) É atribuição do pai, brincar com o filho(a).	1	2	3	4	5
4) O pai deve ser o único responsável por prover financeiramente a criança.	1	2	3	4	5
5) O pai deve fazer a mala de viagem da criança somente quando a mãe não puder fazer.	1	2	3	4	5
6) O pai deve ajudar a criança com os deveres escolares.	1	2	3	4	5

7) O pai deve se ocupar de atividades com os filhos (do sexo masculino) enquanto as mães se ocupam de atividades com as filhas.	1	2	3	4	5
8) O pai pode e deve beijar seu filho (sexo masculino) em público.	1	2	3	4	5
9) O pai deve usar de disciplina e firmeza para ensinar a criança.	1	2	3	4	5
10) O pai deve orientar a escolha religiosa do filho.	1	2	3	4	5

## Anexo VI - Escala sobre Crenças e Práticas Paternas – Pretéritas (ECP -P)

Código
--------

Agora, gostaríamos de saber quais eram as atribuições e funções do pai, quando você tinha entre 5 e 10 anos. Abaixo estão listadas algumas afirmativas que nós gostaríamos que você avaliasse.

Usando a escala do início da página, dê para cada afirmativa uma avaliação de 1 a 5. Uma nota 1 quer dizer “quase nunca” e uma nota 5 quer dizer “sempre”. Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

1	2	3	4	5
Discordo Plenamente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo Plenamente

**Em relação a crianças de 0 a 1 ano e 11 meses**

1) Os pais ficavam, exclusivamente com o bebê, durante, no mínimo, uma hora por dia.	1	2	3	4	5
2) Os pais demonstravam carinho e afeto para com o bebê.	1	2	3	4	5
3) Os pais também eram responsáveis por preparar papinhas para os bebês.	1	2	3	4	5
4) Os pais, mesmo tendo que acordar cedo para ir trabalhar, atendiam a solicitação do bebê quando este chorava durante a madrugada.	1	2	3	4	5
5) Somente nos finais de semana é que os pais atendiam a solicitação do bebê, quando este chorava de madrugada.	1	2	3	4	5
6) Trocar a fralda também era função do pai.	1	2	3	4	5
7) Dar banho no bebê era uma das atribuições do pai.	1	2	3	4	5
8) Era uma das atribuições do pai cantar para o bebê dormir.	1	2	3	4	5
9) Os pais ficavam com o bebê, tanto tempo quanto as mães.	1	2	3	4	5
10) Os pais eram responsáveis pelas brincadeiras, enquanto as mães eram responsáveis pelos cuidados com o bebê.	1	2	3	4	5

**Em relação a crianças de 2 a 5 anos**

1) Estabelecer uma rotina para a criança era uma das atribuições do pai.	1	2	3	4	5
2) No mínimo uma vez por semana, os pais contavam história para o filho(a) dormir.	1	2	3	4	5
3) Os pais acordavam de madrugada, quando o filho estava doente, para medir sua temperatura e medicá-lo.	1	2	3	4	5
4) Quando a criança fazia birra o pai recorria a palmadas.	1	2	3	4	5
5) Quando a criança fazia birra o pai chamava a mãe para controlar a situação.	1	2	3	4	5
6) Era uma das atribuições do pai levar a criança ao parque e brincar com ela.	1	2	3	4	5
7) Os pais ficavam atentos aos cuidados de higiene, como cortar as unhas, independente de serem filhos do sexo masculino ou feminino.	1	2	3	4	5
8) Os pais corrigiam a criança, quando esta falava errado.	1	2	3	4	5
9) Era responsabilidade do pai, ensinar bons costumes, a criança.	1	2	3	4	5
10) O pai era atento aos sentimentos o filho	1	2	3	4	5

**Em relação a crianças de 6 a 10 anos**

1) Os pais sempre participavam de festas e eventos relacionados ao filho(a).	1	2	3	4	5
2) Os pais supervisionavam as brincadeiras e amizades do filho(a).	1	2	3	4	5
3) Era atribuição do pai, brincar com o filho(a).	1	2	3	4	5
4) O pai era o único responsável por prover financeiramente a criança.	1	2	3	4	5
5) Os pais faziam a mala de viagem da criança quando a mãe não podia fazer.	1	2	3	4	5
6) Os pais ajudavam a criança com os deveres escolares.	1	2	3	4	5

7) Os pais se ocupavam de atividades com os filhos (do sexo masculino) enquanto as mães se ocupavam de atividades com as filhas.	1	2	3	4	5
8) Os pais beijavam seu filho (sexo masculino) em público.	1	2	3	4	5
9) O pai usava de disciplina e firmeza para ensinar a criança.	1	2	3	4	5
10) O pai orientava a escolha religiosa do filho.	1	2	3	4	5



## Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Sr2 Comissão de Ética em Pesquisa – COEP

Rua São Francisco Xavier, 524, bloco E, 3º. andar, sala 3018 - Maracanã.  
CEP 20550-900 – Rio de Janeiro, RJ.  
E - mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) - Telefone: (21) 2334-2180

### PARECER COEP 108/2009

A Comissão de Ética em Pesquisa – COEP, em sua 8ª Reunião Ordinária em 10 de setembro de 2009, analisou o protocolo de pesquisa nº. **047.3.2009**, segundo as normas éticas vigentes no país para pesquisa envolvendo sujeitos humanos e emite seu parecer.

**Projeto de Pesquisa:** *“O homem do século XXI no cuidado com os filhos: um papel social em aberto”*,

**Pesquisador Responsável:** Ângela Donato Oliva.

**Mestranda:** Jôse Peixoto da Rocha Souza

**Instituição Responsável:** Programa de Pós-graduação em Psicologia Social- UERJ

**Área do Conhecimento:** 7.00- Ciências Humanas – 7.07 – Psicologia

**Palavras-chave:** Investimento parental, crenças parentais, diferenças geracionais no cuidado com os filhos

**Sumário:** Trata-se de um projeto de dissertação de Mestrado que pretende investigar os diversos aspectos que envolvem as crenças de homens e mulheres a respeito dos cuidados e práticas paternas, buscando compreendê-lo através da abordagem sociocultural, pois a figura paterna está ganhando espaço num mundo onde as mulheres participam cada vez mais dos trabalhos remunerados fora do lar. Serão entrevistadas 100 pessoas, divididos por gênero e faixa etária e aplicando questionários, na cidade de Magé, no RJ.

**Objetivo:** Descrever quais são, na atualidade, as crenças de homens e mulheres sobre o comportamento e as atribuições da paternidade e investigar em gerações distintas e sobre os cuidados parentais paternos

**Considerações Finais:** A COEP considerou o projeto bem fundamentado e com metodologia adequada aos objetivos propostos, apresentando os instrumentos de avaliação que serão utilizados.

Após o atendimento à solicitação do Parecer COEP nº073/2009, a Comissão deliberou pela **aprovação** do projeto.

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - **previsto para dezembro de 2010**, para cumprir o disposto no item VII. 13.d da RES. 196/96/CNS. Além disso, a COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

**Situação: Projeto Aprovado**

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 2009.

Prof. Dr. Olinto Pegoraro

Coordenador da Comissão de Ética em Pesquisa - UERJ

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)